

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

STÉFANI FONTANIVE

**OUTRIDADE NO JORNALISMO:**  
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO OUTRO NA NARRATIVA DAS *HARD NEWS*  
DA EDITORIA COTIDIANO DA FOLHA DE S. PAULO

PORTO ALEGRE  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

STÉFANI FONTANIVE

**OUTRIDADE NO JORNALISMO:**  
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO OUTRO NA NARRATIVA DAS *HARD NEWS*  
DA EDITORIA COTIDIANO DA FOLHA DE S. PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Thais Furtado

**Coorientadora:** Me. Camila Freitas

PORTO ALEGRE  
2021

STÉFANI FONTANIVE

**OUTRIDADE NO JORNALISMO:**  
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO OUTRO NA NARRATIVA DAS *HARD NEWS*  
DA EDITORIA COTIDIANO DA FOLHA DE S. PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Thais Furtado

**Coorientadora:** Me. Camila Freitas

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Aline Strelow – UFRGS  
Examinadora

---

Prof. Dr. Basílio Sartor – UFRGS  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aos professores da graduação por todos os ensinamentos durante esses cinco anos.

Gostaria de agradecer a mim, como boa leonina, que escrevi um TCC em meio a uma pandemia, mudança de casa e apartamento alugado. Mas gostaria de agradecer, principalmente, a minha co-orientadora, Camila Freitas, que esteve comigo durante esse mais de um ano de processo, me explicou como escrever um texto acadêmico, com muitos ensinamentos a cada subcapítulo, também por todas as conversas sobre a vida, sobre *The Sims* e as dicas de livros. Camila, você transformou o processo de escrita deste TCC em algo leve e tranquilo e foi um presente nesse período caótico, aprendi muito contigo e sinto que formamos uma amizade sincera. Esse trabalho não seria metade do que é sem a sua presença e sua ajuda. Muito obrigada por tudo!

Também minha orientadora, Thaís Furtado, por aceitar esse papel, por acompanhar minha trajetória na pesquisa e por sua disposição durante o período de orientação e aconselhamentos, além de todos os ensinamentos durante a faculdade!

À minha mãe, Inez, que sempre me apoiou, incentivou e que, de onde ela estiver, sei que está torcendo por mim – e espero que orgulhosa. A meu pai, Ivanor, responsável por me deixar vir para Porto Alegre e por sempre incentivar meus estudos. Minhas irmãs, Gisele e Aline, por todas as conversas, risos e companhia constante. Ao meu cunhado, Fabrício, que já é meu irmão.

À família que não é de sangue, mas tive a sorte de formar durante a vida: minha amiga Tábata, por me aguentar em todos os surtos, principalmente quando eu dizia que não conseguiria escrever; por transformar fotos de livros em PDF; por ter comemorado todos os passos comigo, ter revisado meus capítulos, além de todos os momentos incríveis que vivemos juntas e todos os cafés no Sala Precisa, sempre que uma precisava da outra. Isabela e Ariel, por todo o suporte nos períodos difíceis; se não fosse por vocês, eu não teria aguentado o início deste ano! Milena, por ser minha melhor amiga, por estar comigo desde a creche, por aguentar meus choros e por ser essa presença constante na minha vida. Karine, obrigada por toda a ajuda, companhia e debates sobre qual seria a melhor tradução para os termos em inglês. Ao Shannon, por encontrar todos os livros de que eu precisava, pelos debates sobre a dificuldade de escrever na pandemia e por ficar comigo em todos os meus momentos de

medo. Ao Eduardo, por sua amizade, conversas, risos e conselhos. Amigos, amo vocês, obrigada por tudo; sou extremamente privilegiada por estar cercada por vocês!

A todas as pessoas que torceram por mim e, de alguma forma, auxiliaram-me durante esses cinco anos na faculdade: sou extremamente grata por todo o apoio, e sei que algo certo estou fazendo da vida quando vejo minha rede de suporte!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral entender a construção narrativa do outro nas *hard news* da editoria Cotidiano do jornal Folha de S. Paulo. Em busca de uma resposta para o problema de pesquisa – como o outro é construído na narrativa jornalística das *hard news* do jornal Folha de São Paulo? –, o trabalho divide-se em dois eixos teóricos: o estudo do jornalismo e o estudo da alteridade e da outridade. Em relação ao jornalismo, compreendemos que ele é uma forma de conhecimento que se baseia na construção da realidade social, sendo assim, os textos presentes nos jornais auxiliam a sociedade a compreender – e também a manter – essa realidade. Sobre a alteridade e a outridade, trouxemos referências da filosofia para explicar os conceitos, além de contextualizá-los dentro do jornalismo. Como metodologias, utilizamos, para a parte quantitativa, a Análise de Conteúdo e, para a parte qualitativa, a Análise de Narrativa. Ao fazermos o levantamento e a organização do material presente na editoria Cotidiano, na versão digitalizada de sua versão impressa, no período de julho a outubro de 2019, encontramos 298 *hard news*. Por meio da Análise de Conteúdo, separamos o *corpus* consolidado, que contou com 183 *hard news*, nos quais identificamos seis tipos de sujeitos: o outro criminoso, o outro familiar, o outro invisível, o outro personalidade, o outro vítima e o outro testemunha.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Alteridade; Outridade; Cotidiano; Folha de S. Paulo.

## ABSTRACT

The present final paper has, as a general objective, to understand the narrative construction of the other in the *hard news* in the daily section of the newspaper Folha de S. Paulo. In search of an answer to the question of the research problem – how is the other constructed in the journalistic narrative of the hard news of the Folha de São Paulo newspaper? - the work is divided in two theoretical axes: the study of journalism and a study of alterity and otherness. In relation to journalism, we understand that it is a form of knowledge that is based on the construction of social reality, therefore, the texts present in newspapers help society to understand - and also maintain - that reality. On alterity and otherness, we brought references from philosophy to explain the concepts, in addition to contextualizing them within journalism. As methodologies, we use, for the quantitative part, the Content Analysis and, for the qualitative part, the Narrative Analysis. When we surveyed and organized the material present in the daily edition in the digital version of its printed version, from July to October 2019, we found 298 hard news. Through Content Analysis, we separated the consolidated *corpus*, which featured 183 hard news, in which we identified six types of subjects: the other criminal, the other family member, the invisible one, the other personality, the other victim and the other witness.

**Keywords:** Journalism; Alterity; Otherness; Cotidiano; Folha de S. Paulo.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Exemplo de notícia sobre outro criminoso.....	97
<b>Imagem 2:</b> Exemplo de notícia sobre o outro familiar.....	98
<b>Imagem 3:</b> Exemplo de notícia sobre o outro invisível.....	99
<b>Imagem 4:</b> Exemplo de notícia sobre o outro personalidade.....	99
<b>Imagem 5:</b> Exemplo de notícia sobre o outro vítima.....	100
<b>Imagem 6:</b> Exemplo de notícia sobre o outro testemunha.....	101
<b>Imagem 7:</b> Exemplo de tom cômico na notícia.....	102
<b>Imagem 8:</b> Exemplo de tom cômico relacionado com um personagem.....	104

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> <i>Hard News</i> e suas temáticas – todas as notícias mapeadas.....	84
<b>Tabela 2:</b> <i>Hard News</i> e suas temáticas – <i>corpus</i> consolidado.....	85
<b>Tabela 3:</b> Os sujeitos encontrados nas <i>hard news</i> e suas temáticas – <i>corpus</i> consolidado.....	96

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO: O CONSTRUTOR SOCIAL DA REALIDADE.....</b>	<b>13</b>
2.1 O JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO.....	13
2.2 CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E IDEAL DE VERDADE.....	23
2.3 NOTÍCIAS.....	37
<b>3 ALTERIDADE E OUTRIDADE.....</b>	<b>45</b>
3.1 ALTERIDADE E OUTRIDADE NO JORNALISMO.....	45
3.2 RECONHECIMENTO DO OUTRO PELA OUTRIDADE.....	54
3.3 O OUTRO DO TEXTO JORNALÍSTICO.....	60
<b>4 AS METODOLOGIAS: ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DE NARRATIVA.....</b>	<b>67</b>
4.1 O OBJETO DE PESQUISA: FOLHA DE S. PAULO E A EDITORIA COTIDIANO.....	67
4.2 SOBRE A ANÁLISE DO OBJETO.....	70
4.2.1 Análise de conteúdo.....	70
4.2.2 Análise de narrativa.....	74
<b>5 A ANÁLISE: O OUTRO NAS <i>HARD NEWS</i> DA FOLHA DE S. PAULO.....</b>	<b>81</b>
5.1 A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	82
5.2 A ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	83
5.3 A ANÁLISE DE NARRATIVA.....	87
5.3.1 As histórias contadas pela editoria cotidiano.....	88
5.3.2 As narrativas e seus conflitos construídos pelas <i>hard news</i> .....	91
5.3.3 A construção de personagens nas narrativas.....	94
5.3.4 As estratégias argumentativas.....	101
5.3.5 As metanarrativas.....	104
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca, no decorrer de seis capítulos – incluindo introdução e considerações finais –, responder ao seguinte problema de pesquisa: como o outro é construído na narrativa jornalística das *hard news* do jornal Folha de S. Paulo? O objeto de pesquisa é a editoria Cotidiano do jornal, uma editoria diária, presente nesse veículo de comunicação desde o ano de 1991.

O objetivo geral da pesquisa é entender a construção narrativa do outro nas *hard news* da editoria Cotidiano do jornal Folha de S. Paulo. Para alcançar o objetivo geral, foram traçados cinco objetivos específicos: 1) entender o que é a outridade, 2) identificar se há um outro na Folha; caso esse objetivo seja verificado, ele gera outros três objetivos: 3) identificar quem é o outro na editoria Cotidiano da Folha, 4) identificar como ele é apresentado, 5) identificar se há outridade no jornal estudado.

Para alcançar esses objetivos, foram construídos três capítulos teóricos: o primeiro abordando teorias específicas do jornalismo; o segundo refletindo sobre quem é o outro e sobre o conceito de outridade; o terceiro apresentando teoricamente as metodologias utilizadas para a análise do objeto de pesquisa. Há, também, um capítulo dedicado para a análise do objeto.

O primeiro capítulo teórico tem como objetivo focar no jornalismo e divide-se em três tópicos. Traz uma reflexão sobre o jornalismo como forma de conhecimento, debatendo se ele pode ser considerado uma ciência e sobre sua importância para a construção social da realidade. Esse ponto nos auxilia a responder nosso problema de pesquisa por destacar a importância do jornalismo no debate público, além de apresentar a ideia de Berger e Luckmann (2004a) de que o jornalismo constrói a realidade social. Se o jornalismo constrói essa realidade, ao apresentar um sujeito – e aqui nós trabalhamos esse sujeito como outro –, ele também estará apresentando a construção desse sujeito para sociedade, que pode, a partir disso, guiar seus comportamentos. O ponto seguinte abordado no capítulo é o contrato de comunicação e o ideal de verdade. Ressaltamos que o jornalismo se baseia em um contrato, que Alsina (2009) chama de fiduciário: o jornalismo promete dizer a verdade. Entramos, então, em uma discussão teórica sobre o que é verdade e o que caracteriza o “bom jornalismo”. Esse tópico nos dá base para a análise feita no capítulo final. O terceiro ponto deste capítulo define o que é notícia e, especificamente, as *hard news*.

O segundo capítulo teórico busca entender o que é alteridade e outridade. Como nosso interesse é sobre o outro, precisamos compreender quem é esse outro e como ele está presente no jornalismo. Com base em Treanor (2006) e Freitas (2017), encontramos o conceito de outridade: uma análise específica do outro. Divide-se em três momentos: primeiro, explicando o que é a alteridade e a outridade, situando os termos dentro do jornalismo; em seguida, tratando sobre onde o outro se encaixa na outridade; por último, sobre como o outro se enquadra nos textos jornalísticos.

O terceiro e último capítulo teórico tem como base apresentar as duas metodologias utilizadas para a análise do objeto de pesquisa: Análise de Conteúdo, com base em Bardin (1977), e Análise de Narrativa, com Motta (2008, 2013). O quinto capítulo deste estudo, da análise em si, debruça-se sobre o *corpus* da pesquisa para desmembrá-lo e entendê-lo. Há a descoberta de quem é o outro na editoria Cotidiano e como ele se apresenta nas notícias. No capítulo final, apresentamos nossas considerações finais, respondendo como o outro é construído na narrativa das *hard news* da editoria Cotidiano do jornal Folha de S. Paulo.

Ao fazer pesquisas e leituras referentes às temáticas abordadas neste TCC, percebemos que há poucas pesquisas, na área da Comunicação, feitas nos últimos anos que buscam estudar como o jornalismo apresenta grupos não hegemônicos. O termo “outridade” – retomado por Siqueira (2017) da área da Filosofia e aplicado ao Jornalismo – ainda é novo no jornalismo e foi pouco pesquisado, o que mostra um caminho original quanto ao tema deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ademais, quem é o “outro”, o que é a “outridade” e como a alteridade se apresenta no jornalismo? Esses são debates socialmente importantes para que se entenda como certos sujeitos e grupos são introduzidos e apresentados para a sociedade por meio da atividade jornalística. Nesse caso, o outro nunca é o outro em si, mas uma percepção de quem ele é – interpretado pelo repórter, pelos editores e, finalmente, pelo público. Ao reconhecer a existência do outro, pode-se entender como os jornais tratam o modo de ser do outro individualmente e, ainda, dos grupos não hegemônicos. Nesse contexto, é importante perceber se o carregamento de preconceitos e julgamentos de valores presentes na sociedade são transpostos para os produtos jornalísticos. A escolha da Folha de S. Paulo ocorreu por sua importância histórica e pelo grande número de leitores que tem. O jornal foi fundado em 1921, com o nome de Folha da Noite. Dois anos depois, ocorreu o lançamento da versão matutina, o Folha da Manhã, e, 24 anos depois, do Folha da Noite. Com um histórico de inovações, como ser a primeira redação informatizada da América do Sul e o primeiro jornal

brasileiro a inserir o cargo de *ombudsman*, a Folha tornou-se um jornal de referência no país. Em 1963, tornou-se o jornal de maior circulação no Brasil (COHN et al, 2009.) e, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>1</sup>, a liderança repetiu-se em 2019, com a média mensal de 328.438 exemplares pagos diariamente, entre sua versão digital e física.

A opção pelas *hard news* foi por suas características: a cobertura de eventos inesperados, a rapidez e o fato de ter um modelo pré-estabelecido para ser seguido, além do grande número de notícias produzidas diariamente (TUCHMAN, 1973; TRAQUINA, 2020a; CORREIA, 2011). Essas notícias são rápidas de serem produzidas e divulgadas por tratarem de assuntos considerados “quentes” no jornalismo. Ou seja, tratam de acontecimentos que estão sendo debatidos no momento. Consideramos importante entender como o outro é apresentado nessas notícias curtas, em que não há espaço nem tempo para aprofundamento dos contextos.

---

<sup>1</sup> A informação foi disponibilizada em diversas notícias, tanto pela própria Folha de São Paulo (FOLHA DE SÃO PAULO. **Folha cresce e lidera circulação entre jornais do país em 2019**, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/folha-cresce-e-lidera-circulacao-entre-jornais-do-pais-em-2019.shtml>>. Acesso em: jun. 2020) e no site Meio e Mensagem, que analisa informações sobre comunicação no Brasil (SACCHITIELO, Bárbara. **Circulação dos maiores jornais do país cresce em 2019**, Meio e Mensagem, 21 jan. 2020. Disponíveis em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>>. Acesso em: jun. 2020).

## 2 JORNALISMO: O CONSTRUTOR SOCIAL DA REALIDADE

Neste capítulo falaremos do jornalismo como uma forma de conhecimento, com base em Park (2008), Genro Filho (1987) e Meditsch (1997, 2001, 2010). Por entender que esse conhecimento possui características próprias, já que se dá pela circulação de informação e de acontecimentos que ocorrem na realidade – a qual o jornalismo também auxilia a construir – discutiremos sobre a construção social dessa realidade, com base em Berger e Luckman (2004a) e sobre como o jornalismo afeta essa construção (ALSINA, 2009; BERGER E LUCKMAN, 2004a, 2004b; GAMSOM ET AL, 1992).

Na sequência, apresentaremos o jornalismo como gênero discursivo, com base em Charaudeau (2013), Benetti (2008), e Benetti e Reginato (2014), partindo para as características de um bom jornalismo. Utilizamos as teorias de Kovach e Rosenstiel (2014), trazendo a questão da verdade à discussão, com Coutinho (2004), Cornu (1999, apud COSTA, 2017) e Cornu (1999, apud ALSINA E SILVA, 2018), assim como a noção de opinião pública, com Lippmann (2008), e a captação do leitor pelas emoções, com Benetti e Reginato (2014) e Gadret (2016).

Já no final deste capítulo, falaremos sobre o tipo de notícia com o qual iremos trabalhar como objeto empírico deste Trabalho de Conclusão de Curso: as *hard news*. Para isso, encontramos suporte em Traquina (2020a, 2020b), Tuchman (1973, 1978, 1993), Correia (2011), Motta (2002, 2003, 2004, 2005), McQuillan (2000) e Bird e Dardenne (2011).

### 2.1 O JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Este subcapítulo, que aborda o jornalismo, é guiado pela seguinte pergunta: o jornalismo é uma forma de conhecimento? Sabemos que há mais de uma resposta para essa indagação e, certamente, mais de uma teoria para justificar a resposta. Nesta seção, buscaremos apresentar o nosso entendimento sobre o questionamento proposto, levando em consideração a noção de que o jornalismo, enquanto atividade atenta aos acontecimentos do cotidiano, descreve os acontecimentos relevantes e os apresenta ao público a partir de uma realidade posta (PARK, 2008; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH 1997, 2001, 2010). Questiona-se, então, que realidade é essa e como ela é construída.

Berger e Luckmann (2004a) iniciam sua teoria sobre a construção da realidade social justificando que ela deve ser entendida como parte da sociologia do conhecimento, que “diz

respeito à análise da construção social da realidade” (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 14, grifo dos autores). Para isso, os autores dividem a teoria em três partes: a primeira busca explicar como se constrói a realidade no cotidiano, a segunda, como essa realidade se torna objetiva e a terceira, como se torna subjetiva (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

Ao analisarem a construção da realidade, os autores afirmam que há múltiplas realidades, que elas se apresentam em diferentes formas, porém há nesse processo perceptivo “a realidade por excelência” (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 38): a do cotidiano

Comparadas à realidade da vida cotidiana, as outras realidades aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante marcada por significados e modos de experiência delimitados. A realidade dominante envolve-as por todos os lados, por assim dizer, e a consciência sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 42-43).

Essa realidade é construída e confirmada por meio de interações sociais, e a linguagem encontra-se em um ponto central, já que é ela quem permite o diálogo, além de unir o coletivo em um ponto comum (BERGER; LUCKMANN, 2004a). O indivíduo constrói e aprende a realidade ao entrar em contato com o outro, pois “na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois” (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 47). Esse outro do qual os autores falam é real, portanto o mundo que se partilha durante a interação é da mesma forma real (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

Apresentada a realidade do cotidiano, Berger e Luckmann (2004a) explicam que ela se divide em duas condições: objetiva e subjetiva. Se a objetiva se centra no que está dado no mundo, nas regras e formas de convivências, a subjetiva diz respeito à internalização de tais regras e formas no âmbito do indivíduo, no que este internaliza e apreende do e no mundo.

“Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 72). Essa é uma das explicações do mundo objetivo, é o homem que constrói e define a sociedade. (BERGER; LUCKMANN, 2004a). Porém, para Berger e Luckmann (2004a), além de produzir a sociedade, o homem também é produzido e definido por ela.

A relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 87).

O comportamento social e até a sociedade são criados por meio da institucionalização de crenças e formas de agir. (BERGER; LUCKMANN, 2004a). O ponto inicial, apontam Berger e Luckmann (2004a), para que ocorra o surgimento das institucionalizações é que haja um hábito. Quando muitas pessoas passam a ter o mesmo hábito, esse se fixa e torna-se uma instituição, e as informações, os modos de agir e os próprios hábitos das instituições devem ser apreendidos e compreendidos por todos os seus membros. (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por ser oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. É importante acentuar que este caráter controlador é inerente à institucionalização. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 79-80).

Os autores também afirmam que “quanto mais a conduta é institucionalizada tanto mais se torna predizível e controlada” (BERGER; LUCKMANN, p. 89, 2004a), quanto mais arraigada nos pensamentos e na sociedade estão as condutas que a instituição conduz e afirma serem a correta forma de viver em sociedade, mais o comportamento dos homens torna-se um padrão. (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

Esse conhecimento da instituição é o que se chama de saber comum, ou senso-comum,

É a soma de tudo aquilo que ‘todos sabem’, a respeito do mundo social, um conjunto de máximas, princípios morais, frases proverbiais de sabedoria, valores e crenças, mitos, etc., cuja integração teórica exige considerável força intelectual, conforme comprova a longa linha de heroicos integradores, de Homero aos últimos construtores de sistemas sociológicos. No nível pré-teórico, porém, toda instituição tem um corpo de conhecimento transmitido como receita, isto é, conhecimento que fornece às regras de conduta institucionalmente adequadas. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 93).

Já a sociedade como realidade subjetiva, ou a realidade na consciência do sujeito, divide-se em níveis de socialização. (BERGER; LUCKMANN, 2004a). Para Berger e Luckmann (2004a, p. 175), “a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade”. Essa realidade é apreendida por meio do convívio com as pessoas próximas, como familiares, e ocorre a partir do nascimento. É uma “forma complexa de interiorização, não somente ‘compreendo’ os processos subjetivos momentâneos do outro, mas ‘compreendo’ o mundo em que vive e esse mundo torna-se o meu próprio”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 174). É onde e como se conhece o mundo, se aprende o que é certo e errado em determinada sociedade e

quais comportamentos devem ser seguidos e internalizados. (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

De acordo com Berger e Luckmann (2004a), essa interiorização é a mais forte e possui raízes mais profundas e as “verdades” mais difíceis de serem modificadas. Como os autores afirmam, “são necessários graves choques no curso da vida para desintegrar a maciça realidade interiorizada na primeira infância”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 190).

Os autores ressaltam, entretanto, que “nenhum indivíduo interioriza a totalidade daquilo que é objetivado como realidade em sua sociedade, mesmo que a sociedade e seu mundo sejam relativamente simples”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 179). Como é impossível que apenas um indivíduo possua todo o conhecimento da realidade, Berger e Luckmann (2004a) explicam o que eles chamam de distribuição social do conhecimento, que “começa assim com o simples fato de não conhecer tudo o que é conhecido por meus semelhantes, e vice-versa, e culmina em sistemas de perícia extraordinariamente complexos e esotéricos”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 68).

A socialização secundária seria um conhecimento mais específico e volta ao termo de distribuição social do conhecimento, já que cada pessoa conheceria um assunto de forma aprofundada, mas não conheceria outro, seria o conhecimento “das funções específicas, funções diretas ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho”. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p.185). Para os autores:

A socialização secundária é a interiorização de “submundo” institucionais ou baseados em instituições. A extensão e o caráter destes são, portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 184-185).

Para se compreender a realidade cotidiana são necessários diversos conhecimentos, chamados, muitas vezes, de senso-comum, adquiridos no decorrer da vida, aprendidos de diferentes formas e que ensinam o ser humano a se comportar nessa realidade, ao mesmo tempo em que a constrói. (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

Apesar de ser muito usado para justificar o jornalismo como forma de conhecimento, Berger e Luckmann (2004a) não falam sobre ele em sua obra sobre o assunto. Meditsch (2010) já havia notado esse fato.

Berger & Luckmann jamais colocam a mídia numa posição central deste processo. Pelo contrário, relativizam os seus efeitos no processo de socialização na medida em que seus enunciados são escrutinados pelo indivíduo receptor, quer por sua experiência direta com os fatos ou temas relatados (por suas rotinas e vínculos

institucionais), quer pela consideração da opinião das pessoas que lhes são próximas e mesmo nem tão próximas, pelas redes sociais de que participa. (MEDITSCH, 2010, p. 5).

Como aponta Meditsch (2010), Berger e Luckmann (2004a, p. 202) concordam e afirmam que “o veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa”. Apenas ao revisitarem os fatores construtores da realidade social e em seu texto sobre as crises do mundo moderno é que os meios de comunicação são citados como produtores – o jornalismo, como entidade separada dos meios de comunicação, permanece sem ser citado. (BERGER; LUCKMANN, 2004b).

Uma palavra a respeito dos meios de comunicação de massa desde a atividade editorial até a televisão: como já se observou muitas vezes e acertadamente, essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido ou, melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que às outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre sua forma de difusão. (BERGER; LUCKMANN, 2004b, p. 68).

Já Alsina (2009), diferente de Berger e Luckmann (2004a; 2004b), coloca o jornalismo – e o jornalista – em um papel fundamental na construção da realidade social. Para o autor, há duas formas de se analisar essa construção, a primeira é que não existe uma realidade e a segunda é “que o jornalismo é quem cria a realidade”. (ALSINA, 2009, p. 46). Alsina afirma que defende a segunda visão – com algumas inclusões. Ele diz, apesar de concordar que o jornalismo constrói a realidade social, que ele não é o único construtor, ressaltando que “a construção da realidade social por parte da mídia é um processo de produção, circulação e reconhecimento” (ALSINA, 2009, p. 47), de forma que não basta o jornalista redigir e produzir a notícia, ela precisa circular e ser entendida e reconhecida por seus leitores. (ALSINA, 2009).

É por meio de sua legitimação “para gerar construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p. 46) que o jornalista também adquire seu *status* de profissionalização, já que a função de produtor da realidade é, inclusive, um dos vieses apresentados pelo autor no estudo da profissionalização do jornalismo.<sup>2</sup> (ALSINA, 2009).

---

<sup>2</sup> Para Alsina (2009), há três correntes de pesquisa: a funcionalista, a crítica e a interpretativa. A funcionalista afirma que a função do jornalista é de “selecionar informações do dia partindo de critérios profissionais”. (ALSINA, 2009, p. 213), enquanto que, para a visão crítica, o papel do profissional é político, e tem como

Nessa visão, chamada de interpretativa, a função do jornalista é ser o “construtor da realidade a partir de uma institucionalização do seu próprio papel e de determinados mecanismos de produção”. (ALSINA, 2009, p. 214). Por esse viés, o jornalista não apenas seleciona as informações, mas também as produz por meio dos aparatos técnicos e do conhecimento da profissão. (ALSINA, 2009). O autor entende que “o jornalista tem como matéria-prima do seu trabalho a construção da realidade social que as fontes de informação criam”. (ALSINA, 2009, p. 228). O autor também explica que:

A construção da realidade social da mídia, opera e se estrutura graças a outras construções da realidade, que estão presentes num primeiro nível da experiência social. A especificidade da construção social da realidade da mídia baseia-se no re-objetivar, no re-definir, no re-construir, em função da dimensão pública e coletiva da informação de massas de uma determinada realidade que se apresenta já objetiva, definida e construída de modo individual, privado, grupal e coletivamente. (ALSINA, 2009, p. 232).

Meditsch (2010) concorda com Alsina (2009) sobre o jornalismo contribuir com a construção social, mas não é o único, estando “em diálogo permanente com os demais atores sociais”. (MEDITSCH, p.18, 2010). O autor volta à noção de socialização primária e secundária de Berger e Luckmann (2004a) e coloca o jornalismo em um ponto único, que não pertence a nenhum desses:

O jornalismo, por fim, participa da socialização do conhecimento, ainda que de forma terciária e provavelmente menos marcante que as socializações primária e secundária observadas por Berger & Luckmann na construção social da realidade, embora igualmente importante na dinâmica social. (MEDITSCH, 2010, p. 18).

Outro estudo que apresenta o jornalismo como construtor social da realidade é de Gamson et al (1992). Diferente dos autores citados, que afirmam que o jornalismo constrói a realidade, eles discutem como é a realidade que o jornalismo produz, afirmando que é “uma visão fragmentada e confusa do mundo”<sup>3</sup>. (GAMSON ET AL, 1992, p. 387).

Também explicam que o jornalismo auxilia em uma visão homogênea do mundo, que não mostra ao leitor apenas o que ele precisa saber, mas como ele precisa saber, e esse saber, normalmente, além de naturalizar as relações de poder, se oferece como um ponto de vista e uma ideia de mundo, de modo que a realidade seja apresentada como verdade para o público –

---

responsabilidade “despertar a consciência sobre as injustiças sociais. A corrente interpretativa será abordada no texto.

<sup>3</sup> No original: “a fragmented and confusing view of the world”.

nessa concepção há uma visão que favorece os “poderosos” socialmente. (GAMSON ET AL, 1992).

Ao fim do estudo e com um tom um tanto pessimista, os autores afirmam que:

A mídia geralmente opera de uma forma que promove apatia, cinismo, e quietude, ao invés de cidadania ativa e participação. Além disso, todas as tendências parecem estar na direção errada – indo em direção a mais e mais mensagens, de menos e cada vez maiores produtores, que dizem cada vez menos. (GAMSON ET AL, 1992, p. 391, tradução nossa<sup>4</sup>).

Conforme apontado no início do capítulo, o jornalismo apresenta ao público uma realidade posta – que ele auxilia na construção – e, por fazer parte dessa construção da realidade, torna-se uma forma de conhecimento. Entrando especificamente nos estudos que buscam justificar que o jornalismo é uma forma de conhecimento, Machado (2005, p. 29) afirma que “Park foi o primeiro que ousou definir a natureza do conhecimento produzido pelo jornalismo”.

Park (2008) define que o jornalismo produz conhecimento, pois apresenta para o público informações sobre a sociedade, sobre a realidade presente, que são necessárias para a vida diária, porque a notícia “possui um interesse pragmático mais que apreciativo para aquele que ouve ou lê”. (PARK, 2008, p. 64).

É importante, antes de nos aprofundarmos na discussão sobre o jornalismo como conhecimento, explicar que Park (2008) utiliza o termo notícia<sup>5</sup> como sinônimo de jornalismo. O autor também define qual seria a função dessa notícia para a sociedade, que é de “orientar o homem e a sociedade num mundo real. À medida que ela consegue isto, a notícia tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade”. (PARK, 2008, p. 69).

Para definir o jornalismo como conhecimento, Park (2008) buscou dois termos da psicologia, de William James, o *acquaintance with* (familiaridade-com) e o *knowledge about* (conhecimento-sobre)<sup>6</sup>. O primeiro seria o conhecimento do senso-comum, ou como o autor explica “é um tipo de conhecimento que alguém inevitavelmente adquire ao longo de seus

---

<sup>4</sup> No original: “The overwhelming conclusion is that the media generally operate in ways that promote apathy, cynicism, and quiescence rather than active citizenship and participation. Furthermore, all the trends seem to be in the wrong direction-toward more and more messages, from fewer and bigger producers, saying less and less. That is the bad news.”

<sup>5</sup> A palavra notícia pode ter mais de uma definição. Essas definições serão aprofundadas no subcapítulo 2.3, utilizando-se Correia (2011).

<sup>6</sup> Tradução de ambos os termos utilizada por Freitas (2017), em sua dissertação de mestrado: *Alteridade e Jornalismo: A Outridade na Editoria Mundo da Folha de São Paulo*.

encontros pessoais e de primeira mão com o mundo ao seu redor” (PARK, 2008, p. 52); enquanto o segundo seria o conhecimento formal, ou seja, “conhecimento que alcançou algum grau de exatidão e precisão pela substituição de ideias pela realidade concreta, e de palavras por coisas”. (PARK, 2008, p. 55).

Ao aprofundar o segundo conhecimento, Park (2009, p. 55) apresenta que “há três tipos fundamentais de conhecimento científico: (1) filosófico e lógico, que trata primariamente das ideias; (2) história, que trata de eventos; e (3) as ciências naturais ou classificatórias, que tratam das coisas”. O jornalismo não se enquadra em nenhum dos três tipos. Não trata de ideias, não trata de coisas e não trata de eventos da mesma forma como a história trata.

Ao buscar entender onde o jornalismo se enquadra, Park (2008) compara com duas outras formas de conhecimento: a política e a história. “A notícia não é nem história nem política, embora esteja intimamente relacionada às duas. Entretanto, é a coisa que torna a ação política possível, diferente das outras formas de comportamento coletivo”. (PARK, 2008, p. 61).

A notícia seria uma outra forma de conhecimento, mesmo que relacionada com ambas. (PARK, 2008). A diferença essencial entre o jornalismo e a história é o tempo pelo qual eles se interessam: o primeiro pelo presente, enquanto o segundo pelo passado:

A notícia, como forma de conhecimento, primariamente não está interessada no passado ou no futuro, mas no presente - o que tem sido descrito pelos psicólogos de “o presente precioso”. Pode-se dizer que a notícia existe somente nesse presente. O significado do “presente precioso” é sugerido aqui pelo fato de que a notícia, como é sabido no meio da imprensa comercial, é um produto muito perecível. A notícia continua notícia até chegar às pessoas para as quais ela possui “interesse notícia”. Uma vez publicada e reconhecida sua importância, o que era notícia vira história. (PARK, 2008, p. 59).

A notícia, ou o jornalismo, trabalha com eventos, com “fatos isolados num todo” (PARK, 2008, p. 58), com um tempo específico e efêmero do presente, e não busca contextualizar e relacionar eventos uns com os outros – como a história – apenas relatá-los para auxiliar a população na vida cotidiana. (PARK, 2008).

É importante entender os dois tipos de conhecimentos – senso-comum e conhecimento científico – para compreender onde o jornalismo se enquadra: no meio, já que se utiliza de conhecimentos do senso-comum para comunicar, mas também traz elementos do conhecimento científico (PARK, 2008). O jornalismo não é *knowledge about*, porque não é ciência, mas também não é apenas *acquaintance with*, porque não é somente senso-comum, já

que se utiliza de técnicas para conseguir cobrir, transmitir e distribuir eventos em forma de informação: o jornalismo está em um local único, o de cobrir e transmitir eventos do cotidiano. (PARK, 2008).

Genro Filho (1987) entende a teoria de Park (2008) como funcionalista, ou seja, que entende o conhecimento do jornalismo como focado em sua função – a de transmitir o conhecimento.

Em que pese algumas sugestões criativas de Robert E. Park, as bases funcionalistas do referencial teórico que ele adota e, inclusive, suas opiniões explícitas sobre a “função” da notícia, não deixam qualquer dúvida sobre o conteúdo conservador e limitado de suas concepções. (GENRO FILHO, 1987, s/p.).

Já Machado (2005), em um artigo sobre a vida e obra de Park, afirma que Genro Filho (1987) não desconhece a totalidade da obra fundada por Park (2008), que por ser a primeira “desenvolveu um método próprio de pesquisa, original, inovador e muito comprometido com os princípios do pragmatismo”. (MACHADO, 2005, p. 33).

Genro Filho (1987) apresenta uma crítica a Park ao buscar criar a sua própria teoria do jornalismo como conhecimento. Utilizando as divisões hegelianas de singular, particular e universal, o autor afirma que o conhecimento produzido do jornalismo é sempre focado no singular – e essa é a sua diferença (GENRO FILHO, 1987).

Então, se o *singular* é a matéria-prima do jornalismo, a forma pela qual se cristalizam as informações que ele produz, o critério de valor da notícia vai depender (contraditoriamente) da universalidade que ela expressar. O *singular, portanto, é a forma do jornalismo e não o seu conteúdo*. (GENRO FILHO, 1987, s/p.).

O jornalismo é singular já que o acontecimento para se tornar notícia precisa de algo que o diferencie dos acontecimentos comuns ao cotidiano, além disso, durante a produção e reprodução desses acontecimentos, os detalhes do evento são descritos para que os leitores possam apreender os eventos como algo vivido por eles. (GENRO FILHO, 1987). Por meio do jornalista e dos aparatos técnicos, o jornalismo “permite transportar a dimensão fenomênica e singular dos acontecimentos, rompendo barreiras de tempo e espaço”. (GENRO FILHO, versão digital, 1987, s/p.).

Genro Filho (1987) afirma, apesar de o foco principal e a matéria-prima do jornalismo ser o singular, que o particular e o universal também estão presentes nas notícias.

O conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineadas ou insinuadas

pela subjetividade do jornalista. O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são negados em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo. (GENRO FILHO, 1987, s/p.).

O particular e o universal são utilizados para contextualizar o acontecimento, para diferenciar o que é rotina, o que é comum, e o que é singular na informação. (GENRO FILHO, 1987). O autor compara sua teoria ao método da pirâmide, que considera importante para que o jornalismo tenha como foco a informação. O *lead*, ou primeiro parágrafo, seria ocupado pelo fato singular do acontecimento. No decorrer do texto, seriam apresentados elementos do particular e, apenas ao fim, o universal. (GENRO FILHO, 1987).

Meditsch (1997; 2001; 2010) também busca entender o jornalismo como conhecimento. O autor inicia a reflexão sobre o assunto com uma pergunta: “Jornalismo: Transmissão de Conhecimentos ou Degradação do Saber?” (MEDITSCH, 1997, p.1), e responde que pode ser os dois. (MEDITSCH, 1997). O jornalismo tem como foco o presente e a realidade e, ao transformar essa realidade em um produto jornalístico (seja em formato escrito, televisivo ou radiofônico), constrói um novo conhecimento. (MEDITSCH, 1997, 2001, 2010).

Há uma crítica, em seu texto, ao comparar o jornalismo com outras ciências, como a história (como faz Park, 2005), ou com o próprio método científico, já que o que torna o jornalismo conhecimento não são os pontos em comuns com esses conhecimentos já existentes, mas o que o difere. (MEDITSCH, 1997). “O Jornalismo não é uma ‘ciência mal feita’, simplesmente porque não é uma ciência nem pode aspirar a ser tal”. (MEDITSCH, 1997, p. 9). O jornalismo apresenta a realidade de forma diferente das outras formas de conhecimento, explica Meditsch (1997), revelando partes dessa realidade que de outras formas não seriam apresentadas.

O autor defende que o jornalismo não apenas produz conhecimento de uma forma diferente, mas também o reproduz, pois ele faz esse conhecimento circular como notícia para o público (MEDITSCH, 1997). Além disso, diz Meditsch (1997, p. 3), “O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais”. O jornalismo produz conhecimento, mas também auxilia na distribuição do conhecimento especializado (como o das ciências) para uma parte maior da população, mas esse conhecimento não é passado da forma como foi recebido, ele é modificado para que se torne compreensível, e tanto o jornalista como o leitor são relevantes para o entendimento. (MEDITSCH, 1997).

O jornalismo não atua no campo das ideias ou da história, como já afirmou Park (2009), ele atua no campo da realidade, e de uma “realidade dominante”. (MEDITSCH, 1997, p. 7). É no fato de operar nesse campo, no cotidiano, de buscar informações para si e para informar o outro, recriar, transformar o mundo e interpretar dados para maior compreensão do leitor que reside a força e a fragilidade do jornalismo (MEDITSCH, 1997). O jornalismo

[...] é frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação. Em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer ciência formal, mas, em compensação, será também menos artificial e esotérico. (MEDITSCH, 1997, p. 7).

Como Meditsch (1997) apresenta, o jornalismo não é conhecimento formal, ele é o conhecimento da informação do cotidiano, além de ser o responsável por transmitir o conhecimento formal para um maior número de leitores. Como criador e transmissor de conhecimento (PARK, 2005; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1997, 2001, 2010), o jornalismo passa também a possuir características próprias do seu gênero de conhecimento, que incluem, por exemplo, o contrato de comunicação tácito, a noção de ideal de verdade e o interesse público. Essas características serão abordadas no próximo tópico.

## 2.2 CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E IDEAL DE VERDADE

O jornalismo é um tipo de atividade que tem por característica informar (PARK, 2008; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH 1997, 2001, 2010) a um público, como já apresentado em tópico anterior (MEDITSCH, 1997). Para que essa transmissão seja possível é necessário que o leitor<sup>7</sup> estabeleça um vínculo de fidelidade e confiança com o jornalismo, e que haja uma relação entre o jornal e seu público, o que Alsina (2009, p. 47) chama de “contrato fiduciário”.

Esse “contrato pragmático fiduciário social” (ALSINA, 2009, p. 47) possui dois lados: o do jornalista (que muitas vezes acolhe o lado também da instituição jornalística) e o do leitor. Nesse processo, o jornalista tem a função de perceber, organizar e hierarquizar os acontecimentos que ocorrem na sociedade, além de trazer temas considerados relevantes, e

---

<sup>7</sup> Leitor, aqui, pode ser compreendido dependendo do meio e da mediação: ouvinte, no caso do rádio, e telespectador, em relação à televisão.

dar sentido a eles, transmitindo-os, assim, ao leitor. (ALSINA, 2009). Um aspecto que se espera do leitor é, portanto, outro. Ele consiste em considerar “que o que eles [os jornais] dizem é verdade”. (ALSINA, 2009, p. 48). Para que isso aconteça, Alsina (2009) aponta a necessidade de que se construam discursos que sejam credíveis.

Tanto Alsina (2009), quanto Kovach e Rosenstiel (2014) e Charaudeau (2013) apontam que, apesar de o leitor ser parte fundamental do processo de compreensão da informação jornalística, ele ocupa ainda um lugar mais complexo nesse processo devido a sua bagagem cultural que vai estar em tensionamento com o que está posto pelo jornalismo. O leitor interpreta as notícias de acordo com suas próprias crenças e conhecimentos prévios.

Lippmann (2008) aponta que o leitor analisa de forma mais crítica aqueles assuntos que mais conhece, e são esses tópicos que o fazem aprovar ou reprovar os jornais. Além disso, os desejos do leitor também influenciam, em alguns casos, no que será abordado nos jornais. (LIPPMANN, 2008). Kovach e Rosenstiel (2014) afirmam que o leitor tem um papel fundamental na existência de um jornalismo de qualidade, para opinar, comentar e analisar os jornais, por meio de comentários – e o espaço de jornais e revistas dedicado a cartas e comentários mostra a importância do leitor e como ele influencia na construção dessas mídias.

O jornalismo, como apresenta Alsina (2009), constrói discursos e, de acordo com Benetti (2008), ele também pode ser compreendido como um gênero discursivo.

O discurso definido como uma prática diz respeito a um conjunto de situações internas e externas ao ato discursivo, sempre relacionadas às posições de sujeito – os lugares que o sujeito vem ocupar no discurso. A prática se institui no quadro de certos sistemas de formação, estruturados e hierárquicos – embora mutáveis, pois não são congelados no tempo. (BENETTI, 2008, p. 16).

Sob o ponto de vista comunicacional, o jornalismo pode ser considerado um gênero discursivo por seus textos (ou suas formas discursivas) apresentarem características comuns e específicas em sua produção. (BENETTI, 2008). Em um discurso, é necessário que tanto o interlocutor quanto o locutor conheçam as regras e as características do gênero (BENETTI, 2008). Benetti (2008, p. 17) ainda afirma que: “o jornalismo como discurso, portanto, só existe entre sujeitos”. Já para Alsina (2009, p. 47), a base desse contrato reside na função do jornalismo como “transmissor da realidade social”.

Ao analisar o discurso das mídias, Charaudeau (2013) explica a relação entre leitor e jornalismo, levando em conta o conhecimento sobre o mundo que circula nos veículos de comunicação. Para o autor, “todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge”. (CHARAUDEAU, 2013, p.

67). Charaudeau (2013) afirma, para que a comunicação humana exista, que é necessário que existam convenções e normas, as quais o autor chama de comportamentos linguageiros.

Toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação da comunicação. O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. Eles se encontram na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um *contrato de comunicação*. (CHARAUDEAU, 2013, p. 68, grifo do autor).

Para Charaudeau (2013), o contrato de comunicação depende de dois tipos de dados, que ele chama de externos e internos. Os externos remetem às condições em que a troca de informação entre jornal e leitor é feita, enquanto os internos remetem à forma como a informação é configurada, “os propriamente discursivos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 70). Os dados externos, de acordo com Charaudeau (2013, p. 69, grifos do autor), dividem-se em quatro categorias: “*condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo*”.

A condição de identidade refere-se à condição de que todo o ato de comunicação necessita de sujeitos que entendam as regras e normas do ato comunicativo (CHARAUDEAU, 2013). A finalidade é a condição de que todo o ato comunicacional possui um objetivo e, para o autor, há quatro finalidades que se sobressaem: a) prescritiva, que tem por objetivo guiar a forma de agir do outro; b) informativa, que visa transmitir o saber; c) iniciativa, cujo objetivo é com que o outro acredite que o que está sendo dito é verdade; e d) o *páthos*, que visa evocar sentimentos e emoções. (CHARAUDEAU, 2013). Já a condição de propósito é de que todo o ato comunicacional “se construa em torno de um saber, uma maneira de recortar o mundo”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70). A última, de dispositivo, relaciona-se com o meio no qual o ato comunicativo ocorrerá e “o dispositivo é o que determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70).

Após os dados externos serem “percebidos, depreendidos, reconhecidos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 70), entram em campo os dados internos, que possuem as restrições do discurso, que se dividem em três: “o espaço de *locação*, o espaço de *relação*, o espaço de *tematização*”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70, grifos do autor).

No espaço chamado de locução, o locutor, ou sujeito falante, como chama Charaudeau (2013), deve justificar o porquê de estar falando, reconhecendo a si como locutor e também

reconhecendo quem é o seu interlocutor, “ele deve, de algum modo, conquistar seu direito de poder comunicar” (CHARAUDEAU, 2013, p. 71); o espaço de relação é onde se estabelecem as relações entre o locutor e o interlocutor, podendo ser “de força ou de aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor” (CHARAUDEAU, 2013, p. 71); enquanto o espaço de tematização é onde a informação, o saber propriamente dito, é tratado, é o local em que se analisa qual é o tema, qual é o campo da informação. (CHARAUDEAU, 2013).

Charaudeau (2013) explica, apesar da organização do contrato de comunicação e dos elementos necessários para que ele exista, que

nenhum ato de comunicação está previamente determinado. Se é verdade que o sujeito falante está sempre sobredeterminado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca (condição de socialidade do ato de linguagem e da construção de sentido), é apenas em parte que está determinado, pois dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal, ou seja que lhe permite manifestar um ato de individuação: na realização do ato de linguagem, pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala. Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz com que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

O ato comunicacional depende de regras e do seu meio, mas o que será falado e a forma como será falado dependerá de decisões individuais, não tem como ser definido apenas pelas características e pela dependência do contrato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2013). A mídia<sup>8</sup>, neste caso utilizado, pelo autor, como sinônimo de jornalismo, também se insere em um contrato de comunicação, cujas instâncias são de produção e de recepção. (CHARAUDEAU, 2013).

A instância de produção engloba tanto a empresa jornalística como todos os envolvidos para que a informação seja transmitida – sejam repórteres, editores, por exemplo. Essa instância é a responsável tanto por organizar a informação, como por transmiti-la, assim, pressupõe dados internos e externos do referido contrato. (CHARAUDEAU, 2013).

Conforme o autor, a instância de recepção são os leitores, ou quem recebe aquela informação, e se divide em duas formas, do ponto de vista interno e externo: do interno é vista como destinatário, enquanto do externo, é vista como uma “instância-própria” (CHARAUDEAU, 2013, p. 73) de consumo. Para que a instância de produção transmita a

---

<sup>8</sup> Entendemos que mídia e jornalismo não são sinônimos, considerando que o discurso jornalístico possui características próprias – e por isso é considerado um gênero discursivo – entretanto, Charaudeau (2013) utiliza os termos como sinônimos.

informação de forma adequada e atendendo às expectativas da instância de recepção, é necessário entender que esta se divide de duas formas: “como *alvo intelectual* ou como *alvo afetivo*”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 80, grifos do autor).

Para Charaudeau (2013), o alvo intelectual é captado quando a transmissão da informação faz ele pensar, que é útil para o sujeito tanto para regular como agir, quanto para lhe dar uma posição social, estabelecendo relações que podem ser de convívio ou de poder. Já o alvo afetivo é captado quando causam reações emocionais. (CHARAUDEAU, 2013). Mas essas instâncias, em “processo de construção da instância-alvo pela instância midiática, alvo intelectual e alvo afetivo se misturam e interagem. É nessa interação que tem origem a opinião pública”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 82).

A instância do receptor-público, como denomina Charaudeau (2013), insere-se na opinião pública, e suas opiniões individuais, seus sentimentos, o que gera emoção ou motivação individualmente perde força em relação ao coletivo. O que passa a importar é seu comportamento como parte de um grupo, considerando que o foco é captar um público. Quanto mais o leitor se encaixa na ideia imaginada pelo jornalista, mais ele se insere no contrato, é o que Charaudeau (2013) chama de “leitor imaginado”<sup>9</sup>. Caso o leitor real não se encaixe no perfil imaginado, o contrato é quebrado. (CHARAUDEAU, 2013).

Para que o contrato seja firmado, o público precisa aderir a ele (CHARAUDEAU, 2013), mas

a adesão a este contrato, porém, não é estável: ela varia em graus e precisa ser constantemente reafirmada. Além disso, o vínculo não é apenas racional. Há componentes emocionais que indicam a maior ou menor adesão do leitor. A análise mostra que a conexão do leitor com o jornalismo depende do nível de satisfação que o veículo é capaz de provocar. (BENETTI; REGINATO, 2014, p. 892).

Para captar seu público “ideal”, é necessário que haja um “bom jornalismo”, como chamam Benetti e Reginato (2014), ao tratarem das características que os leitores reconhecem para aderirem ao contrato de comunicação. Sobre a realização desse “bom jornalismo” (BENETTI; REGINATO; 2014), Charaudeau (2013) fala sobre a necessidade de a informação, que se deseja transmitir, ser credível e acessível.

Kovach e Rosenstiel (2014) buscaram reunir e caracterizar em sua obra *The Elements Of Journalism* quais seriam os elementos necessários para que o “bom jornalismo” exista. Os autores chegaram a nove elementos, os quais estão relacionados à responsabilidade dos

---

<sup>9</sup> Lembrando que, na comunicação, sempre haverá um leitor imaginado, para quem o jornalista escreve pensando e o leitor real pode, ou não, corresponder a esse imaginado.

jornalistas, e a um, de responsabilidade dos leitores. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

O primeiro elemento, e o mais importante, de acordo com os autores, é que “a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 293, tradução nossa<sup>10</sup>), entretanto há uma dúvida: o que a verdade significa? “Tratar da verdade não é tarefa simples”, já adianta Charaudeau (2014, p. 88). As diferentes línguas originárias (grego, latim, hebraico) possuem distintos significados para a mesma palavra, como aponta Coutinho (2004): de acordo com o latim, a verdade se relaciona com o passado e tem o significado de veracidade, já para o grego, com o presente e seu oposto é a desilusão, enquanto para os hebreus, se relaciona com o futuro e o seu oposto é a desconfiança. Há também as diferenças filosóficas, e “a visão conceitual mais antiga e difundida é da verdade como correspondência”. (COUTINHO, 2004, s/p.).

Coutinho (2004) aponta que o jornalismo não busca – e não tem como atingir – uma verdade absoluta, mas apenas uma forma de verdade, baseada na representação da realidade. Essa representação, esse processo de descrever a realidade, ocorre devido à organização produtiva das redações, e a “verdade impressa nos jornais é, na realidade, na concretude de suas rotinas, uma informação de segunda mão” (COUTINHO, 2004, s/p.). Lippmann (2008) também afirma que a notícia nunca é o fato em primeira mão, ou o material bruto, é sempre “um relato do material após ter sido estilizado”. Charaudeau (2013) concorda:

Relatar o acontecimento tem como consequência construí-lo midiaticamente: no instante mesmo que ele é relatado, constrói-se uma notícia, no espaço temático de uma rubrica. A notícia é objeto de um tratamento discursivo desenvolvido sob diferentes formas textuais: de anúncio (os títulos), de notificação (as notas), de relatório (artigo) etc. É o que se denomina “acontecimento relatado”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 152).

Charaudeau também aponta que existe “*valor de verdade e efeito de verdade*” (CHARAUDEAU, 2013, p. 48, grifos do autor). O valor de verdade está, normalmente, relacionado aos fatos que podem ser provados por meio de experimentação científica, é objetivo, enquanto o efeito de verdade depende da subjetividade, consiste em fazer com que outra pessoa acredite que aquilo é verdadeiro e “baseia-se na *convicção*”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 49, grifos do autor). Ele ainda aponta que esse efeito de verdade só pode existir por meio de um “dispositivo enunciativo de influência psicossocial”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 49). Dentro da percepção do autor, que entende mídia e jornalismo como sinônimos, elas não buscariam, então, a verdade, mas a credibilidade. (CHARAUDEAU, 2013).

---

<sup>10</sup> No original: “Journalism’s first obligation is to the truth”.

Kovach e Rosenstiel (2014) concordam que o jornalismo não busca a verdade em si, mas uma forma pragmática de encontrar uma maneira de retratar a realidade. Para os autores, o modo de se chegar mais próximo da verdade, ou de uma verdade jornalística, é por meio da objetividade, mas não da objetividade do jornalista, e sim do método utilizado.

Isso é o que o jornalismo deve buscar – uma forma prática e funcional da verdade. Não é a verdade no sentido absoluto ou filosófico. Não é a verdade de uma equação química. O jornalismo pode – e deve – perseguir as verdades com que pode operar no dia-a-dia. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 1046, tradução nossa<sup>11</sup>).

A busca do jornalismo é pela precisão de seus relatos. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Quanto mais precisa a informação, mais haverá o efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2013), e mais o jornal será credível e o leitor se fixará no contrato de comunicação.

A *credibilidade* que o alvo pode atribuir à instância midiática baseia-se na hipótese de que esse alvo dispõe de critérios de avaliação que lhe permitem julgar e separar o que é verdadeiro, confiável e autêntico. (CHARAUDEAU, 2014, p. 80-81, grifo do autor).

Charaudeau (2014) complementa que há condições de veracidade e que “à instância midiática<sup>12</sup> cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir causas e justificar as explicações dadas”. (CHARAUDEAU, 2014, p. 88). Para que ocorra essa condição de veracidade, usam-se de métodos como: autenticar e dizer o que aconteceu. (CHARAUDEAU, 2013). Para se autenticar deve buscar mostrar “o que é” e fazer o público acreditar, enquanto dizer o que aconteceu remete à reconstituição do acontecimento (CHARAUDEAU, 2013). Esses podem ser considerados métodos pragmáticos de se chegar em uma verdade prática.

Cornu (1999, apud COSTA, 2017) concorda que a verdade é uma construção. O autor ainda afirma que ela depende mais do compromisso do jornalista com a busca da verdade do que do processo para se chegar a ela. Além disso, o jornalismo se configura na ideia de possibilidade da verdade. (CORNU, 1999, apud ALSINA E SILVA, 2018).

A atitude do jornalista é decisiva nessa busca, seja com a objetividade colocada como horizonte, com autêntica busca pela veracidade do relato, pois a verdade se impõe como instância normativa e crítica sob a precisão dos fatos, da justeza dos

---

<sup>11</sup> No original: “This is what our journalism must be after—a practical or functional form of truth. It is not truth in the absolute or philosophical sense. It is not the truth of a chemical equation. Journalism can – and must – pursue the truths by which we can operate on a day-to-day basis.”

<sup>12</sup> Charaudeau (2013) aqui, novamente, utiliza-se do termo instância midiática para referir-se à instância jornalística.

juízos feitos pelos profissionais no processo de interpretação e veracidade dos textos. (CORNU, 1999, apud ALSINA E SILVA, 2018, p. 738).

O segundo elemento do “bom jornalismo” para Kovach e Rosenstiel (2014, posição 1294, tradução nossa) é que “a primeira lealdade do jornalista é com os cidadãos<sup>13</sup>”. Antes de sua preocupação com a empresa para qual trabalha, ou de qualquer outra coisa, o jornalista precisa entender sua função social e sua responsabilidade com o público – que espera por informação. Essa informação precisa ser verdadeira, importante, relevante, que o auxilie a compreender o mundo e a se autogovernar. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Já o terceiro elemento remete ao primeiro, sobre a verdade: “a essência do jornalismo é uma disciplina de verificação”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 1743, tradução nossa<sup>14</sup>). Ao discutirem verificação, os autores apresentam uma questão que permeia o debate sobre o jornalismo: a da objetividade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Eles defendem que a objetividade não deve ser do jornalista como indivíduo, mas dos métodos utilizados por ele. Esse método precisa ser transparente para que o público tenha conhecimento de como o jornalista chegou às informações que estão sendo noticiadas. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Essas informações devem ser checadas e conferidas por métodos objetivos pelo repórter, para que assim se chegue à verdade jornalística (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Tuchman (1993) aponta que um dos métodos para se chegar à objetividade é a rotinização do trabalho do jornalista: ao seguir uma rotina de trabalho e um modelo de escrita dos textos o jornalista busca a objetividade. Kovach e Rosenstiel (2014) trazem outro tema que também permeia o debate do jornalismo, o da neutralidade, mas, para eles, a “neutralidade não é um princípio fundamental do jornalismo”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 1827<sup>15</sup>).

O quarto elemento do “bom jornalismo” para os autores é o seguinte: “os praticantes [do jornalismo] devem manter uma independência daqueles que cobrem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 1827, tradução nossa<sup>16</sup>), lembrando que a real lealdade é também com o cidadão, e não apenas com a fonte. O foco do jornalista deve ser manter uma “independência de espírito e mente” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 2480, tradução nossa<sup>17</sup>), além da intelectual, para que consiga fazer seu trabalho sem depender de aprovação das fontes ou apenas das informações que as fontes desejam que se tornem

---

<sup>13</sup> No original: “Journalism’s first loyalty is to citizens.”

<sup>14</sup> No original: “The essence of journalism is a discipline of verification”.

<sup>15</sup> No original: “neutrality is not a fundamental principle of journalism”.

<sup>16</sup> No original: “Its practitioners must maintain an independence from those they cover”.

<sup>17</sup> No original: “independence of spirit and mind”.

públicas.

O quinto elemento apontado pelos autores é que “o jornalismo deve servir como um monitor de poder independente” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 2958<sup>18</sup>). Nesse sentido, o jornalismo é importante para auxiliar na manutenção da democracia e denunciar a tirania. Para isso, precisa relatar e contextualizar os acontecimentos que ocorrem nas posições de poder. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

O sexto elemento é o de que o “jornalismo deve providenciar um fórum público para críticas e compromissos”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 3380, tradução nossa<sup>19</sup>). Para os autores, umas das principais funções do jornalismo é “fornecer as informações necessárias para as pessoas se autogovernarem”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 3505, tradução nossa<sup>20</sup>). Para isso, deve noticiar informações sobre o mundo de forma crítica, mostrando aos leitores o que Lippmann (2008) chama de mundo invisível, dando ao cidadão a oportunidade de entender e compreender o mundo e a sociedade em que vive. (LIPPMANN, 2008; KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). O mundo invisível seria o dos acontecimentos que influenciam na vida das pessoas, mas que elas não podem ver e compreender presencialmente, precisando de mediação – que é feita por meio da linguagem do jornalismo. (LIPPMANN, 2008).

Universalmente é admitido que a imprensa é o principal meio de contato com o ambiente invisível. E praticamente em todos os lugares se supõe que a imprensa deveria fazer espontaneamente por nós o que a democracia primitiva imaginava que cada um de nós faria espontaneamente para si próprio, e que cada dia e duas vezes ao dia apresentaria a nós uma imagem verdadeira do mundo exterior na qual estamos interessados. (LIPPMANN, 2008, p. 275).

Charaudeau (2013) também afirma que uma das funções do jornalismo é mostrar – e explicar – o que é invisível ao público, “não se trata mais de reportar fatos, mas de extrair deles sua razão de ser” (CHARAUDEAU, 2013, p. 90), e concorda que a opinião pública se dá na relação entre os jornais e seus leitores, ou, como ele chama, na relação da instância de recepção e de produção.

Lippmann (2008), apesar de enfatizar que os jornais são o principal meio de transmissão de informação e de explicação do que não é visível e experimentado pelo leitor, não concorda que os indivíduos possam obter informações suficientes para se autogovernarem ou mesmo para terem opiniões sobre todos os acontecimentos do mundo. O autor acredita que

---

<sup>18</sup> No original: “Journalist must serve as an independent monitor of power”.

<sup>19</sup> No original: “Journalism must provide a forum for public criticism and compromise”.

<sup>20</sup> No original: “providing people with the information they need to self-govern”.

a importância do jornalismo é a organização do conceito abstrato de opinião pública. (LIPPMANN, 2008). Já Kovach e Rosenstiel (2014) defendem que os fóruns são importantes para que as pessoas adquiram as informações para poderem se autogovernar e para debater preconceitos e formar suas opiniões de modo também individual.

O sétimo elemento do “bom jornalismo” é o seguinte: o “jornalismo deve fazer com que o significante seja interessante e relevante”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 3652, tradução nossa<sup>21</sup>). Para os autores, “narrativa e informação não são contraditórios”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 3660, tradução nossa<sup>22</sup>). Kovach e Rosenstiel (2014) defendem que a informação pode ser transmitida de uma forma interessante, com narração e até de uma forma menos séria, desde que a informação seja verificada.

Já Charaudeau (2013) considera que a questão da relevância e de fazer com que a notícia seja interessante seja um dos pontos mais difíceis do jornalismo. Como dito anteriormente, uma notícia nunca é um acontecimento no estado bruto, mas sim estilizado (CHARAUDEAU, 2013; LIPPMANN, 2008), e essa estilização e construção da notícia não leva em conta apenas a informação, mas a captação do leitor. Ao tentar captar o leitor e tornar a informação mais atrativa, os jornais podem vulgarizar a informação, partindo para a dramatização ou a simplificação (CHARAUDEAU, 2013). O que, em determinadas situações, pode comprometer a seriedade e a credibilidade do conteúdo jornalístico frente a seu público.

Kovach e Rosenstiel (2014) afirmam que é difícil encontrar uma forma de tratar a informação de maneira interessante e que é necessário imaginação e experimentação, além de “fé na audiência”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 3809, tradução nossa<sup>23</sup>).

Uma forma de captar o leitor – e que pode auxiliar a manter ou pode agir na quebra do contrato de comunicação – é por meio da emoção (BENETTI; REGINATO, 2014; GADRET, 2016). Para Gadret (2016, p. 3): a emoção é compreendida como elemento central para a compreensão das notícias pelos sujeitos, para a definição de atributos por meio do telejornalismo e para a construção de um contrato de leitura que ultrapassa o valor informativo das notícias.

Como Charaudeau (2013) explica, o jornalismo pode “fazer saber” – e essa é sua primeira função – mas também “fazer sentir”, equilibrando ambas as sensações. Para Gadret (2016), a emoção não está apenas em captar o leitor e na relação entre ele e a instância midiática, mas em sua base epistemológica, já que é impossível separar a emoção da instância

---

<sup>21</sup> No original: It must strive to make the significant interesting and relevant.

<sup>22</sup> No original: Storytelling and information are not contradictory.

<sup>23</sup> No original: “faith in the audience”.

mediática. Ela também afirma que a emoção afeta e está presente “na construção da notícia, não apenas como ritual estratégico, mas também como efeito de sentido que busca adesão do leitor”. (GADRET, 2016, p. 7).

Segundo Gadret (2016), a emoção deve ser pensada como uma das responsáveis pela construção do enquadramento<sup>24</sup> jornalístico, porque a avaliação moral do acontecimento é indispensável para sua construção – e para que o leitor a aceite. Entretanto, isso pode ser positivo ou negativo:

a emoção pode funcionar a favor da construção de enquadramentos que levem em conta a alteridade, que convidem o público a sentir a partir da perspectiva do outro, das avaliações e crenças do outro, dando conta de criar realidades menos dualistas e mais complexas. Realidades essas ainda comprometidas com o mundo das coisas e com o que poderíamos indicar como verdade; relatos baseados na observação empírica, na investigação e na apuração. Porém, com frequência, a emoção trabalha com a reificação de mapas culturais bastante redutores, com crenças sociais que simplificam as complexas relações sociais em interpretações baseadas em avaliações morais muito rasas. (GADRET, 2016, p. 14).

Benetti e Reginato (2014) buscaram explicar quais emoções os leitores sentem, analisando os comentários deixados na página da *Revista Veja* no *Facebook*. Utilizando o conceito de Ekman (2011, apud BENETTI; REGINATO, 2014, p. 887-888) definem que há sete emoções universais: “medo, raiva, aversão, tristeza, surpresa, desprezo e satisfação”. A emoção de satisfação é sentida quando o leitor se encaixa plenamente na posição de leitor imaginado, aderindo, assim, completamente ao contrato de comunicação (BENETTI; REGINATO, 2014). Dentro da tristeza encontra-se a decepção, que ocorre quando as expectativas do leitor não são atingidas, e a raiva foi o sentimento mais encontrado nos comentários dos leitores pelas autoras (BENETTI; REGINATO, 2014). O contrato de comunicação é rompido quando o jornal causa aversão ao leitor, pois

é preciso que o leitor se sinta recompensado pela confiança que deposita no veículo. Quando o leitor se sente triste, decepcionado, traído ou ressentido, tende a afastar-se do contrato. Nos níveis mais baixos de adesão, percebemos a forte presença dos sentimentos de desprezo, raiva e aversão. (BENETTI; REGINATO, 2014, p. 892-893).

A emoção está presente em todo o texto jornalístico, como afirma Gadret (2016), mas para o leitor aderir ao contrato de comunicação, o texto precisa causar emoções específicas,

---

<sup>24</sup> Enquadramento no jornalismo é o modo de seleção, organização e construção das notícias: quais informações entrarão e quais ficarão de fora, qual o tom e o viés dado ao texto, como define Gonçalves (2005, p. 158): “os enquadramentos funcionam como princípios básicos de organização das nossas experiências”.

como a satisfação, conforme apontam Benetti e Reginato (2014). A emoção é um dos fatores que causa o interesse, ou seja, que torna a notícia interessante para o leitor e também o afeta<sup>25</sup>.

O oitavo elemento do “bom jornalismo” é que, além de as notícias serem interessantes, o “jornalismo precisa manter as notícias compreensíveis e proporcionais”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 4120, tradução nossa<sup>26</sup>). As notícias precisam ser entendidas por um público amplo, e os temas que elas abordam devem ser variados. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

A necessidade de se tratar de uma variedade de questões, aponta Lippmann (2008), é para conseguir manter um público leitor amplo, já que cada leitor terá um interesse e conhecerá melhor um tópico. O autor ainda afirma que é impossível cobrir e relatar todos os acontecimentos do mundo e que uma variedade de acontecimentos só consegue um espaço no jornal devido à padronização de uma rotina de trabalho (LIPPMANN, 2008). “Os jornais não tentam manter o olho em toda a humanidade. Eles têm observadores estacionados em certos lugares”, afirma Lippman (2008, p. 289).

Tuchman (1973) concorda com Lippmann (2008) sobre a padronização da rotina do jornalista possibilitar que mais assuntos sejam cobertos. Para a autora, é devido à rotinização do trabalho que o jornalista consegue tornar o inesperado notícia e trabalhar com ele, apresentando os acontecimentos para o público. Ela ainda afirma que é a rotina de trabalho que permite a divisão dos tipos de notícias<sup>27</sup>. (TUCHMAN, 1973).

O nono elemento é que os “jornalistas têm a obrigação de exercer sua consciência pessoal” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 4601, tradução nossa<sup>28</sup>). Para os autores, todos os jornalistas precisam ser éticos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Alsina e Silva (2018, p. 726) concordam e pontuam que “jornalismo e ética precisam andar juntos”, os autores comentam que é pela noção ética que deve perpassar o dilema entre tornar o texto compreensivo, atrativo e a transmissão da informação. (CHARAUDEAU, 2013; KOVACH; ROSENSTIEL, 2014) deve perpassar: o rigor jornalístico precisa estar sempre presente, considerando também uma atitude ética em busca da verdade (ALSINA E SILVA, 2018).

Mas o ser ético não é tão simples e envolve problemas, como o de interesses de

---

<sup>25</sup> É importante citar que as emoções apresentadas por Benetti e Reginato (2014) não ocorrem com a leitura de apenas uma notícia, mas ao ter uma relação com o jornal e com a leitura de diversas matérias do mesmo jornal. Essas emoções pressupõem um conhecimento prévio do jornal e ela se desenvolve, não surge apenas ao ler uma notícia.

<sup>26</sup> No original: “journalism should keep the news comprehensive and in proportion”.

<sup>27</sup> Os tipos de notícias e suas características serão abordados no próximo subcapítulo, sobre a história do jornal Folha de São Paulo e as *hard news*.

<sup>28</sup> No original: “Journalists have an obligation to exercise their personal conscience”.

terceiros. Kovach e Rosenstiel (2014) concluem que a lealdade do jornalista é com o leitor, portanto encontra-se um problema ético quando interesses econômicos, empresariais ou políticos passam a fazer parte da cobertura jornalística, mas Alsina e Silva (2018) ponderam que o maior problema em relação à busca pela verdade – e, conseqüentemente, ao ato ético do jornalista – é o enquadramento escolhido. Além disso, não se deve colocar apenas um ponto de vista nos textos.

Sob a força da fé de ofício, do contrato fiduciário, o jornalista tem total responsabilidade com os efeitos do que é escrito, falado - com os seus impactos sociais. Abrir mão disso é abrir mão da própria profissão. E, entre seu dever na construção da realidade, ter sensibilidade para lutar contra a ambigüidade, contra a distorção premeditada ou feitiço da manchete que vende, da frase que ganha a audiência, da imagem que atrai um público, mas fere a coletividade. (ALSINA E SILVA, 2018, p.751).

O décimo e último elemento não diz respeito ao jornalista, mas ao público, que também precisa fazer a sua parte tanto no contrato de comunicação, quanto para que o “bom jornalismo” exista. “Cidadãos<sup>29</sup>, que moldam a produção de notícias por meio das escolhas que fazem, têm direitos quando se trata de notícias, mas também têm responsabilidades – ainda mais conforme eles mesmos se tornam produtores e editores”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 4914, tradução nossa<sup>30</sup>). Para que isso seja possível, o leitor precisa cobrar que a notícia o faça pensar, que o desafie e não apenas concorde com suas opiniões pré-definidas. O leitor precisa ter a mente aberta ao ler sobre os acontecimentos, além de buscar ter uma relação com as instituições midiáticas, que devem ter canais de contato com o público para comentários sobre as notícias (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Os autores dizem que uma maneira de julgar os jornais é pelo uso de estereótipos, já que para eles, muitas vezes, os estereótipos podem ser “evitados com mais trabalho de reportagem e mais trabalho de reportagens aprofundadas, ambos reconhecidos em qualquer história feita cuidadosamente”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, posição 4940, tradução nossa<sup>31</sup>).

Já Lippmann (2008) acredita que os estereótipos são úteis na construção do jornalismo, tanto que o próprio jornalismo e seu ideal se constroem sob um estereótipo: o de

---

<sup>29</sup> Neste caso, Kovach e Rosenstiel (2014) utilizam o termo “cidadãos” para se referirem ao público.

<sup>30</sup> No original: “Citizens, who shape news production by the choices they make, have rights when it comes to news, but they also have responsibilities—even more so as they become producers and editors themselves”. Nessa tradução, os cidadãos correspondem ao público do jornalismo.

<sup>31</sup> No original: “be avoided by more reporting and more specific reporting, both of which should be recognizable in any story carefully done.”

sempre transmitir a verdade. Ele também afirma que uma pessoa sem estereótipos do mundo é inimaginável, já que eles são um modo de conhecer e de ordenar o mundo:

Elas podem não ser uma imagem completa do mundo, mas são uma imagem de um mundo possível ao qual nós nos adaptamos. Naquele mundo as pessoas e as coisas têm seus lugares bem conhecidos, e fazem certas coisas como previsíveis. Sentimo-nos em casa ali. Enquadramo-nos nele. Somos membros. (LIPPMANN, 2008, p. 96).

Alsina (2009) explica de onde surgiu o termo:

A palavra estereótipo vem do procedimento de impressão denominado estereotipia, que é a reprodução a partir de um molde. Portanto, trata-se de aplicarmos um conceito a uma circunstância, a uma determinada realidade, partindo de um molde pré-configurado, sem levar muito em conta se está se tratando do molde certo ou não, para a interpretação de tal fenômeno. (ALSINA, 2009, p. 275).

Lippmann (2008) diz que os estereótipos podem vir das artes, como pinturas e esculturas, mas também de “nossos códigos morais e filosofias sociais”. (LIPPMANN, 2008, p. 86). Para o autor, não temos como conhecer o mundo por completo, utilizamos de descrições e experiências dos outros, em conjunto com as nossas, para formar o sentido das coisas. (LIPPMANN, 2008).

Para Alsina (2009), os estereótipos nos ajudam a entender a realidade, pois a simplificam, mas, por simplificá-la e poupar que cada novo acontecimento seja analisado detalhadamente, pode prejudicar “a melhor compreensão de determinadas realidades”. (ALSINA, 2009, p. 278). Lippmann (2008) concorda que os estereótipos poupam tempo em uma vida ocupada, mas inclui também que eles defendem a nossa posição da sociedade, defendem uma maneira de ver e entender o mundo, defendem o “nosso mundo” – ou nossa interpretação e visão de mundo. Mas, ao mesmo tempo, pode ser problemático, pois apresentam só uma visão de mundo e só esta é aceita. No momento em que algo rompe com esse estereótipo, esse parece mal, ruim, um ataque pessoal. (LIPPMANN, 2008).

Alsina (2009) ainda aponta que os estereótipos podem ser neutros, positivos ou negativos.

Os estereótipos e os preconceitos negativos servem para justificar, em muitos casos, os privilégios e as diferenças intergrupais, pois eles não são só usados para dar sentido de forma instantânea, mas também para fazer uma classificação de acordo com uma ordem social. Determinados grupos são estereotipados de forma negativa e assim alimentamos uma atitude de discriminação e exclusão. (ALSINA, 2009, p. 278).

Além disso, para que o público entenda o que está sendo dito, simplificações são feitas, muitas vezes usando os estereótipos, pois para entender a informação, relacionar-se com o acontecimento e seus sujeitos, o leitor busca conhecimentos que já possui. (ALSINA, 2009). Apesar das críticas que cabem ser feitas sobre esse aspecto, o estereótipo auxilia o jornalista a explicar o mundo, considerando que “sem padronização, sem os estereótipos, sem a rotina de julgamentos, sem a razoável dureza na desconsideração da sutileza, o editor morreria de excitação”. (LIPPMANN, 2008, p. 272). Mas os jornalistas precisam ter cuidado com seu uso, principalmente se a questão da alteridade for levada em consideração.

Para os jornalistas, nem sempre é fácil construir uma alteridade isenta de conotações negativas. Digamos que, de uma maneira mais ou menos explícita, em muitas ocasiões, no imaginário cultural, “o outro” se constrói como sendo um ser incompleto. De alguma forma, quem foi categorizado como diferente aparece como um ser deficiente. (ALSINA, 2009, p. 272).

Apesar de Kovach e Rosenstiel (2014) afirmarem que a presença de estereótipos é uma forma de julgar a qualidade do jornalismo, Lippmann (2008) e Alsina (2010) reforçam que uma sociedade – e conseqüentemente um jornalismo – sem estereótipos é praticamente impossível de existir. De certo modo, o jornalismo precisa do estereótipo e dos conhecimentos comuns prévios do seu público para que eles entendam as notícias, os acontecimentos e os sujeitos, ou o “outro”, presentes, e, também, para que tentem se colocar no lugar desses sujeitos. (LIPPMANN, 2008; ALSINA, 2010). A questão dos estereótipos permeia esse trabalho, no que diz respeito ao tratamento dado pelo jornalismo aos sujeitos-outros – esse será um aspecto abordado mais adiante.

Como visto no presente capítulo, o jornalismo é composto por diversos elementos, cujo primeiro e principal deles é a verdade, mas ainda precisa se preocupar em relatar a informação de forma interessante e captar o público (KOVACH; ROSENSTIEL). E o produto que esses elementos formam, no âmbito do jornalismo, é, por exemplo, a notícia – tópico que será abordado a seguir.

## 2.3 NOTÍCIAS

A palavra notícia no jornalismo pode ter mais de um significado, como aponta Correia (2011). No primeiro, “é aplicável às comunicações apresentadas periodicamente sobre aquilo que possa ser novo, atual e interessante para a comunidade humana”. (CORREIA, 2011, p. 29). Ou seja, os textos publicados em um jornal, independente do seu gênero, sejam o próprio

gênero notícia, ou grandes reportagens, ou colunas e editoriais, podem ser chamados de notícia. Já o segundo significado refere-se a um gênero específico do jornalismo, que são os textos curtos, baseados em fatos, também conhecidos como *hard news* – que serão definidas mais adiante. (CORREIA, 2011).

Para que possamos falar de notícias, é necessário voltar para uma pergunta que, de acordo com Traquina (2020a), vem sendo feita por estudiosos da área de Comunicação por anos: o que são notícias? O autor explica o que os jornalistas pensam sobre o assunto, e a resposta dos profissionais é que as notícias não são científicas, elas são mais instintivas (TRAQUINA, 2020a). O autor também apresenta que a resposta da tribo jornalística pode ser “simplista e minimalista” (TRAQUINA, 2020b, posição 751); simplista por definir que notícia é o que o jornalista “relata, capta, reproduz ou transmite” (TRAQUINA, 2020b, posição 752) de um acontecimento; e minimalista porque o trabalho do jornalista é de um mediador reduzido. Traquina (2020b) considera essa uma visão ingênua em relação ao jornalismo.

Traquina (2020a, 2020b) busca entender o que seria a notícia, e “por que elas são como são?” (TRAQUINA, 2020a, 2020b). Para ele, as notícias são textos jornalísticos que possuem características próprias e um modelo padronizado, conforme o jornalismo foi se profissionalizando. O foco principal desse produto é transmitir informações. (TRAQUINA, 2020a, 2020b).

Já para Molotch e Lester (1974), as notícias são o resultado da necessidade de relatos de fatos não observados por todas as pessoas, da capacidade de preencher lacunas e da produção dos jornalistas. Para eles, “todos precisam de notícias. No dia a dia, notícias nos contam o que nós não experimentamos diretamente e, assim, torna os acontecimentos remotos observáveis e significativos”. (MOLOTCH; LESTER, 1974, p 101 tradução nossa<sup>32</sup>). As notícias são uma forma de aproximar acontecimentos dos leitores, fazê-los conhecer e entender fatos que não poderiam ser vividos presencialmente.

A visão de Motta (2002a, 2002b) para o que é notícia concorda com a explicação do termo apresentada por Correia (2011), sendo todo “o conteúdo novo e surpreendente que chega, via meios de comunicação (jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e rede), até as rotinas de significações do mundo da vida cotidiana dos indivíduos nas sociedades modernas”. (MOTTA, não paginado, 2002a). Para Motta (2002a), só é notícia o que rompe com uma ordem pré-estabelecida, que é incomum, que não é esperado, que é absurdo.

---

<sup>32</sup> No original: “Everyone needs news. In everyday life, news tells us what we do not experience directly and thus renders otherwise remote happenings observable and meaningful.”

Todos os autores citados apresentam um ponto em comum: notícia é o que é publicado em meios de comunicação e que levam informação para os leitores. Mas, para definir quais eventos e quais informações serão publicados, existem os critérios de noticiabilidade. Traquina (2020b) define noticiabilidade como:

conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícias que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (*newsworthiness*). (TRAQUINA, 2020b, posição 769).

Na história do jornalismo, diversos autores apresentaram quais seriam os valores-notícias, como mostram Traquina (2020b) e Correia (2011). Entre esses autores estão Galtung e Ruge (1963), Ericson, Baranek e Chan (1967), Wolf (1987) e Traquina (2020a, 2020b). São mais de vinte os valores-notícia segundo Traquina (2020b), que se dividem em dois eixos: valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. O primeiro autor a fazer essa divisão foi Mauro Wolf (TRAQUINA, 2020b).

Os de seleção, de acordo com Wolf (apud TRAQUINA, 2020b), referem-se aos critérios que o jornalista utiliza na decisão de escolher um acontecimento para transformar em notícia. Ele ainda se divide em dois: os critérios substantivos, que avaliam diretamente o acontecimento, analisando sua importância ou interesse como notícia; e os critérios contextuais, que se referem ao contexto em que a notícia é produzida (WOLF, s/d, apud TRAQUINA, 2020b)

De acordo com Traquina (2020b), os critérios substantivos dos valores-notícia como seleção são: morte; notoriedade; proximidade, relevância, novidade, tempo (que pode ser interpretado de três formas: como atualidade, também como gancho para outras notícias e, por terceiro, quando uma notícia tem grande recepção e passa a ser noticiado por um período mais longo de tempo), notabilidade, inesperado, conflito e infração. (TRAQUINA, 2020b). Ainda segundo o autor, os critérios contextuais são: disponibilidade, equilíbrio (se há muitas notícias no jornal com a mesma temática, outras ficarão de fora), visualidade (uma notícia com uma boa fotografia, ou, no caso na televisão, imagens, tem mais chance de ser publicada), concorrência e o dia noticioso. (TRAQUINA, 2020b).

Os valores-notícias de construção são utilizados pelos profissionais para selecionar quais elementos do acontecimento serão incluídos e quais serão excluídos durante a elaboração da notícia. (TRAQUINA, 2020b). Eles são: simplificação, amplificação,

relevância, personalização, dramatização e consonância).

Para Traquina (2020b), não há indicações de que um critério é mais importante ou tem prioridade sobre um outro critério; já para Motta (2002b, p. 26) “o conflito é tomado como o valor-notícia predominante. Parte-se da ideia de que notícia é fundamentalmente conflito, ruptura, interrupção do fluxo esperado de significações”. Como visto acima, a própria definição de notícia de Motta baseia-se no valor-notícia do conflito.

Esse gênero de texto jornalístico possui uma divisão em cinco categorias, de acordo com Tuchman (1973): *hard news*, *soft news*, *spot news*, *developing news* e *continuing news*. Conforme Tuchman (1973), enquanto *hard news* e *soft news* são contrastantes e dependem de diferentes eventos, *spot* e *developing news* são ramificações das *hard news*, já as *continuing news* são uma categoria específica de evento, em que se sabe que terá um começo e um fim, além de saber quando eles ocorrerão. A autora cita como exemplo a votação de um projeto de lei. (Tuchman, 1973).

As categorias possuem suas particularidades e, para a autora, uma das formas de as diferenciar é percebendo que cada uma cobre um tipo específico de acontecimento. Segundo Tuchman (1973), esses acontecimentos seriam: *nonscheduled* (não programado), *prescheduled* (pré-agendado) e *unscheduled* (imprevisto) *event-as-news*. “Nonscheduled event-as-news” são eventos que não são programados, mas que a data de publicação será definida pelo jornalista; “prescheduled event-as-news” são eventos que têm data marcada para ocorrer, e as informações sobre eles serão publicadas no dia que acontecem ou no seguinte; e, por último, o “unscheduled event-as-news”, eventos que ocorrem inesperadamente e precisam ser publicados de forma rápida. Enquanto *hard news* trabalham com eventos inesperados (*unscheduled*), como incêndios, acidentes e acontecimentos com data marcada (*prescheduled*), como uma eleição, as *soft news* não possuem o imediatismo como característica, cobrindo normalmente “nonscheduled event-as-news”. (TUCHMAN, 1973, p. 118).

Há ainda um outro tipo de notícia, derivado das *hard news*, as “what a story” (TUCHMAN, 1973), ou, como Traquina (2020a) traduziu, “mega acontecimento”. O “what a story” ocorre inesperadamente e envolve diversos valores-notícias, modificando a estrutura da redação jornalística. Conforme Tuchman (1973), esse evento não tem como ser previsto, não é esperado.

A divisão em “tipos de notícia” ocorre, de acordo com Tuchman (1973), para que o jornalista tenha uma rotina e possa organizar o seu trabalho. Como Neveau (2006, p. 99)

afirma, “a competência profissional dos jornalistas consiste, também, na habilidade de antecipar, pelo menos parcialmente, o imprevisível”. A forma encontrada, de acordo com Tuchman (1973), de antecipar esse imprevisível é através da divisão dos tipos de notícia – e como cada uma será coberta pelos jornalistas.

O tipo de notícia que foi escolhido para trabalhar nesta pesquisa é o das *hard news*, que possui como principal característica a cobertura de acontecimentos inesperados ou de eventos de interesse público. Para entender essas características dessas notícias, é importante revisar o histórico do surgimento das notícias.

Hoje, um dos principais produtos jornalísticos, a notícia como informação surgiu entre os anos de 1830-1840, com os jornais conhecidos como *penny press*<sup>33</sup>, que formaram o que Traquina (2020a, localização 625) definiu como “novo jornalismo que privilegia informação e não propaganda”. Naquele período, as empresas jornalísticas começaram a se desenvolver e a notícia tornou-se um produto e, para ser comercializada com mais facilidade, surgiu um modelo para ser seguido, o da pirâmide invertida. (TRAQUINA, 2020a).

O modelo, segundo Correia (2011, p. 28-29), “apresenta os fatos por uma ordem decrescente de importância e organizada em blocos, de tal modo que, idealmente, a subtração de qualquer destes a partir do fim do texto não deverá perturbar a leitura do que restar”. O primeiro parágrafo, o *lide*, é o principal e busca responder a seis perguntas: o quê? quem? quando? onde? como? e por quê? Entretanto, as duas últimas perguntas podem ser contextualizadas no decorrer do texto. Esse formato é seguido à risca pelas *hard news*, que buscam responder de forma objetiva e direta aos questionamentos. De acordo com Motta, “as notícias ‘duras’ são escritas em linguagem descritiva clara, direta e objetiva”. (MOTTA, 2003, p. 27).

O imediatismo acompanhou o jornalismo como um de seus principais valores. Os avanços tecnológicos iniciados no século XIX e que seguem ocorrendo auxiliaram o jornal a conquistar a “transmissão direta do acontecimento”. (TRAQUINA, 2020a, localização 666). A definição de imediatismo é de “um conceito temporal que se refere ao espaço de tempo (dias, horas, segundos) que decorre entre o acontecimento e o momento em que a notícia é transmitida, dando existência a esse acontecimento”. (TRAQUINA, 2020a, posição 382). O tempo é uma das principais características da *hard news*, já que elas perdem sua força, importância e, até seu contexto, quando perdem o tempo de publicação. O tempo, o instantâneo é tão importante no jornalismo que, como apresenta Seixas (2013), ele auxilia na

---

<sup>33</sup> Nome dado aos jornais que surgiram a partir de 1830 nos Estados Unidos, por terem diminuído o preço de seis centavos para um centavo (*penny*), e foi responsável pela expansão do público leitor. (TRAQUINA, 2020).

definição do que se tornará ou não notícia e de como ela será composta, sendo também, segundo o autor, um ponto fundamental para a institucionalização dos formatos que dão certo como gêneros jornalísticos (como o método da pirâmide invertida).

As empresas jornalísticas sempre buscam ser as primeiras a dar a informação, o que faz parte do que Traquina (2020b) chama de lei do ganho do jornalismo, em que ganha o primeiro a publicar a matéria. Mas além do tempo, o furo indica matérias com uma grande quantidade de valores-notícias.

O “furo” é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses próprios do jornalista. O jornalista que se preza procura o “furo”. O “furo” dá um gozo particular, um enorme prazer de conquistador. O “furo” é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece um prestígio que pode fazer progredir a carreira profissional. Concomitantemente, o “furo” é um fator que agudiza a concorrência. (TRAQUINA, posição 661, 2020b).

Além de ganhos para a empresa, o furo também é o sonho profissional de diversos jornalistas. Por suas características apresentadas acima, há questionamentos sobre se há uma narrativa nas *hard news*. Correia (2011), amparado em Tuchman (1978), Bird e Dardenne (1993) e McQuillan (2000), apresenta que narratividade “é a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação, dotando as ações de sequencialidade”. (CORREIA, 2011, p.58).

Tuchman (1993) apresenta que o objetivo do jornalista é a objetividade e que ele, inclusive, busca meios de rotinização e estruturas de escrita (modelo pirâmide invertida) para afirmar a sua objetividade.

O processamento das notícias não deixa tempo disponível para análise epistemológica reflexiva. Todavia, os jornalistas necessitam de uma noção operativa de objetividade para minimizar os riscos impostos pelos prazos de entrega de material, pelos processos difamatórios e pelas reprimendas dos superiores. (TUCHMAN, 1993, 76).

Além da objetividade, a estrutura de escrita é utilizada para que se consiga manter os prazos de entrega e, devido a esses prazos, não há tempo para analisar reflexivamente quais os fatos serão escolhidos e como serão apresentados. Tuchman (1978), citada por Correia (2011), assegura que as notícias são construídas ativamente pelos jornalistas, pois os fatos não são simplesmente transformados em notícia, o repórter é quem seleciona as informações relevantes – mesmo sem ter tempo para refletir sobre o tema, por isso a importância dos valores-notícias de construção como os apresentados por Traquina (2020a, 2020b).

Bird e Dardenne fizeram sua primeira análise de notícias como mitos em 1988 e em 2009 revisitaram os conceitos. As autoras dividem seus estudos em analisar as notícias como mitos e como narrativas. Ao tratar notícias como mitos elas apresentam, primeiramente, que há centenas de definições para a palavra mito, mas todas elas se voltam para a função dos mitos em “fornecer narrativas duráveis que ajudam a manter um senso de continuidade e ordem no mundo, independente das narrativas descreverem deuses e criaturas fantásticas ou “pessoas reais”. (BIRD; DARDENNE, 2009, p. 206, tradução nossa<sup>34</sup>). Elas também afirmam que textos individuais não funcionam como mitos separados, mas fazem parte de um processo comunicativo como um todo, e esses mitos não refletem, necessariamente, uma realidade objetiva, mas auxiliam na criação de um mundo. (BIRD; DARDENNE, 2009).

Ao tratarem a notícia como narração, Bird e Dardenne afirmam que, apesar do uso dominante da pirâmide invertida, os repórteres ainda fazem uso da história.

As autoras também afirmam que a diferença entre “jornalismo como informação” – ou *hard news* – e “jornalismo como histórias” – *soft news* – acaba dificultando o entendimento do que seriam notícias (BIRD; DARDENNE, 2009).

Para McQuillan (2000), mesmo que as *hard news* possuam uma narrativa: “a análise da linguagem, quando aplicada ao jornalismo, mostra-nos como as notícias são uma representação simbólica do mundo, construída no seio de um determinado contexto cultural, organizacional e social” (MCQUILLAN, 2000, apud CORREIA, 2011, p. 44). Mesmo seguindo a ordem pré-estabelecida, o repórter, o editor e o próprio jornal possuem uma bagagem e um histórico pessoal.

Motta (2002a, 2002b) concorda com McQuillan (2000) e com Bird e Dardenne (2011) de que as notícias possuem narração, mas discorda quanto à forma. Assim como Bird e Dardenne (2011), Motta (2004) afirma que uma notícia sozinha não pode ser analisada, é preciso um conjunto de notícias, entretanto, diferente dos autores citados, Motta (2004) afirma que a narração não se encontra nas notícias, nos textos, mas na interpretação dos leitores.

A força narrativa dos enunciados jornalísticos estaria menos nas qualidades narrativas intrínsecas do texto das notícias e reportagens ou no confronto entre o estilo descritivo e o narrativo, mas principalmente no entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura. (MOTTA, 2004, p. 33).

---

<sup>34</sup> No original: “providing enduring narratives that help maintain a sense of continuity and order in the world, regardless of whether these narratives describe fantastical gods and creatures, or ‘real people’”.

Ou seja, o leitor, possuindo o contexto da notícia e do veículo que está incluída, forma a sua narrativa. Motta (2004) também afirma que há diferença entre *hard* e *soft news*. *Hard news* só podem ser analisadas em conjunto: uma série de notícias sobre o mesmo assunto ou com o mesmo tempo, enquanto isso, as *soft news* podem ser analisadas individualmente.

É o leitor que conclui narrativamente às fragmentadas notícias do dia a dia preenchendo as lacunas, tecendo os fios dos acontecimentos jornalísticos em histórias mais ou menos integrais e realizando continuamente, através de provisórias narrativas jornalísticas, a experimentação de valores éticos e morais. (MOTTA, 2004, p. 23).

Ao conhecer o jornal, o repórter, ao já ter lido outras notícias sobre o mesmo assunto ou com a mesma temática, o leitor sabe o que esperar e interpretará a notícia. “É na interpretação imaginativa do leitor ou ouvinte que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade ou qualidades intrínsecas e dos estilos do texto”. (MOTTA, 2004, p. 36).

Trazer o debate sobre a narratividade nas *hard news* nos mostra que, apesar de serem objetivas e factuais, elas estão inseridas em um contexto e contribuem ao imaginário do leitor sobre o que está sendo noticiado e narrado. Concordamos com Motta (2003) ao afirmar que as *hard news* não possuem em seus textos narratividade em si mesmas, mas se tornam narrativas aos serem interpretadas pelo leitor – leitor esse que possui um contrato tácito com o jornal, conhecendo as visões editoriais e as histórias normalmente abordadas.

Como foi definido, as notícias curtas são feitas com agilidade, muitas vezes sem tempo de reflexão sobre sua escrita (TUCHMAN, 1993) e não possuem narrações individuais, apenas ao serem contextualizadas com outras notícias que abordem os mesmos temas ou assuntos, e essas narrações surgem da interpretação do leitor. (MOTTA, 2004). Buscarei no próximo capítulo explicar o que significam os conceitos de alteridade e outridade, e como eles se relacionam com o jornalismo e, mais especificamente, como são incluídos nas *hard news*.

### 3 ALTERIDADE E OUTRIDADE

Como apresentado no capítulo anterior, o jornalismo é uma forma de conhecimento que utiliza de aspectos do singular, particular e universal (GENRO FILHO, 1987) e ajuda a construir a realidade (BERGER E LUCKMANN, 2004a). O jornalismo busca, idealmente, mostrar a diversidade social e a pluralidade de sujeitos que existem em determinada realidade. Sendo assim, ele depende do reconhecimento da diversidade. Portanto, podemos dizer que, se a diversidade e a pluralidade são fundamentais para a prática jornalística, a comunicação depende, essencialmente, da alteridade.

A comunicação começa com uma experiência de responsabilidade para com o outro. O ato de comunicar se instaura na responsabilidade de um compartilhamento com o outro, entendido em sua necessária diferença – sem a qual não existe intervalo o espaço para o ato de comunicação – com a qual se pode “partilhar-junto”, “compartilhar” determinado aspecto da existência ou experiência que se pretende compartilhar. (MARQUES E MARTINO, 2009, p. 29).

Neste capítulo, inicialmente, buscaremos conceitualizar o que é alteridade, utilizando a bibliografia de Ricoeur (1991), Lévinas (2004), Sodré (2007), Martino (2009, 2015, 2016), Marques e Martino (2009, 2015), Benetti e Freitas (2017) e Freitas (2017). Em seguida, contextualizamos os conceitos no discurso do jornalismo, tendo como base Benetti e Freitas (2017) e Freitas (2017). No subcapítulo seguinte, buscaremos explicar quem é o outro para Lévinas (2004), Ricoeur (1991), Treanor (2006) e Freitas (2017), além de explicar como o outro faz parte da outridade. Por último, o trabalho busca contextualizar o outro no jornalismo, com base em Gerbner (1998), Lippman (2009), Alsina (2009), Allan (2010), Lago (2014), Marques e Martino (2016), Martino (2016b), Benetti e Freitas (2017), Freitas (2017) e Munhoz (2017).

#### 3.1 ALTERIDADE E OUTRIDADE NO JORNALISMO

Para Martino (2016a), o simples fato de contar uma história, de narrar um acontecimento, já depende da existência de um outro

o ato de contar histórias está ligado, em boa parte dos casos, a um sentido de compartilhar algo com outras pessoas; histórias são contadas para o outro; mesmo quando a narrativa é feita para si mesmo, no sentido de um solilóquio, os fatos narrados e o modo de narrar se interpelam em termos da recorda o do que outros contaram. O ato narrativo, o momento de contar uma história, parece ser um momento privilegiado para se pensar e entender o ato comunicacional como uma

forma de encontro com o outro. (MARTINO, 2016a, p. 42).

O autor aponta que a comunicação ocorre quando algo é compartilhado (MARTINO, 2016a). Esse compartilhamento aciona a memória e pode causar “identificação, ou o que Vernos Lee chamou de empatia” (LIPPMANN, 2008, p.152), uma vez que essa identificação do leitor com o sujeito abordado no texto depende das imagens mentais e da moral desse leitor – imagens essas que são compostas por estereótipos (LIPPMANN, 2008), e os “estereótipos estão carregados de preferência, cobertos de afeto ou aversão, ligados aos temores, avidez, fortes desejos, orgulho, esperança. Seja lá o que invoque, o estereótipo é julgado com o sentimento apropriado” (LIPPMANN, 2008, p. 115). Ou seja, além de gerar a identificação, os estereótipos dos leitores também auxiliam na definição sobre qual sentimento a notícia publicada e veiculada pelo jornalista tem potencialidade de causar nesses mesmos leitores. A empatia, enquanto ação afetiva, possui, em alguns casos, relação com os estereótipos, articulando os conhecimentos prévios do leitor e da forma como o outro-sujeito foi abordado pelo jornalismo.

Para Freitas (2017, p. 34), “a empatia é uma forma de obter conhecimento sobre a identidade do ‘outro’”. Martino (2019, p. 81) aponta de onde a palavra surgiu:

De raiz grega, a expressão deriva de pathos, que, como visto, costuma ser traduzido como “paixão” ou “emoção”. Embora relacionada a isso, pathos se refere também a uma espécie de “resposta”, emocional ou passional, a uma ação ou acontecimento que a desencadeia. Essa sensação acontece quando há uma relação, algo que se torna presente, seja de maneira imediata ou situada no tempo – por exemplo, quando temos a memória de algo ou imaginamos uma situação.

O autor salienta que na comunicação a empatia está presente em mais de uma forma: mostrando os elementos que diferenciam, mas também os elementos em comum de uma comunidade. (MARTINO, 2019). Para ele, a empatia é necessária para que não ocorra a redução ou diminuição do outro aos estereótipos, embora, como mencionado acima, ainda haja certa relação entre empatia e as preconceções sobre a identidade de determinado sujeito ou grupo. Martino (2019) afirma que a ação empática não é, de fato, colocar-se no lugar do outro. Isso porque o movimento em direção ao outro é imaginado, a fim de tentar alcançar a compreensão de sua condição de vida. O autor ainda aponta que a empatia vai ao encontro da alteridade, sendo uma parte dela – antes de se ter a empatia, tem-se a alteridade. Ou seja, primeiro é preciso reconhecer que há um outro que não eu em comunicação comigo e, então, a partir do estabelecimento do diálogo ou da simples percepção dessa existência diferente da minha, posso me interessar em compreender sua situação no mundo, de maneira empática.

A empatia parece ser um processo aberto de percepção e conhecimento da alteridade que se apresenta e a partir da qual se pode estabelecer uma relação de comunicação. A inexistência dessa abertura para o outro dificulta o estabelecimento da comunicação na medida em que o terreno comum necessário para isso não é construído. (MARTINO, 2019, p. 83).

E a alteridade é o ponto principal deste capítulo, já que esse tema nos auxilia quanto ao estudo e entendimento do outro. Freitas (2017, p. 19) traz a origem da palavra, que “é formada pelo termo em latim alter – que significa outro – e pelo sufixo dade, que a substantiva e designa o estado ou a qualidade daquilo que é outro, em relação a um semelhante, ou do que é distinto”.

No dicionário Houaiss, a palavra alteridade tem dois significados: “natureza ou condição do que é outro, do que é distinto, diferente; diversidade”<sup>35</sup> e “situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença [Relegada ao plano de realidade não essencial pela metafísica antiga, a alteridade adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna (*hegelianismo*) e especialmente na contemporânea (*pós-estruturalismo*).]”<sup>36</sup>. Ambos os significados demonstram que a alteridade se refere à relação e às diferenças entre o eu e o outro. Ainda de acordo com o dicionário, o sinônimo de alteridade é outridade, enquanto seu antônimo é a mesmidade. Freitas (2017) aponta que há uma confusão, especialmente em traduções, dos termos alteridade e outridade, que normalmente são vistos como sinônimos, mas que não são – algo que será abordado no decorrer do capítulo.

Além dos seus significados e sua origem etimológica, é necessário entender o desenvolvimento do termo no decorrer da história. Sodré (2007, p. 158) aponta que o significado da palavra mudou no decorrer do tempo, e que “as raízes das formulações filosóficas a esse respeito remontam, entretanto, aos primórdios da história da filosofia ocidental e de suas bases religiosas e culturais”.

A autora aponta que Aristóteles e Platão tiveram uma grande importância no entendimento do termo, já que estudavam a noção de ser e a noção do outro.

Na Grécia Antiga, existe já uma experiência do alter como sendo um outro eu sou, mas ela não é ainda uma experiência completa e universal de reconhecimento da alteridade. Dessa experiência, estão excluídos aqueles considerados como estranhos

---

<sup>35</sup> Significado retirado do Grande Dicionário Houaiss, disponível em <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1)>. Acesso em: 5 jan. 2020.

<sup>36</sup> Significado retirado do Grande Dicionário Houaiss, disponível em <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1)>. Acesso em: 5 jan. 2020.

ao grupo dos cidadãos. A filosofia grega chega, portanto, a uma reflexão fundamental sobre o ser e o outro, que foi a base de uma belíssima concepção ética, política e metafísica, mas esta concepção é ainda restrita. (SODRÉ, 2007, p. 166).

A autora conclui que a filosofia grega foi muito importante para os debates e definições do ser e da possibilidade do outro, entretanto nela não havia o “totalmente Outro” (SODRÉ, 2007, p.168), já que para ser outro na polis (isto é: cidades estados da Grécia Antiga), havia uma série de requisitos que precisavam ser preenchidos. Sodré (2007) ainda traz as contribui es da ontologia e de Ricoeur (1991) para a alteridade.

Uma das contribui es de Ricoeur (1991) em rela o ao conceito de alteridade foi entender que h  o “si-mesmo” e o “outro”, e que entre o si e o outro, além de diferenças, também existem semelhanças, e isso, de acordo com Sodré (2007), fez com que a alteridade passasse a ser não apenas a consciência do si sobre o outro e a rela o entre eles, mas também a no o da consciência sobre si.

A questão da alteridade não fica, portanto, mais restrita apenas   rela o com outrem, mas se estende também   rela o com o corpo próprio e   rela o com alteridade ótima da própria consciência, nas suas diferentes formas: a da voz da consciência, a do inconsciente ou do Outro da consciência. (SODRÉ, 2007, p. 178).

Ricoeur (1991) entende que o eu não é um eu sozinho, mas que possui outras identidades: a “do mesmo (mesmidade), a do outro (outridade) e do si-mesmo (ipseidade)” (FREITAS, 2017, p. 20). A outridade seria o outro em si, e a ipseidade a consciência do que   próprio de sua existência e a identidade do eu, e Sodré (2007) refere-se a mesmidade, a ideia de que o eu e o outro possuem semelhanças e compartilham uma identidade. Mas Ricoeur (1991) aponta que   necessário que se ultrapasse a mesmidade, que se entenda que o outro e o si não são apenas semelhantes, mas que também possuem diferenças.

Enquanto ficamos no círculo da identidade-mesmidade, a alteridade do diverso do si não apresenta nada de original: “outro” figura, como podemos observar de passagem, nas listas dos ant nimos de “mesmo”, ao lado de “contrário”, “distinto”, “diverso”, etc. Acontece exatamente de modo diferente se parearmos a alteridade com a ipseidade. Uma alteridade que não é - ou não   só - de compara o é sugerida pelo nosso título [O si-mesmo como um outro], uma alteridade tal que possa ser constitutiva da própria ipseidade. (RICOEUR, 1991, p. 14).

Defender a mesmidade, apresentar apenas os pontos em comuns entre o si e o outro, legitimando uma semelhança entre o eu e o outro, pode levar a redu o do outro em um mesmo do “eu”. Apaga-se a complexidade do outro, sua completude, diminuindo o outro para que o eu possa ter um entendimento a partir da semelhança (RICOEUR, 1991).

A questão da alteridade, para Ricoeur (1991) envolve a noção da consciência que o eu tem sobre o si, mas também sobre o outro. O autor defende que a alteridade também está ligada à noção de responsabilidade: a responsabilidade que o sujeito reconhece que possui em sociedade. O autor baseia seus estudos nos ideais de moral e da ética, afirmando que o é necessário que os sujeitos em sociedade sejam responsáveis por suas ações. A alteridade defendida por Ricoeur (1991) também inclui uma reciprocidade atravessada por um ideal de responsabilidade: nessa lógica, tanto eu sou responsável pelos meus atos na sociedade e para com o outro, quanto o outro é responsável por seus atos em sociedade e, também, em relação a mim, já que o autor imagina e defende uma sociedade justa, em que as instituições funcionem e que as pessoas tenham direitos e consigam, assim, cumprir suas responsabilidades sociais, reconhecendo a si mesmo como autor de suas próprias ações (RICOEUR, 1991), pois “a autonomia do si surgirá aí intimamente ligada à solicitude com o próximo e a justiça para cada homem”. (RICOEUR, 1991, p. 30).

De acordo com o autor, para essa sociedade em que o mesmo e o outro sejam capazes de atribuírem deveres e responsabilidades, é necessário que haja o reconhecimento da diversidade, da alteridade e desses outros. (RICOEUR, 1991). A autora Sodré (2007) aponta que há diferença entre pluralidade, aceitação, reconhecimento da diversidade e alteridade: não basta apenas entender e admitir que há uma diversidade de culturas, classes e religiões, é preciso entender que há “distinção dos lugares e dos pontos de vista entre o si mesmo e o outro”. (SODRÉ, 2007, p. 179). A autora afirma que a alteridade depende da consciência dos sujeitos, tendo como base o diálogo e também o reconhecimento entre o si e o outro. (SODRÉ, 2007).

O ser no mundo é, antes de tudo, um ser que é em si-mesmo um ser – com – o – outro, tanto na sua consciência como em suas relações com os outros seres humanos. Estes, sendo dotados de consciência e linguagem, são capazes de desdobrar-se subjetivamente e de assumir as diversas formas de seus personagens interiores; assim como de multiplicar-se, comunicar-se e relacionar-se entre si. Em outras palavras, o ser humano é um ser intrinsecamente comunitário e plural, um ser dotado de uma estrutura ternária da linguagem e de uma constituição diferenciada pela relação do si-mesmo e da alteridade. (SODRÉ, 2007, p. 184).

Enquanto para Ricoeur (1991) a alteridade tem base na responsabilidade social e, também, na reciprocidade entre o eu e o outro, para Lévinas (2004), a alteridade seria essa doação total ao outro, um outro que não se compreende completamente – nem se pode compreender –, um outro diferente do mesmo, e um outro ao qual eu sou responsável, que o

seu sofrimento me dói mais do que o meu próprio, mas que eu não posso cobrar ou esperar reciprocidade.

A alteridade do outro homem em relação ao eu é inicialmente - e, se ousar dizer, é “positivamente” rosto de outro homem obrigando o eu, o qual de imediato - sem deliberação - responde por outrem. *De imediato*, isto é, responde “gratuitamente”, sem se preocupar com reciprocidade. Gratuitude do *pelo outro*, resposta da responsabilidade que já dormita na saudação, no bom dia, no até logo. Linguagem anterior aos enunciados das proposições que comunicam informações e relatos. *Pelo outro* a responder pelo próximo, na proximidade do próximo; responsabilidade que significa - ou que comanda - precisamente o rosto na sua alteridade e na sua autoridade inextinguíveis e inassumíveis do *fazer face*. (LÉVINAS, 2004, p. 213-214).

Lévinas (2004) aponta que a relação ao que ele chama de Mesmo e Outro é inter-humana, não é apenas a compreensão, a aceitação ou o diálogo com o outro, a alteridade é algo a mais, é a responsabilidade de si pelo outro, por seu sofrimento e sua vida. O autor chega a citar a famosa frase Dimitri Karamazov, no livro os Irmãos Karamazov, de Dostoiévsk: “somos todos culpados de tudo e de todos, e eu mais que os outros”, adaptando-a para sua noção de alteridade:

Todos os homens são responsáveis uns pelos outros, “e eu mais que todo mundo”. Uma das coisas mais importantes para mim é esta assimetria e esta fórmula: todos os homens são responsáveis uns pelos outros, e eu mais do que todo mundo. Como se vê, é a fórmula de Dostoiévski que cito de novo. (LÉVINAS, 2004, p. 148).

Os autores Marques e Martino (2009) desenvolveram, também, suas próprias explicações para alteridade. Martino (2015, 2016a, 2019) defende que a alteridade é estar aberto a entender o outro em sua plenitude, não apenas por meio de quadros, classificações, ou estereótipos, além da necessidade do exercício da escuta e compreensão do outro. O autor, em conjunto com Marques, afirma que “a dificuldade ou recusa na aceitação do fenômeno da alteridade impede a constituição de uma relação de comunicação”. (MARQUES; MARTINO, 2009, p. 23).

Ambos também entendem que é necessário analisar a alteridade por meio da estética. (MARQUES; MARTINO, 2009; 2015). Martino (2016a) afirma que a única forma de se romper com estereótipos e se chegar à alteridade possivelmente plena, em que se possa compreender o outro em sua “totalidade”, não apenas por quadros ou estereótipos, é por meio de uma experiência estética, entretanto, como apontado por Lippmann (2008) e por Alsina (2009), é impossível imaginar uma sociedade sem estereótipos, sem imagens pré-concebidas do outro.

Se o estereótipo, como sugerido acima, é uma forma de economia cognitiva que prevê a apreensão parcial do outro como uma maneira de diminuir o tempo de apreensão – a partir da diminuição da complexidade do a alteridade e de si mesmo – daquilo que é visível, por outro lado a quebra do estereótipo e mesmo das categorias cognitivas que presidem o ato de narrar só se faz possível no momento em que tal dimensão é complementada pela experiência estética da alteridade. Quando, então, a narrativa do outro torna-se uma possibilidade de experimentar, no espaço dos afetos, o que são as vivências do outro. (MARTINO, 2016a, p. 46).

De acordo com Martino (2016a), essa experiência estética é responsável por gerar “algum tipo de resposta potencialmente diferente do objeto que a causou; mais do que uma reação a uma percepção, a estética parece ganhar uma dimensão produtiva”. (MARTINO, 2016a, p. 47). A estética não é relativa apenas aos sentimentos e à sensibilidade ao se ver algo, mas à reação de produção que essa visão gerou – na questão da alteridade, seria a abertura para ver, escutar e entender o outro, seria gerar uma abertura para esse outro por meio da comunicação. Para o autor a alteridade não seria apenas a compreensão e a comunicação com o outro, mas esse sentimento, essa ação gerada após o contato. (MARTINO, 2016a).

Freitas (2017) entende a alteridade como um fenômeno que articula as diferentes identidades do eu – defendidas por Ricoeur (1991). A autora, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, explica a noção de fenômeno como: “a primeira manifestação, ainda ambígua, de tudo aquilo que se faz perceptível e que, pela percepção, somos capazes de acessar ou de experimentar no mundo em que vivemos”. (FREITAS, 2017, p. 20).

A alteridade como fenômeno seria, então, a noção de coexistência entre os sujeitos, em um mesmo tempo e em uma mesma sociedade.

E é justamente o fenômeno do “outro” manifestado e apreendido pelo “eu” que conforma, na maioria das vezes, a percepção que se pode ter sobre o primeiro. A partir da alteridade, que é uma premissa da diversidade do mundo, os sujeitos encarnados (pessoas) buscam perceber uns aos outros, a fim de apreender a singularidade de cada um que não o “eu”, mesmo que o conhecimento absoluto intersubjetivo seja um feito inalcançável, pois sempre haverá algo que nos escapa. Assim, se a alteridade é compreendida aqui como o fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” numa relação de interdependência no mundo, o que explica o modo de existência desse “outro” para o “eu” no mundo é a outridade. (FREITAS, 2017, p. 25).

Como apresentado anteriormente, a alteridade é a noção da existência de um si e do outro em uma relação de interdependência, e a outridade seria o lado da alteridade focado, essencialmente, no outro. “Se a alteridade é compreendida aqui como o fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” em relação de interdependência no mundo, o que explica o modo

de existência desse “outro” para o “eu” é a outridade”. (BENETTI; FREITAS, 2017, p. 14). Defende-se, então, que a outridade é o estudo específico do outro, quem é o outro e como explicar esse outro para o si, não apenas a ação do si e de coexistência com o outro, e não um sinônimo da alteridade: é um dos caminhos da alteridade, mas elas não são a mesma coisa.

A partir dessa perspectiva, a outridade carrega consigo tanto os aspectos da semelhança quanto os da diferença, o que nos leva a crer que o reconhecimento do “outro” muito tem a ver com a disposição e a habilidade que temos ou não de compreender formas particulares de existências que não a nossa. (FREITAS, 2017, p. 26).

Benetti e Freitas (2017, p. 23) resumem a outridade ao elucidar que ela:

a) explica o modo de existência genuíno e singular do “outro” para o “eu” no mundo; b) possui tanto os aspectos da semelhança quanto os da diferença; c) promove uma tensão que não resulta em equilíbrio, mas no balanço do que é diferente e semelhante, a cada vez que o “eu” e o “outro” se percebem; e d) pode ser plena e relativa.

Mas não há apenas uma espécie de outridade, ela pode ser plena ou relativa. A outridade plena pode lembrar a alteridade de Levinas (2004): é o outro de forma completa, com pensamentos, sentimentos, sua interioridade, seria o outro em si, quem ele é realmente, de uma forma que o eu não consegue acessar ou entender completamente. (BENETTI; FREITAS, 2017; FREITAS, 2017).

Outridade plena, basicamente, é aquilo que conforma a interioridade do “outro” e, portanto, não está explícita. Ela diz respeito ao “outro” para si e em si mesmo, ao inverificável, à consciência de si – é o outro em sua plenitude e intimidade, com anseios, inquietações, desejos, emoções, sentimentos e percepções que lhes são particulares, inacessíveis ou não reveladas no encontro face a face. (FREITAS, 2017, p. 30).

Já a outridade relativa é o que conseguimos entender e supor do outro, o que é apresentado e possível de ser interpretado sobre o outro: “a outridade relativa, na verdade, é a única que se efetiva na convivência intersubjetiva, pois permite discernir entre o que está expresso e o que podemos supor”. (FREITAS, 2017, p. 31).

A alteridade e a outridade estão presentes no jornalismo, já que o jornalismo depende do outro (MARTINO, 2016a) e, como defendido por autoras da comunicação, o próprio discurso do jornalismo tem sua base na alteridade. (FREITAS, 2017; BENETTI; FREITAS, 2017). Há, conforme explica Freitas e Benetti (2017) algumas condições da alteridade no jornalismo: o reconhecimento de outros (não apenas o leitor, mas também quem está sendo

retratado na notícia, algo que será aprofundado no próximo tópico), mas também o entendimento da alteridade como “fenômeno no mundo vivido (dimensão fenomênica em si), o do modo de existência centrado na singularidade de um sujeito (outridade) e o da interpretação e entendimento dessa existência singular”. (FREITAS, 2017, p. 48-49).

Ao analisar as condições impostas ao jornalista, é necessário que ele entenda o contexto e a complexidade social, tanto do si quanto do outro (BENETTI; FREITAS, 2017; FREITAS, 2017), já que a responsabilidade do jornalismo é narrar e descrever o mundo em sua singularidade (GENRO FILHO, 1987), para que o leitor possa entender e analisar esse mundo, já que os sujeitos sociais só têm a experiência de inúmeros eventos que não estavam presentes por meio da narração do jornalista. (LIPPMANN, 2008).

O texto jornalístico, como instância discursiva inscrita no presente e que não se propõe encerrada em si mesmo, oferece brechas para que o leitor se projete no universo textual e percorra a atividade mimética, de certo modo, como um sujeito que experiencia e testemunha a versão da realidade ali construída. A alteridade nesse processo se segmenta em duas vias identitárias, a do jornalista – que no texto pode ser também um narrador – e a do público, mas há uma terceira identidade que nos interessa nesse processo: a do “outro” narrado. (FREITAS, 2017, p. 50).

Ao reconhecer a existência do si e dos outros, entende-se que o discurso jornalístico está fundamentado na alteridade.

O reconhecimento de si mesmo e dos outros sujeitos evidencia a articulação da identidade pessoal do jornalista com a de cada sujeito espacial e temporalmente inscrito na sociedade. A partir desse entendimento, a alteridade se apresenta como premissa das ações do jornalista e é nesse mesmo aspecto que podemos dizer que o jornalismo é um tipo de discurso composto pela alteridade. (FREITAS, 2017, p. 46).

Em resumo, Benetti e Freitas (2017, p. 24) apontam que

no jornalismo, a alteridade mobiliza: a) a dimensão fenomênica em si; b) o modo de existência centrado na singularidade de um sujeito; e c) a interpretação e o entendimento dessa existência singular. Na mesma lógica, por articular a percepção, a ação mimética, a textualidade e a interpretação, no jornalismo a outridade: a) é relativa; b) pode ser historicizada, interpretada, construída e ressignificada; c) depende da ação do jornalista para ganhar visibilidade e do público para obter reconhecimento; e d) instiga ação afetiva e mnemônica.

A outridade também está presente no jornalismo, por meio da mimética e da abertura para o “outro” que “é tanto a fonte quanto o ‘objeto’ de seu discurso narrativo” (FREITAS, 2017, p. 50), é a entrada do jornalismo na outridade, já que “o jornalista, pelo ato de narrar a existência do ‘outro’, acaba por mimetizar a outridade desse sujeito, condicionando essa

outridade à própria construção da narrativa e às características do discurso jornalístico como um gênero específico”. (BENETTI; FREITAS, 2017, p. 22). Conforme as autoras, a outridade alcançada pelo jornalismo é sempre a relativa, nunca a plena, pois, como explicam, o jornalismo não consegue apreender completamente o sujeito, por meio da mimese, ele apresenta características do outro, informações colhidas por meio de conversas, entrevistas e observações, mas é sempre uma mimese do outro, nunca o outro em si. A alteridade e a outridade encontram-se posicionadas no jornalismo já que ele é “um tipo de discurso que evidencia o fenômeno da alteridade e, em seguida, da outridade mimetizada e narrada pela atividade jornalística”. (BENETTI; FREITAS, 2017, p. 20).

Como apresentado por Marino (2016a) e confirmado ao explicar os conceitos de alteridade (RICOEUR, 1991; LÉVINAS, 2004; SODRÉ, 2007; MARTINO, 2009, 2016a; BENETTI E FREITAS, 2017; FREITAS, 2017), e também ao sustentar o discurso do jornalismo como um discurso atravessado pela alteridade e localizar a outridade nesse discurso (BENETTI; FREITAS, 2017; FREITAS, 2017), afirma-se que o jornalismo depende do outro. Mas quem é esse outro?

### 3.2 RECONHECIMENTO DO OUTRO PELA OUTRIDADE

Antes de esclarecer quem é o outro, é necessário entender quem é o si. Ricoeur (1991) aponta que há diferença entre o “eu” e o “si”, e que a relação para com o outro se dá de “si” e não do “eu”. O si é a pessoa com responsabilidades sociais, com o desejo de uma vida boa, seguindo os preceitos da ética e da moral, com características que se assemelham com o outro, tornando possível, assim, o seu reconhecimento. (RICOEUR, 1991). Lévinas (2004, p. 41) também se utiliza das pessoas verbais para apontar que “Nós não é o plural de Eu”, o outro é pleno, é completo, e não tenho como compreendê-lo em sua completude, então o “nós” não seria o “eu” e o semelhante do eu, seria o “eu” e o “outro” com todas as suas características que não se tem como compreender. O autor ainda vai em busca da perspectiva ontológica – e tece suas críticas a ela – para explicar o outro e essa relação: ele explica o outro por meio do estudo da natureza do ser, além disso (LÉVINAS, 2004). Já Treanor (2006), ao falar sobre o eu, aponta a importância da questão da identidade do si, para então compreender o outro:

Em geral, essas questões [da outridade] apresentam um desafio ao nosso entendimento de identidade – a nossa e de outros. Quem são os outros com quem nós interagimos? Quem sou eu? O que temos em comum, se temos alguma coisa? No interior de várias narrativas de identidade espereitamos outras questões relacionadas

com o que significa ser outro e a possibilidade de compreender a outridade. (TREANOR, 2006, p. 199, tradução nossa<sup>37</sup>).

O “eu”, o “si”, o ser que se relaciona com o outro está inserido na sociedade, relaciona-se com pessoas, com comunidades por meio da linguagem – e o outro tem uma importante parte em sua vida. Freitas (2017) também aponta que o questionamento sobre o outro passa pela noção de si, porque “cada “outro” é um *self* (eu) em si mesmo”. (FREITAS, 2017, p. 27).

Lévinas (2004) utiliza-se de uma espécie de metáfora para explicar quem é o outro. Ele o faz a partir da metáfora do rosto. “O rosto é a própria identidade do ser”. (LÉVINAS, 2004, p. 59). Contudo, esse rosto não é a face de cada indivíduo, mas pessoaliza a humanidade, diferentes grupos, diferentes sociedades, em cada pessoa. (LÉVINAS, 2004). Ao explicar o rosto, o autor afirma:

Rosto não é absolutamente uma forma plástica como um retrato; a relação ao Rosto é, ao mesmo tempo, relação ao absolutamente fraco – ao que está absolutamente exposto, o que está nu e o que é despojado, é a relação com o despojamento e, por conseguinte, com o que está só e pode sofrer o supremo isolamento que se chama a morte; por isso, há sempre no Rosto de Outrem a morte e, assim, de certa maneira, incitação ao assassinato, tentação de ir até o fim, de negligenciar completamente a outrem - e, ao mesmo tempo, e esta é a coisa paradoxal, o Rosto é também o ‘Tu não matarás’. (LÉVINAS, 2004. p. 144).

Para o autor, o outro é o rosto dessa humanidade em cada pessoa, entretanto esse rosto precisa nos ser apresentado, precisamos ter contato com ele, mas não conseguimos invocá-lo e, como apresentado anteriormente, nunca o conseguimos compreender por completo. (LÉVINAS, 2004). O outro seria, então, a humanidade em cada indivíduo, mas que precisa nos ser apresentada. (LÉVINAS, 2004).

Lévinas (2004) aponta que não tem como ser responsável por todos os indivíduos e destaca que algumas sociedades causam maior comoção, pois geram um maior senso de responsabilidade. A exemplo disso, ele cita o holocausto como evento histórico que ocasionou um forte sentimento de comoção e rejeição. Da mesma maneira, cita o holocausto em outros países, como do continente Africano, e podemos mencionar como exemplo as ações belgas no Congo, que envolveram escravização e outros horrores, mas não são tão lembrados pelas sociedades. Treanor (2006) aponta que Lévinas (2004), em suas teorias sobre o outro se

---

<sup>37</sup> No original: “as a general class these questions present a challenge to our understanding of identity—our own and others’. Who are the others with whom we interact? Who am I? What, if anything, do we have in common? Within the various narratives of identify lurk other questions related to what it means to be other and the possibility of understanding otherness”.

utiliza da abstração de elementos, que não são totalmente compreendidos ou existentes no mundo.

Lévinas (2004), em sua filosofia da alteridade, aponta a existência de um terceiro. O outro e eu temos uma relação baseada na alteridade. O “eu” comunica-se com o outro por meio da linguagem – como também afirmado por Berger e Luckman (2004a) – e tem a responsabilidade total para com ele. Com o terceiro o sentimento é diferente:

De fato, tal sociedade é a dois, de mim a ti. Estamos entre nós. Ela exclui os terceiros. Por essência, o terceiro homem perturba esta intimidade: minha injustiça em relação a ti, que posso reconhecer inteiramente a partir de minhas intenções, se encontra objetivamente falseada por tuas relações com *ele*, as quais me permanecem secretas, visto que estou, por minha vez, excluído do privilégio único de vossa intimidade. (LÉVINAS, 2004, p. 41).

A relação que eu tenho com o outro, de ser responsável por sua vida, não é transmitida ao terceiro, o terceiro me atrapalha, confunde, não participa da relação. (LÉVINAS, 2004). Ricoeur (1991) também aborda o terceiro, mas tem uma outra visão; a de inclusão:

Pela ideia de *pluralidade* é sugerida a extensão das relações inter-humanas a todos os que o face-a-face entre o “eu” e o “tu” deixa fora a título de terceiros. Mas o terceiro é, sem jogo de palavras, de repente terceiro incluso na pluralidade constitutiva do poder. Por conseguinte, é imposto um limite a toda tentativa de reconstruir o vínculo social sobre a base única de uma relação dialogal estritamente binária. Um defensor para o anônimo, no sentido próprio do termo, é incluído assim na perspectiva mais ampla da verdadeira vida. Essa inclusão do terceiro, por sua vez, deve ser não limitada ao aspecto *instantâneo* do querer agir junto, mas mostrada na *duração*. É da instituição precisamente que o poder recebe essa dimensão temporal. (RICOEUR, 1991, p. 228-229, grifos do autor).

E a sua visão do outro também é diferente. Como apresentado anteriormente, para Ricoeur (1991), a relação do si com o outro é de responsabilidade mútua. Para o autor, o ponto principal da troca entre o si e o outro é a similitude.

A similitude é o fruto da troca entre estima de si e solicitude para outros. Essa troca autoriza a dizer que não posso me estimar eu mesmo sem estimar ourem *como* eu mesmo. Como eu mesmo significa: tu *também* tu és capaz de começar alguma coisa no mundo, de agir por razões, de hierarquizar tuas preferências, de estimar os fins de tua ação e, assim fazendo, de te estimar tu mesmo como eu me estimo eu mesmo. A equivalência entre o “tu também” e o “como eu mesmo” repousa em uma confiança que podemos ter como extensão da atestação em virtude da qual eu creio que posso e que valho. Todos os sentimentos éticos evocados mais acima dependem dessa fenomenologia do “tu também” e do “como eu mesmo”. Porque eles afirmam realmente o paradoxo incluso nessa equivalência, o paradoxo da troca no lugar mesmo do insubstituível. Tornam-se, assim, fundamentalmente equivalentes a estima do *outro como um si-mesmo* e a estima *de si-mesmo como um outro*

(RICOEUR, 1991, p. 226-227, grifos do autor).

Treanor (2006), explica o que é similitude

Similitude é o aspecto das coisas, e outros, que de alguma forma é familiar ou entendível. Em um nível mais básico, significa que qualquer outro que eu encontrar aparece ou se manifesta de uma determinada maneira. Também significa que na comunicação significativa com o outro é possível, e justificável, se provisórios, julgamentos podem ser feitos sobre os outros. (TREANOR, 2006, p. 229, tradução nossa<sup>38</sup>).

Ricoeur (1991) introduz em seus estudos a noção do si e do outro na sociedade, por meio da ética e da moral, da responsabilidade social e de uma sociedade justa. Ele aponta que o outro é um ser social, com características semelhantes a si, para que ambos possam ter uma relação, e que vivem em uma sociedade ética e justa na qual devem se responsabilizar por suas ações. (RICOEUR, 1991). O outro de Ricoeur (1991) seria semelhante à outridade relativa: não é o outro completo e inalcançável, mas um que posso me relacionar, que posso compreender e ter uma relação de mútua responsabilidade, a partir do que dele percebo, compreendo e interpreto. Treanor (2006) também aponta a relatividade da outridade de Ricoeur (1991), explicando que o pensamento do autor é influenciado por outro filósofo, o francês Gabriel Marcel, que também segue essa linha da outridade.

Para Ricoeur (1991), uma relação final da responsabilidade do si e do outro na sociedade e um para com o outro seria a amizade:

não somente a amizade depende efetivamente da ética como primeiro desdobramento do desejo de viver bem; mas, sobretudo, ela leva ao primeiro plano a problemática da reciprocidade, autorizando-nos, assim a reservar para uma dialética de segundo grau, herdada da dialética platônica dos “grandes gêneros” – o Mesmo e o Outro –, a questão da alteridade como tal. (RICOEUR, 1991, p. 214-215).

Treanor (2006), após analisar os pensamentos sobre a alteridade e outridade de Marcel e Lévinas, define sua própria visão. Ele inicia apresentando a noção de Grandes Narrativas e como elas se relacionam umas com as outras: entrando em conflito.

Nesse mercado global de ideias, onde há numerosos outros envolvidos em qualquer situação, diferentes narrativas entram em conflito: narrativas religiosas, narrativas nacionais, narrativas étnicas, e narrativas culturais. Nesses conflitos que são

---

<sup>38</sup> No original: “*Similitude* is that aspect of things, and others, that is in some way familiar or understandable. On the most basic level, this means that any other I encounter appears or manifests itself in some determinate way. It also means that meaningful communication with the other is possible, and justifiable, if provisional, judgments can be made about the other”.

chamadas de Grandes Narrativas – aqueles sistemas abrangentes que dão sentido ao nosso mundo como, por exemplo, orientado teleologicamente para o retorno de Cristo, ou ciclicamente como a repetição do samsara, ou como matéria e movimento não teleológico, não cíclico – são questionadas por outras Grandes Narrativas. (TREANOR, 2006, p. 200, tradução nossa<sup>39</sup>).

Entretanto, em um mundo pós-moderno e globalizado, não há mais uma grande narrativa que rege a história, e sim inúmeras narrativas – o que é positivo para a questão da outridade, considerando que em uma grande narrativa essa questão não se faz presente, porque tudo o que não faz parte da grande narrativa seria uma ameaça a ela. (TREANOR, 2006). O autor entende que outridade é tudo o que é diferente do mesmo, tudo o que não é o mesmo, sendo assim, toda a pessoa que não sou eu é outro: seja um outro de um diferente país, de uma diferente religião, de uma diferente cultura – e a outridade está ligada com a questão de identidade, da minha e do outro.

Socialmente, questões de alteridade são centrais em questões de identidade, multiculturalismo e nacionalismo. À medida que a globalização econômica e social continuar a remodelar a forma e a extensão que diferentes pessoas interagem, questões da outridade se tornarão ainda mais centrais nas questões de identidade. E à medida que o mundo se torna interdependente, haverá, inevitavelmente, crises de identidade conforme as velhas formas de autocompreensão se rompem e novas formas surgem para tomar seu lugar. (TREANOR, 2006, p. 199, tradução nossa<sup>40</sup>).

Freitas (2017) concorda com Treanor (2006) ao entender que o outro é qualquer ser, diferente do eu, que o eu pode se relacionar – e aprofunda essa noção ao analisá-la no jornalismo. Concordamos com Treanor (2006) e Freitas (2017) sobre o outro poder ser qualquer pessoa inserida na sociedade com a qual nos relacionamos. Definido quem é o outro, precisamos entender como esse outro é compreendido pela outridade e por nós ao nos relacionarmos.

Portanto, além da desorientação associada com o encontro com a outridade (isto é, com algo que não se encaixa perfeitamente em nossas categorias de compreensão), a questão da outridade também nos confronta com um desafio ético único. Como

---

<sup>39</sup> No original: “In this global marketplace of ideas, where numerous others are involved in any given situation, different narratives come into conflict: religious narratives, national narratives, ethnic narratives, and cultural narratives. In these conflicts the so-called Grand Narratives—those overarching systems that give meaning to our world as, for example, oriented teleologically toward the return of Christ, or cyclically as the repetition of samsara, or as non-teleological, noncyclical matter and motion—are called into question by other Grand Narratives”.

<sup>40</sup> No original: “socially, questions of otherness are central to issues of identity, multiculturalism, and nationalism. As economic and social globalization continue to reshape the way and extent to which different people interact, questions of otherness will become even more central to issues of identity. And as the world becomes more interdependent, there will inevitably be crises of identity as old modes of selfunderstanding break down and new modes rise to take their place.”.

deveríamos responder a chegada do outro - seja esse outro uma voz no deserto, a voz da inconsciência, ou a voz da viúva, órfão ou estranho? Como nós respondemos a chegada do outro depende, em grande medida, de como pensamos a outridade em si. Assim, a questão da outridade não requer que empreendamos um esforço exaustivo em todos os lugares que encontrarmos a outridade. A questão da outridade pergunta o que é a outridade em si. O que significa encontrar algo ou alguém que é outro? (TREANOR, 2006, p. 3, tradução nossa<sup>41</sup>).

Para o autor, a questão da outridade no mundo contemporâneo é extremamente importante, um ponto que precisa ser definido é se a outridade é plena ou relativa. Treanor (2006) afirma que é relativa, porque para se ter contato, interagir, ter uma relação com o outro, é necessário que se compreenda esse outro – podendo ser por meio das similitudes, como aponta Ricoeur (1991).

Treanor (2006) afirma que não é o encontro com o outro e como reagimos o ponto mais importante da outridade, mas a nossa compreensão sobre ela. Freitas (2017) aborda a questão do relacionamento do si com o outro ao afirmar que:

na abrangência dos relacionamentos intersubjetivos, reconhecer o “outro” em sua situação social, física ou temporal (por exemplo: pobreza, doença e velhice) pode ser uma atitude instigada por emoções e por experiências afetivas. Embora o compartilhamento delas nem sempre seja recíproco, são motivadas por ações simpáticas, empáticas e de compaixão. (FREITAS, 2017, p. 32).

A autora ainda aponta que há um processo para reconhecer a outridade. (FREITAS, 2017). Na atualidade, com tantas narrativas, tantas histórias e pessoas relacionando-se e conhecendo-se, o sentimento que alguém pode ter sobre o outro pode ser diferente de um terceiro sobre esse mesmo outro. Portanto,

o processo que leva a reconhecer a outridade está permeado por princípios de justiça, de estima, de afeto e de respeito, que são acionados socialmente. Contudo, sabemos que as experiências compartilhadas não são harmônicas em sua maioria, pois, assim como os sujeitos são múltiplos e ambíguos, o contexto social é plural e, devido à multiplicidade e às diferenças dentro da realidade social, se desvelam infinitas ordens de realidade, dentro das quais as posições de sujeitos, os valores culturais e as ideologias são divergentes. (FREITAS, 2017, p. 35).

O outro, em sua outridade, é o personagem principal, é quem é estudado e entendido,

---

<sup>41</sup> No original: “So in addition to the disorientation associated with an encounter with otherness (that is, with something that does not fit neatly into our categories of understanding), the question of otherness also confronts us with a unique ethical challenge. How should we respond to the arrival of the other—whether that other is a voice in the desert, the voice of the unconscious, or the voice of the widow, orphan, or stranger? How we respond to the arrival of the other depends, in large measure, on how we think of otherness itself. Thus, the question of otherness does not require that we undertake an exhaustive examination of all the places we encounter otherness. The question of otherness asks what otherness itself is. What does it mean to encounter something that or someone who is other?”.

tanto no âmbito da filosofia, como nas discussões do campo do jornalismo, tópico que será aprofundado em seguida. Como apontado anteriormente, a outridade é a linha da alteridade cujo foco é exclusivamente no outro (FREITAS, 2017), quem ele é, como o apreendemos, como ele é apresentado. O outro pode ser compreendido pela outridade de forma plena ou relativa. (TREANOR, 2006; BENETI; FREITAS, 2017). Estamos de acordo com Treanor (2006) e Freitas (2017) sobre o outro poder ser qualquer ser presente na sociedade com o qual nos relacionamos e, também, que ele é compreendido pela outridade de forma relativa: nunca temos acesso ao outro por completo, mas ao nos relacionarmos com ele, percebemos semelhanças e pontos em comum que nos possibilitam uma relação. (RICOEUR, 1991; TREANOR, 2006; BENETI; FREITAS, 2017).

No jornalismo, para que o outro esteja presente, seja apresentado e gere uma identificação ou comoção no leitor, como cita Lippman (2008), as similitudes do outro são utilizadas, assim como estereótipos. (LIPPMAN, 2008; ALSINA, 2009). Mas o outro no jornalismo tem características próprias.

### 3.3 O OUTRO DO TEXTO JORNALÍSTICO

Após entender quem é o outro em sua compreensão filosófica, podemos partir para o outro específico do jornalismo. Freitas (2017) aponta que entender o jornalismo como atividade que produz e põe em circulação um discurso que tem como base a alteridade vai além de centrar a atenção para a “relação do sujeito-enunciador (jornalista) com o sujeito-intérprete (público)” (FREITAS, 2017, p. 48), uma vez que se refere a todos os outros presentes no fazer jornalístico:

Nesse caso, os “outros” são as fontes, os leitores reais e os leitores imaginados, os “outros” narrados e idealizados pelo discurso jornalístico, os “outros” membros da comunidade profissional e, numa amplitude organizacional, os “outros” veículos. Afirmamos também que, na projeção de si mesmo no texto, o “autor real” assume a posição do “autor imaginado” ou ideal, passando a ser um “outro” para ele mesmo. (FREITAS, 2017, p. 48).

Portanto, a partir do trecho acima, nota-se que o outro é essencial à atividade jornalística. Por isso, Benetti e Freitas (2017) defendem que a base do discurso do jornalismo é a alteridade. O outro é a base da história do jornalismo. É por meio das histórias que conta que, como apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, o jornalismo tem a função de construtor social da realidade. (BERGER; LUCKMAN, 2004a). Gerbner (1998) aponta o que

Lippman (2008) também afirma: a maioria dos fatos que conhecemos, não presenciamos fisicamente, mas lemos a respeito deles, e “nós vivemos em um mundo construído por histórias que ouvimos e vemos e contamos”. (GERBNER, 1998, p. 18, tradução nossa<sup>42</sup>). De acordo com Freitas (2017),

ao conferir aspecto verossímil aos acontecimentos cotidianos, pela mimese o jornalismo tem a potencialidade de reproduzir e de reconstruir o que ocorre no mundo da vida, narrando as realidades e a multiplicidade de sujeitos que nelas habitam. (FREITAS, 2017, p. 46-47).

São nessas histórias que o outro está inserido. “Histórias nos socializam em papéis de gênero, idade, classe, vocação, e estilo de vida, e oferecem modelos de conformidade ou alvos para rebelião. Elas tecem a teia contínua de nosso ambiente cultural”. (GERBNER, 1998, p. 18, tradução nossa<sup>43</sup>).

Ainda na trilha de Gerbner (1998), nota-se que o autor chama a atenção à temática da violência, que para ele é um produto de interesse jornalístico, pelo qual o público, supostamente, deseja ler ou assistir. Conforme o autor, as histórias que abordam violência são, muitas vezes, amparadas em estereótipos.

Os estereótipos, como apresentado anteriormente, auxiliam para que o leitor tenha uma compreensão e consiga conectar-se com o texto e a história contada (LIPPMAN, 2008; ALSINA, 2009), mas também podem ser negativos e auxiliarem na perpetuação de preconceitos. (ALSINA, 2009). O outro, por ser um “mistério” à compreensão imediata, como aponta Martino (2016b), depende desse estereótipo para ser entendido pelos leitores.

O outro é o mais infinito dos mistérios. E tanto mais misterioso porque é igual a um eu que se constrói e dilui nos atravessamentos da alteridade, se transforma a cada vez que a potência de seu ser é afetada pela presença, real ou imaginária, desse outro que desafia sempre a pensar, também, como o outro de alguém, de todos os outros, aquele a partir do qual o outro também se constitui. (MARTINO, 2016b, p. 101).

No âmbito jornalístico, a compreensão que se tem sobre o outro pode ser instigada por sentimentos proporcionados pelo texto noticioso ou pela própria narrativa jornalística. Então, contribuem para o entendimento do leitor sobre o outro narrado algumas ações afetivas como por exemplo a simpatia, a raiva, a indiferença e a empatia. O que mostra que nem sempre a compreensão do leitor é motivada por sentimentos positivos, há a presença de sentimentos negativos e juízos pré-concebidos dos leitores. (LIPPMAN, 2008). Nesse aspecto, a

---

<sup>42</sup> No original: “We live in a world erected by stories we hear and see and tell”.

<sup>43</sup> No original: “Stories socialize us into roles of gender, age, class, vocation, and lifestyle, and offer models of conformity or targets for rebellion. They weave the seamless web of our cultural environment”.

compaixão é uma ação afetiva considerável, pois “é perpassada por julgamentos de valores, levando em consideração a relevância ou a gravidade da situação em que a pessoa se encontra”. (FREITAS, 2017, p. 33). A situação em que o outro se encontra – e como essa situação é apresentada – é fundamental para gerar reações nos leitores.

Na abrangência dos relacionamentos intersubjetivos, reconhecer o “outro” em sua situação social, física ou temporal (por exemplo, pobreza, doença e velhice) pode ser uma atitude instigada por emoções e experiências afetivas, derivadas de ações simpáticas, empáticas e compassivas. A simpatia, a empatia e a compaixão mobilizam sentimentos, estão relacionadas ao fenômeno da alteridade e articulam as perspectivas do para si e do para outro. Quando o “outro” se manifesta em condições diferentes ou semelhantes àquelas nas quais estamos e as quais conhecemos, em um primeiro momento, alcançamos o entendimento de sua situação pela nossa imaginação, repleta de juízos de valores e de crenças, assim como pela capacidade de identificação e pela tentativa de se colocar no lugar do “outro”. Ao reconstruir a experiência do “outro” – projetando-o em nós mesmos e comparando tais experiências com as nossas –, temos a possibilidade de reconhecê-lo à nossa maneira. (BENETTI E FREITAS, 2017, p. 16-17).

O jornalismo se utiliza desses estereótipos para que o público tenha elementos comuns suficientes para entender a história contada (LIPPMAN, 2008), o que nos leva a analisar o discurso do jornalismo em si e as histórias que apresenta. O jornalismo não apresenta o mundo real, como ele é, mas uma interpretação desse mundo.

É por meio da ação mimética que o jornalismo tem a potencialidade de reproduzir e de reconstruir o que ocorre no mundo da vida, narrando as realidades e a multiplicidade de seres e coisas que nelas residem, conferindo, também, verossimilhança aos acontecimentos cotidianos. (BENETTI E FREITAS, 2017, p. 19).

A partir da ação mimética jornalística, que se inicia com o jornalista e se estende até os leitores, surgem diversas interpretações possíveis sobre a identidade do outro, que já não será o outro em si mesmo, mas um que adquire nova identidade a partir desse processo.

Assim, a identidade do “outro” passa a ser uma identidade essencialmente narrativa, que se recria no texto e se diferencia de sua condição fenomênica original. Embora essa identidade resguarde aspectos da singularidade do sujeito, já não é ele em si mesmo (pessoa corporificada) que se apresenta, sequer o “outro relativo”, mas um “outro” do e no texto – o “outro” ideal e mimetizado pelo jornalismo, manifestando-se como fenômeno próprio do texto que o conforma. E como nesse processo há uma ação interpretativa que depende do público ao qual se destina a narrativa, quando este público tiver acesso ao texto vai conhecer o “outro” narrado a partir da reconfiguração do acontecimento jornalístico, no qual a outridade está “diluída”. (BENETTI E FREITAS, 2017, p. 22).

Enquanto outro do texto, a sua identidade é atravessada também por regras editoriais e pelo modelo de produção de notícia. (TUCHMAN, 1973; 1993). Diante disso, a fim de que não se generalize ou se ignore a outridade, um dos desafios do jornalista, de acordo com Munhoz (2017), é lidar com a forma de apresentar o outro seguindo as características e o modo de produção jornalístico.

No desafio técnico há a busca para aperfeiçoar as narrativas e utilizar as tecnologias para relatar de forma veraz e assim compreender melhor os acontecimentos. Nisto, esse profissional desenvolve a sua capacidade de expressão e apreensão do discurso do outro. No sentido estético, utilizar a expressão para ultrapassar as técnicas e assim alcançar a criatividade, tecendo narrativas contextualizadas e humanas. Da mesma forma, apurar a observação para ter maior sensibilidade em apreender o mundo e alcançar profundidade do momento presente. (MUNHOZ, 2017, p. 39).

Por fim, além de ser interpretado nas instâncias jornalísticas, o outro passa a ser interpretado pelos leitores.

O ato da reconfiguração pelo público abre a possibilidade de reinterpretar o que foi apresentado pelo jornalista, porque a narrativa reduz a outridade a estereótipos e a tipificações para poder compreendê-la e descrevê-la, mas, ao mesmo tempo, pela mimese recompõe a singularidade que pertence ao sujeito narrado, ao inscrevê-lo em seu contexto particular. (BENETTI E FREITAS, 2017, p. 22).

O outro do jornalismo que será aprofundado no decorrer do presente trabalho é o outro narrado: o outro personagem das histórias e das notícias que serão analisadas. Para explicar esse outro, é necessário entender que o jornalismo não consegue acessar a outridade de forma plena, apenas de forma relativa. (FREITAS, 2017). Ao entrar em contato com o outro, o jornalista através de entrevistas molda uma percepção desse outro.

O jornalista não acessa a outridade plena, apenas a relativa e, pelo contato imediato (percepção), pela entrevista e pela relação estabelecida com esse sujeito, ele vai moldando, interpretando e conhecendo a outridade. Como a experiência de vida e a identidade podem ser narrativizadas, ou seja, transformadas em história, considerando a singularidade do fenômeno (a pessoa em si mesma, por exemplo), as ações do sujeito (passivas e ativas), o tempo e a estrutura da narrativa (RICOEUR, 1986; 2014), o jornalista, pelo ato de narrar a existência do “outro”, acaba por mimetizar a outridade desse sujeito, condicionando essa outridade à própria construção da narrativa. (FREITAS, 2017, p. 50).

O outro narrado no texto é sempre relativo e surge da reconfiguração de sua história a partir da mimetização do mundo através das narrativas jornalísticas. (FREITAS, 2017). E a forma como ele será apresentado para os leitores dependerá da sua situação de vida e de como conseguir que outro-leitor e outro-narrado se conectem: a exemplo disso, podemos citar a

ligação a partir de um momento vivenciados, um evento que causa empatia, uma situação que gere compaixão ou momentos de superação de alguma situação complexa. (LIPPMAN, 2008; MARQUES E MARTINO, 2016; FREITAS, 2017). Sobre esse assunto, Lago (2014) destaca a complexidade que envolve a narração do outro no jornalismo:

Um repertório reflexivo com questões, dilemas, paradoxos e conflitos inerentes a este confronto/encontro que, se compararmos, pode ressaltar a ausência de qualquer preocupação neste sentido junto ao jornalismo, lugar em que o Outro está dado e construído a priori dentro de estereótipos bastante claros: ou criminalizado (no mais das vezes) ou glamourizado em narrativas que o percebem descontextualizado. (LAGO, 2014, p. 181).

É importante citar que, diferente de Freitas (2017), que entende a outridade e o outro por sua concepção filosófica, pensamento que também é seguido neste trabalho, Lago (2014) segue a visão antropológica, localizando a compreensão do outro no âmbito da sociedade, na qual o jornalismo se insere e observa.

No texto jornalístico, nem sempre, o outro, mesmo quando protagonista de sua história, narra sobre si mesmo. O que ocorre, por conta da estrutura jornalística, é o próprio repórter ou jornalista ceder o espaço e dar voz a esse outro narrado. Há casos em que o outro assume sua própria voz, conta a sua história a partir do seu ponto de vista particular e em primeira pessoa, como ocorre, por exemplo, em alguns perfis, textos opinativos, narrativas alternativas ou seções específicas de jornais de referência, como a sessão *Vozes*, do jornal *The Intercept* Brasil – e mesmo esse formato de texto passa por terceiros, por edições e observação de editores e repórteres – mas a voz do autor se mantém, porém, ainda é aquele outro “do texto”, mesmo que com sua própria voz ativa – considerando que ele ainda será interpretado pelos leitores.

Segundo Marques e Martino (2016), há uma relação de assimetria entre leitor e o outro do texto, que pode ser conflituosa, mas são as disputas de valores, perspectivas, ideologias que dão sentidos ao que se compreende desse outro e da narrativa que o encerra.

Podemos dizer que mesmo sem ser sempre protagonista e real interlocutor, o outro está no texto e é apresentado ao leitor. Portanto, um cuidado que o jornalismo precisa ter, devido a sua função de construtor da realidade social, é prestar atenção em como está apresentando o outro em suas narrativas. Allan (2010), assim como Lago (2014), aborda a questão do outro com um viés sociológico, mas traz questionamentos importantes sobre a perpetuação de preconceitos no que tange a alteridade e o jornalismo. O autor aponta que, em sua maioria, as redações jornalísticas possuem um discurso que ampara uma mentalidade

branca, heterossexual e de classe média – e essa mentalidade pode acabar sendo transmitida nas notícias. (ALLAN, 2010). Pensando na responsabilidade do lugar que o jornalista ocupa socialmente Benetti e Freitas (2017, p. 13) destacam:

O repórter também é um ser no mundo que experiencia os fenômenos e seu próprio contato com o “outro”. No entanto, por estar posicionado em um lugar discursivo específico, o repórter organiza sua experiência a partir de expectativas que vão além das suas, pessoais, e derivam de um conhecimento compartilhado sobre como um repórter deve encarar aquilo que é diferente dele.

Essa mentalidade também fica explícita ao se descrever o outro. Para Allan (2010), o jornal só será plural e conseguirá aproximar-se mais do outro, com o menor uso de estereótipos negativos e perpetuação de preconceitos quando o jornalista estiver disposto a “participar do diálogo e debate sobre como definir melhor a sua identidade em novas e progressivas maneiras, poderá se mostrar vantajoso começar não com as premissas de uma profissão que procuram servir, mas com as suas obrigações com os públicos diversos cujos interesses afirmam representar”. (ALLAN, 2010, p. 39). Ou seja, para se ter uma visão mais plural da sociedade é necessário que as redações também sejam plurais – tenham uma mentalidade plural – e que exista uma abertura de debate entre os repórteres sobre a forma de abordar e explicar o outro. (ALLAN, 2010).

O jornalista deve levar em conta que “o reconhecimento de si mesmo e dos outros sujeitos evidencia a articulação da identidade pessoal do jornalista com a de cada sujeito espacial e temporalmente inscrito na sociedade”. (FREITAS, 2017, p. 46). E esse reconhecimento é carregado de bagagens, de histórias, que estarão presentes e ficarão visíveis ao leitor, por isso a importância do debate, como apontado por Allan (2010).

Lago (2014), afirma que: “falta ao jornalismo, de modo geral, um olhar inclusivo. Um contaminar pela possibilidade de entender e acolher visões de mundo radicalmente diferentes daquelas fruto das projeções sobre o público ideal (as camadas médias e altas urbanas)”. (LAGO, 2014, p. 184). Para a autora, isso é um problema do modelo de jornalismo seguido ainda hoje.

No entanto, sua práxis carece de ferramentas adequadas para o pleno cumprimento deste horizonte conceitual, a começar por uma impossibilidade estrutural de apreender e acolher o Outro em toda sua alteridade, sem reducionismos e estereótipos. Sem esta acolhida, não há democracia efetiva, nem cidadania plena. (LAGO, 2014, p. 184).

Munhoz (2017, p. 40) apresenta que “o jornalista precisa ter como ponto de partida o ser humano, deslocar o que para o quem, ou seja, não se restringir ao relato dos fatos, mas buscar compreender o que se passa ao redor”. Freitas e Benetti (2017, p. 22) também apontam que “refletir sobre a alteridade e a outridade instiga o jornalismo a estar atento à pluralidade que compõe o cotidiano”. Seguindo nessa perspectiva, citamos:

Se o jornalismo ambiciona oferecer uma plataforma para as vozes que se encontram à margem, o primeiro passo para isso é justamente identificar a existência dessa normatização e romper com ela. É no reconhecimento das diferenças de discursos que estaria a possibilidade de ir ao encontro do Outro. O desafio para o jornalismo que se abre para alteridade é, portanto, oferecer condições para que esses agentes sociais ora marginalizados possam expressar os seus valores para além das expectativas padronizadas do modelo atual. (MUNHOZ, 2017, p. 36).

Ainda de acordo com Munhoz (2017), tem-se a seguinte visão sobre como o jornalismo enxerga e compreende o outro:

Em muitas construções, o jornalismo traz a ideia do outro como o diferente, o estranho, o exótico. Por exemplo, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual, o sem-terra, o mendigo, o favelado, o pobre, entre outros precisam ser “traduzidos” para o público hegemonicamente dominante (as camadas médias e altas, brancas e masculinas) para serem admitidos e aceitos. (MUNHOZ, 2017, p. 36).

Há diversos outros presentes no jornalismo, sejam eles reais ou imaginados, mas que nunca são acessados em sua plenitude, mas sim por percepções e ideias dos jornalistas, editores e leitores. (FREITAS, 2017). E o outro é o ponto principal das histórias no jornalismo. Histórias essas que moldam o mundo que vivemos (GERBNER, 1998), construindo a nossa realidade (BERGER E LUCKMANN, 2006a) e que tem potencial afetivo. E é esse outro, o outro narrado, protagonista das notícias dos jornais que será o protagonista, também, dos próximos capítulos deste trabalho. Com base no que foi discutido neste terceiro capítulo, podemos analisar como o outro é percebido e narrado nas *hard news* da editoria Cotidiano do jornal Folha de São Paulo.

## 4 AS METODOLOGIAS: ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DE NARRATIVA

Neste capítulo, apresentaremos o objeto empírico para este Trabalho de Conclusão de Curso e as metodologias definidas para a realização da análise. O objeto de pesquisa escolhido é a editoria Cotidiano, do jornal Folha de S. Paulo, que será inicialmente analisado pelo método quantitativo da Análise de Conteúdo, apresentada por Bardin (1977), e em seguida, as notícias selecionadas serão analisadas por meio da Análise de Narrativa, apresentada por Motta (2008, 2013) e Motta, Borges Costa e Lima (2004).

### 4.1 O OBJETO DE PESQUISA: FOLHA DE S. PAULO E A EDITORIA COTIDIANO

O jornal Folha de S. Paulo, pertencente ao grupo Folha, foi fundado em 19 de fevereiro de 1921, por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de “Folha da Noite”. De acordo com uma matéria publicada em 2016 na Folha<sup>44</sup>, sua primeira versão possuía oito páginas e seu objetivo era “apresentar mais noticiário, menos artigos, textos mais curtos e espaço para esportes”. (FOLHA DE S. PAULO, 2016, s/p.). Com a versão vespertina funcionando, em 1925 foi criada a edição matutina, a “Folha da Manhã”. Os dois jornais, apesar de serem do mesmo empreendimento, possuíam públicos diferentes. O que circulava pela manhã tinha como público-alvo “pequenos comerciantes e profissionais liberais” (COHN et al, 2009), enquanto a versão noturna era mais popular. (COHN et al, 2009). Passados 24 anos, em 1949, entrou em circulação um terceiro jornal, distribuído no período da tarde, o “Folha da Tarde”.

Apenas em 1960, o nome Folha de S. Paulo tornou-se o oficial, após suas três versões. Dois anos depois, em 1962, o jornal foi comprado por Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Os novos donos buscaram ampliar seu público leitor e, para isso, investiram em seu sistema de distribuição para que a Folha chegasse aos leitores interioranos antes de seus concorrentes. Ocorreram também mudanças no formato do jornal e, como informa a edição de 4 de agosto de 1963<sup>45</sup>, a Folha tornou-se o jornal de maior circulação paga do país. (COHN et al, 2009).

---

<sup>44</sup> Folha de São Paulo. **Da criação do jornal ao futuro digital**; veja 9,5 marcos da história da Folha, 2016. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/asmais/2016/02/1744105-da-criacao-do-jornal-ao-futuro-digital-veja-95-marcos-da-historia-da-folha.shtml?mobile>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

<sup>45</sup> Folha de São Paulo. **Toda a equipe da FOLHA vai se reunir em almoço para comemorar progresso**, p 5. 4 de agosto de 1963. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1200&anchor=4971504&origem=busca&pd=a696ab34b4102f9f3f2294ee8d8bce9c>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Entre as inovações tecnológicas da Folha, em 1995, ocorreu o lançamento da FolhaWeb. Segundo a história do jornal presente em sua versão digital, esse foi o primeiro site de notícias em tempo real. A versão online trazia os textos das suas edições diárias, além de traduzir notícias dos jornais estadunidenses *The New York Times* e *Boston Globe*. (COHN et al, 2009). Em 2010, ocorreu mais uma inovação: a unificação das redações impressas e online. Também foram lançados aplicativos para celular com o conteúdo do jornal digital.

A Folha de S. Paulo, hoje, é comandada por Luiz Frias, presidente do conselho administrativo do grupo Folha, e tem como chefe de redação o jornalista Sérgio Dávila. Suas edições são diárias, possuindo versão impressa, online e digital para dispositivos móveis. Também está presente em redes sociais, como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, divulgando suas notícias. De acordo com a versão online do jornal<sup>46</sup>, seus princípios editoriais são a veracidade das notícias, em busca de acontecimentos relevantes e na obtenção de informações exclusivas, priorizando temas de interesse público e cultivando a pluralidade. O jornal também diz buscar ser apartidário e defender a liberdade de expressão.

A Folha de S. Paulo é um jornal de grande circulação nacional. Em 2019, repetiu o feito de 1963 de ter a maior circulação no Brasil, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Naquele ano, a Folha registrou a média mensal, entre versões impressas e digitais, de 328 438 exemplares diários pagos.

Em 1987, o jornal passou a ser segmentado em editorias, com a criação dos primeiros cadernos, conforme apresenta a edição de 16 de fevereiro de 1991 da Folha<sup>47</sup>. Uma nova divisão do jornal ocorreu próximo ao seu aniversário de 70 anos, em 16 de fevereiro de 1991, com a criação de novos cadernos: “Brasil”, “Mundo”, “Dinheiro” e “Cotidiano”. O caderno Cotidiano, que será analisado neste trabalho, surgiu para substituir a seção “Cidades” e, quando foi criado, era responsável por noticiar três temas básicos, de acordo com a apresentação do novo caderno na edição da Folha do dia 16 de fevereiro, “serviços públicos, qualidade de vida e defesa do consumidor”. (FOLHA DE S. PAULO, 1991, p. 7). Era ainda responsável pelas áreas de saúde, educação, esportes (de terça a sábado). Já domingo e segunda-feira, o segmento de esportes possuía um caderno próprio, e a área de Classificados da Folha, o ClassiFolha, só era veiculado dentro da editoria Cotidiano nas quartas e sextas,

---

<sup>46</sup> Os princípios editoriais do jornal Folha de São Paulo estão disponíveis em: <<http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

<sup>47</sup> Folha de São Paulo. **A anatomia da Folha muda a partir de amanhã**, p. 6. 16 de fevereiro de 1991. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11241&anchor=4074691&origem=busca&pd=47dd725f433188e59cebd55482bd31f9>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

nos outros dias possuía cadernos próprios). No caderno, também estavam as reclamações dos leitores “serviços de emergência e outras informações úteis para o dia-a-dia”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1990, p. 6).

De acordo com publicação da Folha de S. Paulo de 16 de fevereiro de 1991, a criação de novos cadernos ocorreu para:

Adequar melhor a leitura dirigida e seletiva à conformação mutante do noticiário nacional e internacional. Deslocar o desenvolvimento do jornal do eixo quantitativo ao qualitativo. Tornar a feitura da edição mais compatível com sua produção industrial. Diferenciar a Folha de seus concorrentes. (FOLHA DE SÃO PAULO; 1991).

O jornal Folha de S. Paulo possuía, em 2020, 18 editorias<sup>48</sup>, “Cotidiano” e “Mundo” continuam existindo e permanecem com o mesmo nome. “Cotidiano” segue sendo responsável pelas áreas de saúde e educação do jornal, mas também ambiente, alalaô (com notícias relacionadas ao Carnaval), feminicídio e mortes, além de dedicar uma parte para a cidade do Rio de Janeiro.

Entre as motivações para a escolha da editoria Cotidiano para esta pesquisa, destacamos o fato de ela ser uma seção que cobre eventos que ocorrem no dia a dia dos leitores, ou seja, por abordar fatos do cotidiano, considerando que são notícias factuais, curtas e não aprofundadas. Essa escolha provocou a reflexão sobre o que é o cotidiano. De acordo com o dicionário online *Houaiss*, a palavra pode ser um adjetivo ou um substantivo. Como adjetivo, significa “que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário” (HOUAISS, 2020)<sup>49</sup>, também “que é comum; banal” ou “que aparece ou se publica diariamente (diz-se de publicação)”. (HOUAISS, 2020). Como substantivo, tem por definição “o que se passa todos os dias, que é comum” (HOUAISS, 2020) e “conjunto de ações, ger. pequenas, realizadas por alguém todos os dias de modo sucessivo e contínuo; dia a dia”. (HOUAISS, 2020).

Em artigo publicado, Benetti e Hagen (2008) buscaram entender o que seria o cotidiano no jornalismo. Para os autores, “a vida cotidiana é repleta de significação, pois é onde os atributos humanos se tornam concretos e é onde o homem se relaciona consigo mesmo e com o outro no tempo presente”. (BENETTI; HAGEN, p. 5, 2008). O cotidiano é uma aproximação com o tempo presente, com o tempo vivenciado pelo homem, o “tempo

---

<sup>48</sup>As outras editorias são: Poder, Mercado, Esporte, Ilustrada, Ilustríssima, F5, Saúde, Ciência, Fotografia, TV Folha, Educação, Banco de Dados, Turismo, Guia Folha, Sobre Tudo e Revista São Paulo.

<sup>49</sup> COTIDIANO. In: HOUAISS, O Grande Dicionário Houaiss. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

possível”. (BENETTI; HAGEN, 2008, p. 5). A editoria Cotidiano da Folha é a responsável por cobrir os eventos do tempo presente.

Ainda para os autores, as ações do homem na vida, em sua rotina, o aprendizado do que se é correto e do que é verdadeiro, como se portar em sociedade, surge do que é aprendido na esfera do cotidiano, considerando que é a “a esfera predominante entre todas as esferas da realidade e, nele, o que dá coerência e ordem ao mundo, de forma subjetiva e imediata, é o conhecimento tipificado. (BENETTI; HAGEN, 2008, p. 6). A nossa vida ocorre no cotidiano, os acontecimentos (jornalísticos ou não), encontra-se no cotidiano. Benetti e Hagen (2008) também trazem outra característica do cotidiano: o dinamismo. O cotidiano movimenta-se, mas mantém estruturas, ensina o que é certo, o que é ético e moral. (BENETTI; HAGEN, 2008). Para manter essa hegemonia e o dinamismo, Benetti e Hagen (2008) apontam que ocorre a ultrageneralização, criando juízos de valores. Para a análise apresentada a seguir, será utilizada a versão digitalizada do impresso do jornal, pois não foi possível encontrar as notícias do período selecionado (do mês de julho ao mês de outubro de 2019) nesse formato. De acordo com o próprio jornal, não há uma forma de pesquisar as notícias por determinado período no próprio site, apenas por meio da rede social *Twitter*<sup>50</sup>.

## 4.2 SOBRE A ANÁLISE DO OBJETO

Para entender como a Folha de S. Paulo constrói narrativamente o outro nas *hard news* em sua editoria Cotidiano, a análise será dividida em duas partes. Inicialmente, seguimos pela análise de conteúdo para entender quantitativamente quais e quantas são as notícias e, em seguida, qualitativamente, seguindo as instruções de Bardin (1977) para compreender sua separação temática.

Entendido os temas abordados, passaremos para o aprofundamento da análise qualitativa, que será guiada pela análise de narrativa apresentada por Motta (2008, 2013). Como afirmamos no segundo capítulo do presente trabalho, notícias individuais não possuem uma narrativa, apenas quando unidas tematicamente. (MOTTA, 2002, 2003, 2004, 2008, 2013). É a partir dessa união que será feita a análise.

### 4.2.1 Análise de Conteúdo

---

<sup>50</sup> No apêndice A, e-mail enviado pelos responsáveis pela editoria, indicando que a forma de pesquisa das notícias era pelo Twitter.

Desenvolvida nos Estados Unidos, no século XX, a Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (1977, p. 19), tem por função “trabalhar com amostras reunidas de maneira sistemática, a interrogar-se sobre a validade do procedimento e dos resultados, a verificar a fidelidade dos codificadores e até medir a produtividade da análise” no âmbito da Comunicação.

A análise de conteúdo (seria melhor falar análises de conteúdo), é um método muito empírico, depende do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica da análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento. (BARDIN, 1977, p. 30-31).

Por poder ser trabalhada de diversas maneiras, a técnica, segundo Bardin (1977), demorou para ser aceita como método científico. Em seu primórdio, já era utilizada para analisar conteúdos publicados nos jornais. (BARDIN, 1977).

Conforme a autora, a análise de conteúdo pode ser trabalhada na forma de uma análise quantitativa (que avalia quantidades, números de matérias) ou qualitativa (a qualidade e o assunto próprio do material):

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração. (BARDIN, 1977, p. 21).

Ao se decidir qual análise será feita – no caso do presente trabalho, a análise de conteúdo será trabalhada pelo método quantitativo – há duas funções para ela: a primeira é chamada de heurística. “A análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo ‘para ver no que dá’”. (BARDIN, 1977, p. 30). Ou seja, por esse método, tem-se uma ideia inicial do que se quer encontrar, mas as respostas só virão pela análise. É ela que guiará o rumo do trabalho. A segunda função é a chamada de “administração da prova”, em que “Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para ‘servir de prova’”. (BARDIN, 1977, p. 30). Nesse caso, já se tem uma ideia definida e busca-se na análise de conteúdo a confirmação dessa ideia. No presente trabalho, a função utilizada é a heurística. Sabemos que queremos compreender e descobrir quem é o

outro nas *hard news* da editoria Cotidiano, mas não temos hipóteses pré-definidas de quem é ele. Descobriremos conforme a análise avançar.

Antes de se começar realmente a analisar o objeto, Bardin (1977) recomenda que se faça uma pré-análise. Essa parte:

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 1977, p. 95).

Para a autora, essa fase possui três passos: a escolha dos documentos que serão analisados, formular as primeiras hipóteses sobre os conteúdos e a definição de quais são os indicadores presentes nesses textos, que auxiliarão na interpretação final. Os passos a serem seguidos iniciam-se com o que a autora chama de “leitura flutuante”, que consiste em ler todos os textos, não de uma forma aprofundada, para entender seu conteúdo. Trata-se de uma leitura para “estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações”. (BARDIN, 1977, p. 96). A autora afirma, no decorrer da análise, que a leitura se torna mais precisa. Outro passo é a escolha dos documentos, em seguida a formulação das hipóteses e objetivos que se busca responder. O quarto passo é a criação dos índices e a “elaboração de indicadores” (BARDIN, 1977, p. 99), que analisará a frequência que determinados temas aparecem nos textos e, por último, a preparação do material: ele deve estar reunido, com um método organizacional de preferência do analista, para facilitar seu trabalho.

No presente trabalho, determinados passos da pré-análise foram seguidos. Foram definidos os documentos que seriam analisados: todas as notícias em formato de *hard news* publicadas na editoria diária Cotidiano durante quatro meses (julho, agosto, setembro e outubro de 2019). A escolha de quatro meses foi técnica, pelo tempo hábil para fazer o trabalho. Definidos os meses, foi feita a leitura flutuante, sempre anotando as impressões iniciais sobre os textos. Não foram, nesse momento, formuladas hipóteses, e o objetivo já estava definido no início da pesquisa: entender como o outro é construído narrativamente na editoria já citada. O material também foi preparado: foram salvas e lidas todas as notícias, inclusive organizando-as em uma tabela. Esse movimento já fazia parte do segundo método da análise de conteúdo: a análise categorial.

É justamente com a pré-análise concluída que se inicia o segundo passo da análise de conteúdo, a categorização.

A *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p. 117).

Essa operação tem duas etapas: na primeira, faz-se uma espécie de inventário com os documentos selecionados para análise, isolando os elementos presente nos textos. Isso é feito individualmente, texto por texto. O segundo passo é a classificação, que busca entender a semelhança entre esses elementos encontrados na fase anterior, para entender como as mensagens se organizam. (BARDIN, 1977). A autora afirma que a divisão em categorias é importante em todas as atividades científicas.

A autora também aponta que há cinco características que determinam se o conjunto de categorias está bom: a exclusão mútua, um conteúdo só pode estar em uma categoria; a homogeneidade; a pertinência; a objetividade e fidelidade; e, por último, a produtividade. (BARDIN, 1977). Ao fazermos essa pré-seleção, percebemos que algumas notícias não estavam em apenas uma categoria. Por exemplo, na nossa análise, encontramos notícias que abordavam conteúdos LGBTQI+ e políticos ao mesmo tempo, ou política e economia, educação e economia, o que não desvalida a qualidade da categoria, considerando que uma mesma *hard news* pode ser perpassada por diversos tópicos sociais.

Para Bardin (1977), a categorização ocorre de duas formas: em uma, as categorias já estão estabelecidas e acomodam-se os elementos que forem encontrados de acordo com essas pré-definições; em outra, são os elementos encontrados que definirão quais serão as categorias, e os seus títulos serão definidos apenas ao final da operação. Neste trabalho, utilizamos a segunda forma apresentada: só descobrimos quais categorias existiam ao final da análise.

A análise categorial iniciou-se com a criação de uma tabela<sup>51</sup> com as seguintes categorias: data, título, página, localização no jornal, produção (se o texto é produzido pela redação da Folha de S. Paulo ou é de agências de conteúdo), sujeito (todas as pessoas citadas no texto, sejam elas personagens, instituições ou fontes das notícias), voz (ativa ou passiva), se é ou tem suíte<sup>52</sup>, se está presente na capa do jornal e, por fim, um pequeno resumo do conteúdo da notícia. Foi feito o que Bardin (1977) chama de descrição analítica. “A descrição

---

<sup>51</sup> Modelo da tabela disponível no apêndice B.

<sup>52</sup> Sequência que se dá a um assunto noticiado, quando a notícia e o fato ainda repercutem interesse público e necessitam de desdobramento jornalístico.

analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”. (BARDIN, 1977, p. 34, grifos da autora). Para ela, esse é o primeiro passo para a análise em si (com a pré-análise pronta): resumir e entender o conteúdo de seus textos, sendo feito um pequeno resumo.

O procedimento faz parte da análise categorial e é um procedimento “simples, se bem que algo fastidioso quando feito manualmente”. (BARDIN, 1977, p. 37). É algo realmente demorado. Precisa-se ler, mesmo que de forma flutuante, reparar nos detalhes e preencher a tabela, para que se consiga compreender o texto, isolar os elementos e encontrar suas características em comum. As categorias encontradas serão apresentadas no próximo capítulo, que abordará a análise do material.

Com o material analisado quantitativamente, lido e dividido em categorias, parte-se para a análise qualitativa, que, no nosso caso, foi feita pelo método da análise da narrativa.

#### **4.2.2 Análise de Narrativa**

“Narrar é uma forma de dar sentido à vida”, afirma Motta (2013, p. 18). A vida é cercada por narrativas, elas estão em todos os lugares

as narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances socioculturais, não são só relatos representativos. (MOTTA, 2008, p. 3).

Como apresentado no segundo capítulo do trabalho, o jornalismo é responsável pela construção da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2004a), e as narrativas presentes diariamente nos jornais auxiliam nessa construção. Segundo Motta (2002, 2003, 2004), unidades de notícias não possuem narrativas, mas o conjunto de notícias sobre um mesmo tema sim. Essa narrativa criada é que guia a compreensão do leitor do mundo e que auxilia na construção social da realidade, por isso a importância de se entender as narrativas criadas pelo jornalismo. Aqui, a opção por trabalhar narrativas foi para entender como ocorre essa construção do outro e como ele se torna parte dessa construção da realidade.

O discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere ou oculta. As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas atualizam a realidade social. Renovam e

experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões. (MOTTA, BORGES COSTA E LIMA, 2004, p. 33).

A metodologia não surgiu, inicialmente, pensada para o jornalismo, mas sim para a literatura, visando estudar a importância da narração nos textos, os heróis e vilões criados, o pano de fundo moral utilizado e a mensagem que se tentava passar, com a chamada narratologia:

A narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. Dedicase ao estudo das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias) ou ficcionais (contos, filmes, telenovelas, videoclipes, histórias em quadrinho). Procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, compreensão e expressão narrativa da realidade. (MOTTA, 2008, p.2).

Motta (2008, 2013) percebeu que o método também poderia ser utilizado para a compreensão do jornalismo:

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força elocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2008, p. 2).

O autor explica que, por meio da análise de narrativa, se busca “observar a *construção* de significações na comunicação narrativa. Analisar *como as pessoas compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos*” (MOTTA, 2013, p. 129, grifos do autor).

Ainda conforme o autor, cada trabalho terá uma certa maneira de analisar a narrativa. Há um processo inventivo nessa metodologia, mas que deve ser bem justificada e ser importante para a compreensão do texto. Motta (2013) diz que o analista precisa sempre se lembrar disto: nenhuma narrativa é ingênua, e todo o narrador tem um objetivo.

Além disso, a narrativa não depende só de quem a escreve, mas também da relação com quem a lê:

As narrativas só existem em contexto e, para cumprir certas finalidades situacionais,

sociais e culturais, não podem nunca ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem o seu objeto determinante. As narrativas são dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estruturação na forma de relatos obedece a interesses do narrador (individual ou institucional) em uma relação direta com o seu interlocutor, o destinatário ou a audiência. (MOTTA, 2013, p. 120-121).

Não há narração sem alguém para quem se narre. A narração é sempre uma interlocução entre um narrador e um ouvinte, e a narrativa só se constrói, só é plena, nessa relação de interlocução. (MOTTA, 2013).

Sobre o método, o autor apresenta três instâncias de análise: “1) *plano da expressão (linguagem ou discurso)*; 2) *plano da estória (ou conteúdo)*; 3) *plano da metanarrativa (tema de fundo)*”. (MOTTA, 2013, p. 134, grifos do autor).

No plano da expressão, o analista estuda o texto em si: a linguagem utilizada, como o texto é construído. Por meio desse plano, “a intencionalidade do narrador e suas estratégias discursivas podem ser mais bem desveladas”. (MOTTA, 2013, p. 137). Já o plano da estória ultrapassa a linguagem e foca no seu conteúdo, nas imagens criadas pelo narrador na mente de seu interlocutor por meio da construção do texto: o ritmo do texto, as sequências selecionadas, a caracterização dos personagens, os elementos textuais utilizados para criar essa imagem. O plano da metanarrativa busca compreender o fundo ético e moral presentes na narrativa. De acordo com Motta (2013), esse é o plano mais abstrato.

O analista da narrativa ou dos processos de comunicação narrativa deverá privilegiar o plano da estória, mas é inevitável que este plano seja estudado simultaneamente ao plano da expressão, pois os dois são fortemente interdependentes. O terceiro plano, o da metanarrativa, é menos tangível. (MOTTA, 2013, p. 139).

Apesar de ser mais abstrato, o plano da metanarrativa também é importante para o presente trabalho, pois entendemos que é nesse plano, com base nessa moral, que as notícias possuem uma contextualização, que é fundamental para a construção social da realidade.

O autor aponta que, apesar da inventividade do processo, há um rigor metodológico na análise narrativa:

Nossa proposta procura ser empírica e rigorosa, afastando-se da pura intuição. Procura eleger certos elementos do conjunto, examiná-los em sua substância, observar suas conexões, relacioná-los permanentemente ao todo através de processos indutivos e associativos. O exame meticuloso de cada detalhe do objeto leva a uma outra coisa e, assim, vai se formando um fundo constituído de camadas sucessivas de interpretações que modificam (em termos de significado) o próprio objeto observado. (MOTTA, 2013, p. 121).

Buscando explicar o rigor narrativo, o autor recomenda que se sigam sete movimentos, que podem ocorrer em ordem ou concomitantes: 1) entender a história e o que ela quer contar, que o autor define como “*compreender a intriga como síntese do heterogêneo*” (MOTTA, 2013, p; 140, grifos do autor); 2) reconstruir a história unindo seus pontos em comum, criando, assim, a narrativa – “*compreender a lógica do paradigma narrativo*” (MOTTA, 2013, p; 146, grifos do autor); 3) perceber se na história contada há divisões em episódios da narrativa, ou, como o autor aponta, “*deixar surgirem novos episódios*” (MOTTA, 2013, p; 160, grifos do autor); 4) identificar os conflitos e como eles afetam a construção do texto – “*permitir ao conflito dramático se revelar*” (MOTTA, 2013, p; 166, grifos do autor); 5) focar na identificação da construção das personagens: “*personagem: metamorfose de pessoa a persona*” (MOTTA, 2013, p; 172, grifos do autor); 6) entender “*as estratégias argumentativas*” (MOTTA, 2013, p; 196, grifos do autor) utilizadas pelo autor para construir sua narrativa; e 7) “*permitir às metanarrativas aflorar*” (MOTTA, 2013, p; 204, grifos do autor), encontrar qual moral guia o texto.

O primeiro passo para encontrar a história envolve a organização do material. Nesta pesquisa, essa etapa foi realizada por meio da análise de conteúdo. É preciso escolher e justificar o prazo em que a história ocorre (aqui, entre os meses de julho a outubro de 2019) e aprofundar a leitura para entender qual história está sendo contada (MOTTA, 2013).

Depois, no segundo passo, precisa-se unir os pontos da história reconstruindo-a para formar uma narrativa (MOTTA, 2013). Motta (2002, 2003, 2004) afirma que notícias, especialmente *hard news*, não possuem narrativas, isso ocorre apenas quando o analista une as notícias em torno de uma temática, percebendo os pontos em comum entre elas.

Os episódios são unidades temáticas narrativas intermediárias, semanticamente coesas, que relatam ações ou conjunto de ações relativamente autônomas (motivos) e correspondem às transformações e progressões no transcorrer da estória, conectadas ao todo no qual significativamente se inserem (MOTTA, 2013, p. 160).

Os episódios seriam pequenas histórias dentro da narrativa maior. (MOTTA, 2013). Cada notícia representa um episódio – as notícias estariam dispostas em episódios, que podem ter mais de um desdobramento. Por exemplo, uma temática encontrada, no *corpus* desta pesquisa, foram pautas LGBTQI+. Esse tema representa a grande história – que não é necessariamente uma narrativa, porém ela pode formar uma. Um episódio dessa narrativa seria, por exemplo, a notícia sobre uma casa de apoio ao público LGBTQI+ que será fechada.

Identificada a história geral e seus episódios, o terceiro passo é identificar qual o conflito maior que rege essa narração. É preciso compreender esse conflito e como ele se apresenta na construção do texto. (MOTTA, 2013). “O conflito dramático é o *frame cognitivo* (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar”. (MOTTA, 2013, p. 167). O autor defende que entender qual é o conflito é o ponto mais importante da análise, pois é o conflito dramático que guia a narrativa. “O conflito dramático é o frame estruturador fundamental de qualquer narrativa porque é ele que dispõe as ações e as personagens na estória”. (MOTTA, 2013, p. 169).

Na identificação do conflito é que se compreende, realmente, a história e seus desdobramentos, e ele ocorre em dois planos, no da história e no da metanarrativa. (MOTTA, 2013). O autor também aponta que o conflito só será realmente entendido ao final da análise (MOTTA, 2013).

O quinto movimento é um dos principais para o presente trabalho: a identificação das personagens e seus objetivos no texto. (MOTTA, 2013). “A personagem ocupa um lugar de destaque em qualquer narrativa, visto que, como já mencionado, é em seu entorno e decorrência de sua existência, que a própria narrativa se constrói”. (MOTTA, BORGES COSTA E LIMA, 2004, p. 42). Para conseguir identificar a personagem, o autor indica:

[...] concentrar-se no plano da estória (sem prescindir nunca do plano do discurso). A observação dessas categorias pode revelar importantes dualidades dos conflitos e desvelar manipulações discursivas dos narradores com o propósito de posicionar as personagens no enredo, recobrando-as de significações, conforme os desejos e intenções deles. Nessa linha, muitas análises da narrativa concentram-se predominantemente na observação das personagens, sua construção ou caracterização, seu dinamismo funcional, seu discurso próprio, etc. (MOTTA, 2013, p. 43).

Para analisar a personagem, é preciso entender que ela é central na história e estudar sua construção e caracterização. (MOTTA, 2013). O jornalismo possui uma característica específica, que a diferencia da narratologia literária: apresenta pessoas reais. Mas o autor defende, mesmo que se baseie em história e pessoas reais, que não é a verdadeira pessoa que está no texto e, sim, uma “pessoa de papel”, um personagem criado para aquela notícia ou reportagem. É como Freitas (2017) aponta o outro: ele nunca é pleno, sempre relativo. O outro, o personagem, nunca será ele mesmo nos textos jornalísticos, mas uma construção que passará pelas vozes do próprio jornalista, do jornal e, também, do leitor.

Do ponto de vista da narratologia, personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos, identificações ou rejeições no receptor ou audiência a respeito da personagem. Mesmo nas narrativas realistas, e ainda que a representação repercuta retroativamente sobre o mundo vivo real. Isso torna a análise deste tipo de narrativa ainda mais desafiadora. (MOTTA, 2013, p. 195).

O sexto movimento da análise busca entender quais estratégias o narrador utiliza para “vender” sua narrativa. (MOTTA, 2013). “Quem narra tem sempre algum propósito: *nenhuma narrativa é ingênua, neutra, imparcial; toda narrativa é argumentativa*. Quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido”. (MOTTA, 2013, p. 196). Entender quais estratégias argumentativas são utilizadas para a construção da narrativa é uma função do analista.

Um dos objetivos do jornalista é que o texto sempre se aproxime do real e se confirme como verdadeiro e objetivo. Para isso, são utilizadas estratégias de credibilidade: citações, identificação de lugares, personagens e tempos, além do uso de dados para comprovar o que se está falando. (MOTTA, 2013). O autor defende que deve se prestar atenção em todos os detalhes para que se consiga entender essa construção:

Uma das tarefas fundamentais do analista, portanto, é revelar *estratégias e estratégias de referência* do narrador para construir os efeitos de real. E os recursos de linguagem que remetem aos efeitos de real são inúmeros. Ao analista cabe identificá-los e interpretar a sua utilidade na estratégia textual (camuflada ou manifesta). O texto dá a impressão de que não há mediação, fato em si mesmo parte de uma estratégia argumentativa. Em última instância, *a objetividade é em si mesma, paradoxalmente, um ardil argumentativo*. (MOTTA, 2013, p. 200, grifos do autor).

O último movimento que o analista deve fazer – mas que ocorrerá concomitantemente aos outros – é encontrar a metanarrativa do texto, porque “toda narrativa, seja ela fática ou fictícia, se constrói *contra um fundo ético e moral*”. (MOTTA, 2013, p. 205, grifos do autor). Nesse movimento, tentaremos explicar, neste TCC, qual é o fundo ético e moral nas temáticas encontradas nas *hard news*. É o fundo moral que dá o tom e auxilia na construção da realidade social:

Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural. A notícia representa sempre uma ruptura em relação a algum significado estável. Nenhuma notícia está nas páginas e telas sem que haja uma razão ética ou moral que justifique o seu relato. (MOTTA, 2013, p. 206).

Conhecidos os sete movimentos que precisarão ser lembrados ao se fazer a análise da

narrativa, o autor pontua que, no jornalismo, há mais de uma voz. (MOTTA, 2013). Apesar de o jornalista ser o narrador, há também outros dois narradores: a voz institucional do jornal e as fontes. A voz institucional está presente por meio do seu manual de redação, no editorial e, também, no aprendizado empírico de como o jornal funciona. (TUCHMAN, 1973; NEVEAU, 2006). A voz do jornalista e da fonte estão explícitas na notícia, fazem parte dela, já a voz institucional está fora, mas os seus ideais e suas histórias acabam se manifestando na notícia e podem ajudar na compreensão e na construção da narrativa do texto. (MOTTA, 2013).

Por meio da análise de narrativa, dos sete movimentos, da compreensão da disputa de vozes, é possível:

Observar de maneira sistemática e rigorosa a voz dos distintos narradores em ação, a gerência das vozes das personagens e a disputa por atenção e visibilidade entre os atores sociais em conflito. É possível observar sistematicamente o *jogo de construção da realidade social*, as disputas, negociações e performances dos interlocutores na luta pelas *verdades* provisórias. Em última instância, observar como os atores ou autores, sujeitos históricos e ativos, transformam-se em locutores e interlocutores das representações sociais na conflituosa e sempre provisória constituição dramática da realidade. (MOTTA, 2013, p. 236).

A análise de narrativa busca entender a história criada, sua construção e, no presente trabalho, como ela constrói a imagem do outro, que se cristaliza no imaginário social, considerando que o jornalismo participa da construção da realidade social. (MOTTA, 2008, 2013; BERGER E LUCKMAN, 2004a). Exibida a metodologia e os passos a serem seguidos, o próximo capítulo abordará a construção do *corpus* e apresentará a análise e seus resultados.

## 5 A ANÁLISE: O OUTRO NAS *HARD NEWS* DA FOLHA DE S. PAULO

Definidos os dois procedimentos metodológicos, partiremos para a delimitação do *corpus* de nosso objeto empírico – a editoria Cotidiano, do jornal Folha de S. Paulo, no formato digitalizado do impresso.

Realizamos a construção do *corpus* de nosso trabalho a partir da pré-seleção do material correspondente ao ano de 2019 e, também, levando em conta a condição temporal para a realização deste TCC. Tendo isso em vista, nosso *corpus* é formado por quatro meses completos de publicações, de 1º de julho de 2019 a 31 de outubro de 2019.

Em média, a editoria possui três a oito páginas diárias e conta com *hard* e *soft news*, reportagens factuais duras e algumas com temas humanizados, com características aproximadas às do jornalismo literário.

Na abertura do caderno, considerando a escolha pela forma impressa do jornal, há sempre uma grande reportagem, que pode ser mais dura, como reformas de parques em São Paulo, ou mais humanas, contando a história de alguém, normalmente uma suíte de uma *hard news* anterior. Nessa primeira página, pode-se ter apenas a grande reportagem, ou ela e mais uma ou duas notícias. A segunda página sempre conta com informações sobre o clima, na coluna da direita e, dependendo do dia, mais reportagens ou notícias. A terceira página com uma coluna<sup>53</sup>, que tem um autor a cada dia da semana. Exemplos de colunistas são a deputada federal Tabata Amaral, o diretor da escola de direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, Oscar Vilhena Vieira e o jornalista, advogado e professor de direito Thiago de Souza. Apesar de não analisarmos os colunistas, é interessante saber quem são para termos um panorama de quem tem espaço e as vozes que compõem o jornalismo opinativo da editoria, por conseguinte, há uma compreensão do contexto e, inclusive, de ideologias que o jornal possui.

As páginas também são preenchidas com análises de eventos, classificados, entrevistas, obituário, propagandas e uma seção chamada “dias melhores”, em que há pequenas reportagens sobre temáticas mais leves e esperançosas, como grupos de auxílio a pessoas com deficiências e pessoas que superaram dificuldades. As notícias presentes na editoria possuem temáticas variadas, como política, crime, acidentes, saúde e meio ambiente.

---

<sup>53</sup> Os colunistas são: Antonio Prado; Tabata Amaral, Antonia Pellegrino; Manoela Miklos; Vera Iaconelli; Ilona Szabó; Jairo Marques; Sérgio Rodrigues; Tati Bernardi; Oscar Vilhena Vieira; Luís Francisco Carvalho Filho; Thiago Amparo.

## 5.1 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Durante os quatro meses selecionados, foram encontradas 298 notícias no formato *hard news*, que compõem o objeto empírico do presente trabalho, sendo 110 no mês de julho, 50 no mês de agosto, 65 no mês de setembro e 73 no mês de outubro.

Para definir o *corpus* consolidado da pesquisa, selecionamos apenas as *hard news* que citavam, de alguma forma, sujeitos que fossem pessoas, ou seja, um “outro”. Instituições, como a justiça, ministérios ou os governos (federal, estaduais e municipais), não foram consideradas como sujeitos para a análise. Já notícias que citam diretamente governadores, por exemplo, de São Paulo, João Dória (PSDB), do Rio de Janeiro, em 2019, Wilson Witzel (PSC), o presidente da república, ministros, ou qualquer político de alguma instituição, foram incluídas no *corpus*, como aparecem em determinadas notícias, os sujeitos Ricardo Salles e o ex-ministro da educação, Abraham Weintraub. Informações sobre o próprio jornal, também presentes na editoria, como novos colunistas, ou premiações, também foram deixados de fora da pesquisa, pois o sujeito neste caso é o jornal e não o outro em si mesmo, como definido no terceiro capítulo do presente trabalho. A exemplo das notícias sem sujeito, temos *hard news* sobre saúde, como a cobertura da vacinação de sarampo – ampla durante os quatro meses – também não entraram no *corpus* consolidado. Notícias sobre o clima e sobre a cidade, da mesma forma, não configuram a noção de sujeito.

Algumas *hard news* que não tinham sujeitos explícitos, mas eram suítes de outras notícias em que os sujeitos apareciam foram mantidas no *corpus*, pois elas compunham a história que estava sendo contada. Motta (2008, 2013) afirma, para entendermos a narrativa de uma história, que é necessário ler todas as notícias publicadas sobre o acontecimento, por isso essas suítes foram mantidas – como laudos e novas informações sobre os casos. A exemplo do que estamos falando nesse parágrafo, temos as seguintes notícias: o assassinato da menina Raissa Eloá Capareli Dadona, de nove anos, que foi noticiado no dia 01/10/2019, “Menina de 9 anos é encontrada morta em parque de São Paulo”, e teve seus desdobramentos publicados em 18/10/2019, “Laudo afirma que Raissa, 9, foi estuprada antes de ser morta”, ou o caso do roubo de ouro no aeroporto de Cumbica, que ocorreu no mês de julho, em que cada nova informação e novo suspeito preso gerava uma nova notícia – e a cobertura se desenrolou em julho e agosto, ou a cobertura da investigação da morte da menina Ágatha Vitória Sales Félix, de oito anos, noticiado em 23/09/2019, que também rendeu semanas de desdobramentos, com notícias aparentemente sem sujeito, como “Bala que matou Ágatha é de

fuzil, mas não pode ser comparada à de PMs”, em 26/09/2011, como o fato de a van em que ela estava ter sido lavada, “Kombi em que Ágatha estava no Rio, foi lavada antes de perícia”, em 29/09/2019, mas que auxiliam na compreensão e construção da narrativa da história e, assim, a entender o outro presente nela.

Com esse recorte, o número de notícias analisadas foi o seguinte: 183 *hard news*, sendo 78 em julho, 31 em agosto, 31 em setembro e 43 em outubro.

## 5.2 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

A pesquisa foi iniciada com a pré-análise, quando lemos todas as matérias publicadas nos quatro meses, separamos as *hard news* e fizemos uma organização das notícias em tabelas. Nesse processo, percebemos que as suítes se localizam normalmente próximas às dobradas do jornal e as *hard news* ficam em espaços pequenos sem muito destaque.

Observamos que o dia com mais *hard news*, dentro do período analisado, foi 11/07/2019, com onze textos publicados. Nesse modelo de notícia, há a preferência pelo uso do discurso indireto<sup>54</sup>, com o discurso direto<sup>55</sup> sendo recorrente apenas para vozes institucionais, como fontes oficiais da política, representantes de ONGs e instituições, ou falas de policiais e políticos. Nas primeiras impressões das leituras das notícias, percebe-se que há uma grande institucionalização de quem pode falar e tem voz nessa categoria, por exemplo com a presença dos colunistas e das fontes oficiais.

Feita a pré-análise, encontramos 298 *hard news* e, dessas, 183 possuíam sujeitos, formando o *corpus* consolidado, como já apresentado. Na leitura inicial, percebemos que há poucos sujeitos, e que os sujeitos melhores construídos – que tiveram ampliação significativa de sua voz na forma de discurso direto e de compreensão de sua outridade – são políticos ou pessoas de elite acadêmica ou financeira. Moradores de rua, prostitutas, usuários de drogas aparecem nas *hard news* normalmente sem um discurso direto. Em resumo: 298 notícias formavam o *corpus* inicial do trabalho, mas 183 que possuem sujeito formam o *corpus* consolidado.

Ao organizar as notícias na tabela, havia nela um espaço dedicado à temática, que tinha como objetivo facilitar a categorização do processo – segundo passo da análise de conteúdo. Buscamos, pela leitura, entender sobre o que os textos tratavam e, assim,

---

<sup>54</sup> Discurso indireto se caracteriza pela construção da fala da fonte pelo jornalista.

<sup>55</sup> Discurso direto se caracteriza pela transcrição da fala em sua forma original para o jornal, com o uso de aspas ou travessão.

possibilita sua divisão. Os temas encontrados nas *hard news* foram: 1) acessibilidade; 2) acidente; 3) cidade (São Paulo); 4) clima; 5) crimes; 6) cultura; 7) diversidade; 8) economia; 9) educação; 10) eventos; 11) Folha de S. Paulo; 12) LGBTQI+; 13) meio ambiente; 14) moradia; 15) mulheres; 16) polícia; 17) política; 18) racismo; 19) religião; 20) saúde; 21) social, 22) transporte e 23) xenofobia. Essa separação temática auxiliou na categorização inicial – fase da análise de conteúdo apresentada por Bardin (1977). Abaixo dispomos de duas tabelas: a primeira do *corpus* total do trabalho, e a segunda do *corpus* consolidado. Entendemos que é importante a presença de ambas (de todas as notícias e das que serão analisadas no trabalho) para a comparação entre as temáticas que possuem sujeitos e as que não possuem.

**Tabela 1: *Hard News* e suas temáticas - todas as notícias mapeadas**

TEMÁTICAS	<i>HARD NEWS</i> (QUANTIA)
Política	119
Crime	77
Acidente	36
Polícia	32
Educação	27
Saúde	25
Cidade (São Paulo)	22
Mulheres	18
Trânsito	15
Meio ambiente	10
Folha de S. Paulo	9
LGBTQI+	6
Social	6
Cultura	5
Evento	4
Religião	3
Acessibilidade	1
Clima	1

Diversidade	1
Economia	1
Moradia	1
Racismo	1
Xenofobia	1

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 2: *Hard News* e suas temáticas - corpus consolidado**

TEMÁTICAS	<i>HARD NEWS</i> (QUANTIA)
Crime	71
Política	71
Educação	27
Acidente	25
Polícia	25
Mulheres	15
Cidade (São Paulo)	6
LGBTQI+	6
Meio ambiente	5
Social	5
Trânsito	5
Religião	3
Saúde	3
Acessibilidade	1
Cultura	1
Diversidade	1
Moradia	1
Racismo	1
Xenofobia	1
Clima	0
Economia	0

Evento	0
Folha de S. Paulo	0

Fonte: Dados da pesquisa.

Durante a divisão temática, algo nos chamou atenção: por vezes, o jornal utiliza expressões como governo Bolsonaro, governo Dória, governo federal ou governo de São Paulo nos títulos de determinadas notícias. Enquanto em outras notícias, usa os nomes próprios dos políticos. Um exemplo é no caso da privatização dos presídios em São Paulo, em que o jornal cita o nome do governador em todos os títulos das notícias: “Justiça de SP barra licitação de Dória para ceder prisões” (12/10/2019); “Tribunal de contas também barra licitação de Dória para presídios” (15/10/2019); “Após reveses, Dória suspende concessão de quatro presídios” (16/10/2019).

A temática crime é a que mais aparece, com 71 notícias. Isso pode se justificar pelo fato de que, em um crime, sempre há uma pessoa envolvida, sempre há um sujeito, seja ele o criminoso ou a vítima. Percebemos também, nessa primeira leitura, que questões sociais, como racismo, temáticas LGBTQI+ e até referentes às mulheres tornam-se notícia apenas quando os sujeitos estão envolvidos em acontecimentos que envolvem crimes ou informações policiais. Todas as notícias sobre pessoas LGBTQI+ foram ou sobre violência e preconceitos, ou sobre a perda de direitos – como no caso da notícia sobre uma casa de acolhimento de São Paulo, na data de 01/07/2019, que seria fechada, com o título “Gestão Covas Fecha Centro de Referência da Diversidade”. Há notícias de casais sendo atacados, inclusive a de um policial que pediu seu namorado em casamento de farda: “PM que pediu namorado em casamento é ameaçado na internet” (03/07/2019).

Moradores de rua também se tornam pautas quando estão associados a crimes. Em notícia publicada em 07/07/2019, com o título “Prefeitura de SP remove roupas e cobertas de cuidador de praça”, narra-se que a prefeitura tirou os pertences de moradores de rua. Nessa *hard news*, apenas um sujeito aparece com nome, Alexandre Pinto Martinez, e há a sua voz sobre o ocorrido, mas há um espaço maior com o pronunciamento da prefeitura sobre o caso. Na temática sobre os crimes, percebemos que o crime em si é sempre o foco principal e não as pessoas. Coloca-se o sujeito – o outro – em segundo plano.

Notamos que temas policiais são frequentes, pois aparecem em 25 notícias que ocupam espaços grandes no jornal, localizados acima da dobra, por exemplo. Dentro dessa temática, mulheres se tornam notícias apenas quando são vítimas de violência ou quando são

promovidas ou ganham um cargo na polícia. Em um caso, em que a policial foi morta no trabalho, seu nome aparece apenas no terceiro parágrafo. No *lead*, apenas o seu trabalho é mencionado, demonstrando que a instituição está acima do sujeito humano.

A polícia está presente em notícias diariamente, e o caso que mais nos chamou a atenção durante a pré-análise foi a notícia da morte da menina Agatha<sup>56</sup>, possivelmente assassinada por policiais por meio de uma bala perdida. Como sempre ocorre na editoria, há na primeira página uma reportagem. Nesse dia, a reportagem era sobre a morte da menina, entretanto, logo abaixo há uma notícia cujo título é: “Em menos de 24h, Rio tem dois PMs mortos em serviço” (23/09/2019). No presente trabalho, não analisaremos a diagramação das notícias na página, mas nos chamou a atenção que, nesse dia, esses dois textos estivessem juntos e dispostos dessa maneira. Fica explícito que, apesar de assassinar uma criança, os policiais também estão sendo mortos. Dessa forma, o peso da informação sobre o assassinato de uma criança pela polícia diminui, pois há outra notícia logo abaixo na qual os policiais são as vítimas.

Essa divisão temática foi relevante para compreendermos quais histórias estão sendo contadas pelo jornal e, assim, entendermos quais são os sujeitos dessas histórias e como eles são apresentados – e, conseqüentemente, como se dá a construção social da realidade (BERGER E LUCKMANN, 2004a) por meio das narrativas criadas por essas histórias. A categorização serve de base para o entendimento das histórias e a criação das narrativas, o que nos leva à segunda parte da análise do objeto empírico, a qualitativa, com base na análise de narrativa de Motta (2008, 2013).

### 5.3 A ANÁLISE DE NARRATIVA

Conforme Motta (2013), como apresentamos, o primeiro passo da análise da narrativa é fazer a leitura flutuante, ler todas as notícias e anotar as primeiras impressões que surgem. O objetivo é entender o assunto geral dos textos estudados. Esse primeiro passo foi realizado ainda na análise quantitativa, quando organizamos o *corpus*.

---

<sup>56</sup> A menina, Ágatha Vitória Sales Félix, foi assassinada no dia 20/09/2019, devido às balas perdidas, enquanto voltava para casa com sua mãe em uma kombi na comunidade de Fazendinha. Durante meses ocorreu a investigação para se descobrir se a bala era de policiais ou não, entretanto houve obstáculos para a identificação, como o fato da kombi ter sido lavada. Três meses depois, em novembro, foi concluído que o disparo foi feito por um policial militar e ele foi indiciado por homicídio doloso.

Nosso próximo passo, utilizam-se foi utilizar as categorias apresentadas no subcapítulo anterior para entender quais são as histórias presentes (MOTTA, 2008, 2013) na editoria Cotidiano.

### 5.3.1 As histórias contadas pela editoria Cotidiano

Cada categoria temática encontrada na análise de conteúdo torna-se, agora, uma história contada pelo jornal. Faremos, então, comentários sobre cada uma delas.

**Acessibilidade** – A história aborda uma situação difícil vivida por uma pessoa com deficiência por falta de acessibilidade: “Cadeirante sobe escada sentado em posto do INSS” (18/07/2019).

**Acidentes** – A história trata de acontecimentos que envolvem sofrimento, lesões, mortes e danos. Estão presentes nessa história acidentes de carro, de avião, quedas em parques de diversões e quedas em patinetes.

**Cidade** – Aqui, a história é sobre o desenvolvimento e a organização da cidade de São Paulo e parece ser a temática mais aprofundada da editoria. Os acontecimentos desta história estão associados à temática **política**. A cidade em si não é um sujeito, mas se torna parte do nosso *corpus* pelas notícias envolverem sujeitos que falam sobre ela. Os sujeitos que aparecem são, principalmente, políticos. Em um caso, há a voz de ciclistas: “Ciclistas reclamam da falta de aviso para obras em SP” (30/10/2019).

**Cultura** – A história aqui contada envolve o Museu do Ipiranga, que, assim como na temática **cidade**, não é um sujeito por si. Entretanto, há a fala de um sujeito, no caso, o governador de São Paulo: “Dória inaugura obra de restauro e ampliação do Museu do Ipiranga” (08/09/2019).

**Crime** – A história, como o próprio nome da categoria anuncia, aborda, acontecimentos que envolvem crimes, incluindo, por exemplo, transgressões e ações condenáveis.

**Diversidade** – Nesta história há uma única notícia nos quatro meses analisados, que é a cobertura de um evento religioso sobre diversidade: “Evento crítica ‘comunidade da fé’ que oprime diversidade” (03/07/2019). A notícia conta que pessoas de diferentes religiões se reuniram para criticar os religiosos que se opuseram à diversidade, principalmente em relação à comunidade LGBTQI+. Por ter apenas uma notícia, não configura a construção de uma narrativa em si, mas consideramos uma história presente na editoria que auxilia na

contextualização da construção da visão da religião sobre essa comunidade (que é outra categoria encontrada nesta pesquisa) pela Folha.

**Educação** – A história aborda decisões sobre os rumos das universidades e escolas do país. Assim como as histórias presentes em **cidade** e **cultura**, a educação em si não é um sujeito, mas, em sua história, há sujeitos citados, como o ex-ministro da educação Abraham Weintraub, o próprio presidente Jair Bolsonaro, estudantes e professores.

**Meio ambiente** – Esta história é sobre a taxa para entradas na ilha de Fernando de Noronha (PE). A primeira notícia foca em uma fala de Bolsonaro: “Bolsonaro diz que taxa em Noronha é ‘roubo’ e vai revê-la” (15/07/2019). Há outra notícia sobre a visita do ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, ao local: “Ministro Salles vai a Noronha discutir taxas para turistas” (17/07/2019).

**Mulheres** – Aborda uma variedade de histórias: mulheres vítimas de assédios e abusos, principalmente sexuais; mulheres que cometem crimes; e um caso incomum em decisões judiciais, o da mãe que perdeu a guarda do filho: “Mãe perde guarda do filho por ‘risco diuturno de morrer’ no Rio” (24/07/2019). A justificativa dessa decisão foi o Rio de Janeiro ser perigoso e a criança ter risco de morte. Nos meses seguintes analisados, nenhuma nova informação sobre o caso apareceu. Há também notícias sobre as mulheres policiais que são promovidas ou mortas em serviço. Em geral, portanto, a história contada é de mulheres que cometem ou sofrem algum tipo de violência.

**Polícia** – A história contada aqui, em geral, coloca os policiais como heróis, contando seus feitos, como prisões de suspeitos, desmantelamento de quadrilhas, ou fala das mortes de policiais em serviço. Mesmo quando há erros por parte da polícia – como no caso Agatha –, o acontecimento aparece de forma isolada, sem relacionar com outros casos de violência policial. As notícias positivas sobre os policiais ocupam espaços grandes no jornal, na parte superior da página, enquanto as negativas, como suítes do caso mencionado, ocupam espaços pequenos, na parte inferior da página.

**Política** – A história contada é sobre decisões governamentais, falando de políticos que aprovaram ou rejeitaram leis, ou novos projetos. Geralmente há falas dos mesmos e ataques que proferiram ou sofreram. Um exemplo do último caso é a notícia “Em férias, Weintraub discute com ativistas no PA” (23/07/2019). O tom da notícia é perceptivelmente crítico ao ministro, mostrando que a narrativa pode favorecer ou desmerecer as figuras públicas.

**Racismo** – A história é formada por apenas duas notícias. Uma está associada à categoria **crime** e a outra, à **política**. Duas notícias não constroem uma narrativa, mas consideramos uma história, um acontecimento que nos provocou um questionamento: em quatro meses, houve apenas dois casos de racismo no período analisado ou apenas dois foram noticiados? Essa pergunta não pode ser respondida nesta pesquisa, embora se saiba que o racismo é muito presente na sociedade brasileira. Por isso, chama-nos a atenção apenas esses dois casos terem sido noticiados.

**Religião** – Esta história aparece em três *hard news*: a primeira relacionada à temática **diversidade** (trata-se da notícia sobre o ato que reuniu religiosos). A segunda notícia é sobre uma afirmação da ministra da mulher, família e direitos humanos, Damares Alves, sobre as religiões afro-brasileiras: “Religiões afro terão ‘atenção especial’ afirma Damares” (19/07/2019). Notamos que essa notícia aborda mais a questão política e a construção da personagem “Damares” do que a temática da religião em si. A terceira notícia é sobre traficantes religiosos: “Traficantes do ‘Bonde de Jesus’ são presos por ataques terroristas” (15/08/2019).

**Saúde** – Conta a história de decisões governamentais em relação à temática, especialmente referentes à situação de médicos cubanos no Brasil. O presidente Jair Bolsonaro, ao assumir a presidência, terminou com a parceria entre Brasil e Cuba para trazer médicos da ilha para atuarem em áreas remotas do Brasil, afirmando que colocaria médicos brasileiros no lugar. Ao abrir editais e concursos e perceber que os médicos brasileiros não ocupariam as posições, voltou atrás e criou um projeto que teve cobertura nesses quatro meses de análise.

**Social** – A história é formada por notícias sobre prostitutas, moradores de rua e moradores de comunidades. As notícias que pertencem a essa história ou têm cunho mais humorístico – como no caso das prostitutas –, ou contam história sem a presença da voz dessas pessoas. Ou seja, não se dá a oportunidade de que esses sujeitos contem sua própria história, como é o caso dos moradores de rua.

**Trânsito** – Conta histórias de acidentes, presentes também na categoria de mesmo nome; de construções em vias, nas quais o sujeito é algum político; e de reclamações de ciclistas sobre a organização das ciclofaixas.

**Xenofobia** – A última história aparece em apenas uma notícia: “Grupo atira bomba de gás em restaurante palestino em SP” (02/09/2019). Na notícia, há apenas citações de políticos, e não do dono do restaurante que sofreu o ataque. Há a informação de que ele já havia sido

preso, no passado, após ter reagido a outro ataque xenofóbico. Apesar de uma notícia, mais uma vez, não constituir narrativa, a história nos ajuda a contextualizar, novamente, a construção das narrativas na Folha, provocando questionamentos: por que não há a voz do dono do restaurante? Por que a informação de que ele foi preso? Ela é vital para o entendimento do ocorrido ou está ali para descredibilizar o sujeito? Lembrando que Motta (2008) afirma que nenhuma narrativa é ingênua. Também nos perguntamos se esse foi o único ataque xenofóbico que ocorreu em São Paulo nos quatro meses analisados. O fato de o restaurante ser famoso por reunir personalidades e atos da esquerda pode ter contribuído para que esse caso tenha sido noticiado. Ele reúne no mínimo quatro valores-notícia destacados por Traquina (2020a): notoriedade, inesperado, conflito e infração.

### 5.3.2 As narrativas e seus conflitos construídos pelas *hard news*

Entendidas quais histórias estão presentes nas *hard news* da editoria, partimos para compreender quais dessas histórias, ao serem reunidas, formam narrativas. Esse é o segundo movimento de análise proposto por Motta (2013). Encontramos, então, seis tipos de narrativa unindo as histórias identificadas: 1) de acidentes; 2) de crimes; 3) de diversidade; 4) de mulheres; 5) de polícia e 6) de política que serão explicadas em seguida.

Como explica Motta (2013), os caminhos seguidos na análise de narrativa não ocorrem de forma separada, mas concomitantemente. Por isso, ao comentarmos, a seguir, as narrativas encontradas, explicaremos também os dois passos seguintes: as divisões nas narrativas (ou as subnarrativas presentes na grande narrativa) e a identificação do conflito em cada narrativa. No caso, as subnarrativas são cada uma das temáticas previamente identificadas. Para Motta (2013), o conflito pode estar presente em uma notícia individual, na sequência de notícias sobre o mesmo acontecimento, ou na sequência narrativa de um assunto. (MOTTA, 2002, 2003, 2004).

A **narrativa de acidentes** indica que alguns acidentes são graves e importantes o suficiente para se tornarem notícia e outros não – essas notícias compõem a temática acidente. Motta (2002, 2003, 2004) afirma que há duas formas de *hard news* constituírem uma narrativa – ou por união temática, ou pela cobertura de um mesmo acontecimento no decorrer do tempo. A narrativa dos acidentes une essas duas formas. Há acidentes contados de forma isolada e há acidentes que são retomados em suítes. A exemplo disso, temos os seguintes

acontecimentos: três incêndios, quedas de avião, também acidentes com veículos, como carros e patinetes.

O conflito da narrativa dos acidentes está presente individualmente em algumas notícias, já que elas explicam o que ocorreu em cada um dos acidentes. Ou seja, nesses casos, o conflito é inerente ao acontecimento. Mas também há conflitos que vão se revelando numa sucessão de notícias. Por exemplo, nas notícias sobre o incêndio em um hospital privado do Rio de Janeiro, chamado Badim, em outubro de 2019, o grande conflito foi a descoberta de que ele não estava com as normas de prevenção contra incêndio em dia. Esse conflito foi aparecendo aos poucos, conforme os fatos se sucediam.

A **narrativa dos crimes** conta com o pano de fundo ético do que é certo e o que é errado. Essa narrativa envolve uma variedade de crimes, que apareciam em diferentes categorias temáticas, como violência contra mulheres, roubos, assassinatos e corrupção. Essa narrativa tem três subnarrativas: os crimes cometidos por pessoas ordinárias; os crimes cometidos por pessoas já marginalizadas, como moradores de rua; e os crimes cometidos por pessoas que fazem parte de instituições, como políticos e policiais, e, também, de classes sociais mais altas.

O grande conflito desta narrativa é percebido ao se constatar que os sujeitos não têm voz nas notícias individuais. O conflito é o próprio crime, já que é uma infração que quebra com as normas éticas e legais da sociedade. Há casos em que o conflito se estende, tendo, inclusive, diferentes suítes. Esse é o caso da notícia de um político e médico acusado de abusar de pacientes, que se defende dizendo que houve armação política contra ele. Esse sujeito perdeu seu cargo e ficou impedido de atuar como médico. O conflito em relação a ele vai sendo desenvolvido em várias notícias. Além desse, há outro caso em que o modo como ocorreu o crime é explicado ao longo de várias notícias até chegar na prisão dos suspeitos. Trata-se do caso do roubo de ouro do aeroporto de Cumbica (SP), em julho de 2019. Ainda há o caso de uma menina, Raíssa, que foi abusada sexualmente e morta. O conflito também se desenvolve no conjunto de várias *hard news*. Portanto, chama a atenção o fato de que, em vários casos, a narrativa relacionada a crimes vai se desenvolvendo aos poucos, e o jornal precisa voltar ao assunto para acompanhar o que está acontecendo dia a dia.

A **narrativa da diversidade** une as temáticas acessibilidade, educação, LGBTQI+, mulheres, racismo, religião, saúde, social e xenofobia, que são suas subnarrativas. Reunindo notícias dessas diferentes temáticas, construímos um panorama de como os temas socialmente tratados como diversidade se apresentam na editoria.

O conflito dessa narrativa não está em apenas uma notícia ou na cobertura de um caso específico – porque não há cobertura de nenhum caso –, mas no entendimento de que esse não é um assunto abordado com frequência ou com espaço na editoria. Apenas duas notícias com temática LGBTQI+ possuem um espaço maior no jornal. Contudo, chama a atenção que uma é relacionada à política – o fechamento de uma casa de acolhimento, já comentada –, e a outra sobre a homofobia sofrida por um PM ao pedir seu namorado em casamento de farda, também já apresentada. Os outros ataques homofóbicos são a casais gays e estão em notícias sem tanto destaque. O mesmo ocorre com racismo, com acessibilidade e as outras subnarrativas: não têm espaço e não apresentam um discurso direto.

A **narrativa das mulheres** mostra que a mulher é vista e apresentada na editoria apenas quando é vítima de violência, seja por um parceiro, seja pela justiça; quando faz parte da instituição da polícia; ou quando comete um crime. Ela divide-se, então, conforme seus sujeitos: vítimas de um crime, suspeitas ou culpadas por um crime, e em relação ao trabalho na polícia.

Por que as mulheres aparecem apenas nessas situações? E por que suas vozes não aparecem? O conflito desta narrativa, portanto, se encontra no fato de que as mulheres são relacionadas apenas ao mundo da violência e da polícia e ao verificar a falta de suas vozes.

A **narrativa da polícia** conta os feitos da instituição, geralmente com um viés positivo. Ela tem como divisões narrativas as atuações da instituição: investigações; prisões; e ações que causaram mortes e são controversas, como pessoas mortas em tiroteios. Essas divisões já foram apresentadas ao explicar as histórias presentes na editoria.

O conflito ocorre ao se perceber que, apesar do destaque que o jornal dá para instituição, há casos de corrupção, de erros e de violência da polícia que não podem ser ignorados e, portanto, são também noticiados. Além do caso da menina Agatha, já comentado, aparece a notícia de um agente penitenciário afastado por tortura: “Após denúncias de tortura, chefe de força-tarefa no PA é afastado” (09/10/2019). Nesse caso, os presos que denunciaram as torturas não têm espaço para comentar, nem com sigilo de fonte. A voz que aparece é apenas a da instituição que regula as penitenciárias e que afirma não reconhecer as denúncias. Portanto, nesse caso, a narrativa construída é a dos policiais como heróis, mas há alguns fatos que se impõem e rompem com essa imagem positiva.

A **narrativa política** aborda temas sobre a administração das cidades, estados e do país, e une as histórias de política, cidade, cultura, educação, meio ambiente, moradia, religião, saúde e trânsito. Ela se divide em diversas subnarrativas: a narrativa dos governos

municipais, exemplificada pelo prefeito de São Paulo, Bruno Covas, dos governos estaduais, com João Doria e Wilson Witzel, e do governo federal, com Jair Bolsonaro e seus ministros, Damares Alves e Ricardo Salles, e ex-ministros, Abraham Weintraub e Luiz Henrique Mandetta.

O conflito aparece nas próprias notícias (por exemplo, quando se apresenta um projeto de lei controverso e opiniões opostas sobre ele); no aprofundamento de um caso, ou unindo narrativas. O exemplo de aprofundamento é o caso da privatização das penitenciárias pelo governador João Doria. A cobertura se inicia com a notícia do governador marcando o evento e o conflito se desenvolve nas notícias seguintes. A Justiça barra a privatização, e, por fim, o governador cancela o projeto. Cada um desses acontecimentos é noticiado. O mesmo ocorre com o caso da taxa de entrada em Fernando de Noronha, que envolve Bolsonaro e Salles. Há mais de uma notícia acompanhando esse acontecimento. Por fim, o exemplo de união de narrativas ocorre nas notícias de figuras controversas, como os ministros Damares e Weintraub. Durante os quatro meses de análise, diversas falas e comportamentos de ambos foram noticiados. Uma das notícias é sobre Damares afirmar que homens devem abrir a porta das empresas para as mulheres: “Homens devem abrir porta de fábrica a mulheres, diz Damares” (09/08/2019). Sobre Weintraub, há uma notícia quando ele entra em conflito com grupo indígena no Pará (23/07/2019).

### **5.3.3 A construção de personagens nas narrativas**

Com a identificação de quais narrativas existem e seus principais conflitos, partimos para um dos movimentos da análise de narrativa mais importantes para o presente trabalho: a identificação e construção de personagens. Devemos lembrar que, como apresentado por Motta (2013), pessoas citadas nas notícias, especialmente conhecidas, não são a sua versão real e física, mas a criação de um “sujeito de papel”, da mesma forma que Freitas (2017) aponta que o outro nunca é pleno nas notícias, ele é sempre relativo.

Para a definição e interpretação de quem são os personagens, prestou-se atenção em alguns detalhes: quem está presente no texto? Possui nome próprio? Em que parágrafo o nome aparece? É no primeiro, no *lead*? No segundo? Ou no terceiro? Lembrando que, na construção das *hard news* que seguem o modelo de pirâmide invertida (TRAQUINA, 2020a), os últimos parágrafos teoricamente podem ser cortados sem prejuízo de entendimento da notícia. Isso significa que, se o nome de um sujeito está no final da notícia, sua

individualidade, poderia ser cortada do texto teoricamente sem problemas. Também é necessário analisar se esses personagens são citados em discurso direto ou indireto e quem conta suas histórias: o próprio jornal, considerando que grande parte das *hard news* não são assinadas; uma instituição, como a polícia ou um delegado; ou um familiar?

Como exemplo da importância do nome próprio, temos a notícia sobre uma policial morta em serviço: “Policial morre após ser atropelada por carro roubado na Grande SP” (04/09/2019). Nessa notícia, o nome da policial aparece apenas no terceiro parágrafo. A instituição “polícia” e o crime cometido são mais importantes que a individualidade da mulher. Em outras notícias sobre crimes, os nomes dos suspeitos aparecem antes do nome da mulher morta no trabalho – o que diz muito sobre a construção de personagens mulheres e também sobre o próprio jornal.

Aprofundando a análise dos personagens na narrativa de crimes, os assassinatos, assaltos, casos de corrupção, estupros e outros atos considerados fora da lei se tornam notícia por fazerem parte dos valores-notícia conflito e infração (TRAQUINA, 2020a). Esses casos mostram como a Folha de S. Paulo dá pouca visibilidade às pessoas que já estão à margem, e que o jornal considera que não seguiram as normas éticas, as leis da sociedade, que se opuseram a uma moral, ao que é “certo”.

Outro exemplo da construção de sujeitos pelo jornal aparece na narrativa da diversidade. A notícia “Escola em BH anula prova com texto de Duvivier” (11/10/2019) fala sobre uma prova anulada em uma escola na Bahia por trazer um texto do escritor e comediante Gregório Duvivier. No texto há diversos sujeitos presentes, incluindo pais e alunos. No entanto, as opiniões favoráveis à anulação da prova foram colocadas no início da matéria, tendo, inclusive, citações diretas de notas nas redes sociais. Já os alunos são considerados sujeitos por serem citados, mas não estão em discurso direto. Por fim, a única citação contrária à anulação foi a do próprio autor do texto, que está no último parágrafo. É apenas uma notícia, que não forma uma narrativa completa, como aponta Motta (2002, 2003, 2004), mas nos auxilia na contextualização e no entendimento do que é importante na notícia e, portanto, como a Folha busca construir suas narrativas no que diz respeito aos sujeitos. Não é a voz dos alunos, mas a de seus pais e de instituições favoráveis à decisão que são destacadas, com a única voz contrária aparecendo no final da notícia.

Há narrativas, como a de política, cuja principal função é a criação de personagens. Percebemos que há a valorização de determinados nomes (como do ex-ministro Sérgio Moro) e a desvalorização de outros (como Abraham Weintraub e Damares Alves). Com o ex-

ministro Sérgio Moro, há notícias elogiosas sobre seus projetos e pronunciamentos, mesmo quando a fala é controversa, como na notícia “Moro diz que homens são violentos por se intimidarem com mulheres e é criticado” (08/08/2019), em que apesar de existirem críticas do público, traz especialistas, vozes oficiais, concordando com o ex-ministro, além de políticas do governo em relação a violência contra a mulher.

Alguns sujeitos, como João Doria e Jair Bolsonaro, são apresentados ora de forma positiva, ora negativa. Há semanas em que suas decisões são apresentadas com um tom sério e de forma valorizada. Em outras semanas, esses sujeitos aparecem nas notícias com um tom crítico por parte do jornal.

Ao analisar a forma como aparecem nas notícias e a construção dos personagens, percebemos que na narrativa das *hard news* da editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo estão presentes seis tipos de outros, que serão, a seguir explicados: 1) o outro criminoso, 2) o outro familiar, 3) o outro invisível, 4) o outro personalidade, 5) o outro vítima e 6) o outro testemunha. Em oito notícias, há dois sujeitos presentes.

**Tabela 3: Os sujeitos encontrados nas *hard news* e suas temáticas – corpus consolidado**

CATEGORIZAÇÃO DO OUTRO	HARD NEWS (QUANTIA)
Criminoso	45
Familiar	6
Invisível	29
Personalidade	71
Vítima	34
Testemunha	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Para melhor compreensão do que chamamos de o outro criminoso, destacamos que enquadrados nessa categoria apenas aqueles que na notícia estão diretamente associados a um tom de julgamento por parte do jornal por terem cometido uma ação errada. Há casos, como do militar que transportou cocaína no avião presidencial, que não foram incluídos nessa categoria. Nesse caso, há um crime, mas o tratamento da notícia, exemplificado pelo título, faz com que ele se enquadre na categoria de outro personalidade: “Sargento transportou 39kg de cocaína sem disfarçar as embalagens” (04/07/2019).

Na notícia: “Promotoria pede 8 anos de prisão domiciliar para militar que levou cocaína em avião da presidência” (18/10/2019), suíte sobre o mesmo assunto, percebemos novamente que existe a criação de um personagem ao se dar ênfase no título ao sujeito da notícia. Portanto, o fato de uma personalidade cometer um crime, nesse caso, é mais importante para o jornal do que o crime em si.

A notícia “Garota de 13 anos atira em homem que entrou em fazenda no MT” (05/10/2019), apesar de tratar de um crime, se enquadra na categoria de personalidade.

Outro exemplo é o da notícia “Suspeito de construir prédios que desabaram na Muzema é preso” (20/09/2019). Esse sujeito também foi enquadrado como o outro personalidade e não criminoso, apesar de ter sido preso. O motivo é o fato de a notícia fazer um aprofundamento de seu nome e história. No caso já comentado da notícia do chefe de uma força-tarefa policial ter sido acusado de torturar presos, a construção da notícia também enquadra o sujeito como personalidade, mesmo que tortura seja um crime.

A seguir, apresentaremos exemplos de cada um desses “outros” identificados.

Um exemplo da categoria de **outro criminoso** aparece na notícia a seguir (Imagem 1): “Suspeito de nove estupros é preso preventivamente” (21/10/2019).

### **Imagem 1:** Exemplo de notícia sobre outro criminoso

#### **Suspeito de nove estupros é preso preventivamente**

**SÃO PAULO** A Justiça decretou a prisão preventiva de um professor de religião, que estava preso temporariamente desde 20 de outubro. Ele é suspeito de estupro ao menos nove garotas, com idades entre 8 e 13 anos, em Amparo (133 km de SP).

A decisão ocorreu na sexta-feira (18), após a Polícia Civil concluir o relatório final do inquérito sobre o caso.

O suspeito, de 41 anos, deverá responder a todo o processo preso. Os abusos contra as meninas foram descobertos quando uma delas comentou com a mãe que havia “sido tocada” nas partes íntimas pelo acusado.

“O suspeito, até então, era uma pessoa acima de qualquer suspeita. Casado, com filhos, frequentador da igreja e professor de religião”, afirmou o delegado Fernando Moralez, do 2º DP da cidade, à época da prisão do suspeito.

Após a mãe de uma das vítimas tomar conhecimento do suposto abuso, comunicou o fato ao pastor da 1ª Igreja Batista da cidade, onde o professor dava aulas de religião.

O homem, então, teria confessado o crime ao pastor, e, na delegacia, teria confessado outros oito estupros, ainda de acordo com o delegado que acompanha o caso.

Fonte: Folha de S. Paulo

O **outro familiar** construído no enquadramento noticioso está presente em notícias em que a ação principal ocorre em relação à família. Há uma notícia sobre uma família que está tentando levar o corpo de uma mulher que morreu para os Estados Unidos: “Família não consegue levar corpo de americana” (10/07/2019). Há notícias também sobre uma família que está entrando em acordo com uma empresa (Imagem 2). Estão nessa categoria as notícias em que a família é o principal sujeito e possui citações em forma de discurso direto.

**Imagem 2:** Exemplo de notícia sobre o outro familiar

## Famílias de jovens abusados em estação no Rio fecham acordo com empresa

Ana Luiza Albuquerque

**RIO DE JANEIRO** As famílias dos dois jovens que denunciaram terem sido abusados e humilhados por seguranças da SuperVia fecharam um acordo de compensação com a empresa nesta segunda-feira (22). A mediação foi feita pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro.

O acordo prevê uma indenização, cujo valor está sob sigilo, apoio psicológico e pagamento de um curso profissionalizante para as vítimas, que deverão apresentar comprovantes de frequência a cada três meses.

O caso aconteceu no dia 7 de julho, na estação Maracanã. Os jovens, de 17 e 18 anos, disseram que foram humilhados e obrigados a praticar sexo oral um no outro, ameaçados com uma arma. Dois policiais militares a serviço da concessionária estariam envolvidos. As cenas foram gravadas e divulgadas na internet.

“Levou a gente para trás da estação. Começou a bater na gente. Jogou spray de pimenta, bateu com a arma na nossa cara, chutou a cabeça”, afirmaram à TV Globo.

A coordenadora cível da Defensoria, Cintia Guedes, dis-

se que o valor da indenização foi definido com base em uma pesquisa do que normalmente se obtém por meio do Judiciário. Enquanto uma resolução na Justiça poderia levar anos, o acordo foi fechado em menos de duas semanas.

As mães das duas vítimas afirmaram a jornalistas que estão satisfeitas com o acordo. Disseram, também, que seus filhos não têm mais vontade de sair de casa e que estão sendo alvo de provocações. Um deles é dependente químico.

“Vou recuperar meu filho, sim. Venho lutando tem uns

cinco anos. Espero que [ele] ponha a cabeça no lugar e venha a melhorar depois do tratamento psicológico”, disse uma das mães, que não quis se identificar.

Dois seguranças da concessionária e dois policiais militares estão presos após a Justiça do Rio expedir mandado de prisão temporária contra os supostos envolvidos.

O caso está sendo investigado pela Polícia Civil. Um processo administrativo disciplinar será aberto na PM para avaliar a conduta dos agentes.

A Defensoria ainda avalia com as famílias se acionará o Estado em função da conduta dos policiais.

Os dois seguranças foram demitidos pela SuperVia, que apresentou à polícia as conclusões da sindicância interna.

Fonte: Folha de S. Paulo

O **outro invisível** é aquele que não possui discurso direto, é sempre o jornalista que fala por ele no formato indireto e está, normalmente, na categoria da narrativa da diversidade. É um outro que está presente, ele está na notícia, mas não é sujeito da própria história. O exemplo, novamente, é o da policial assassinada em serviço, cujo nome é menos importante que sua função. Há também o exemplo da notícia a seguir (Imagem 3).

**Imagem 3:** Exemplo de notícia sobre o outro invisível

## Chinesas viviam como escravas em prostíbulo em SP

SÃO PAULO | AGORA A Polícia Civil descobriu, nesta quarta (3), uma casa de prostituição que funcionava como karaokê no Bom Retiro, na região central de São Paulo, e libertou 14 chinesas que eram obrigadas a se prostituir e viviam em cárcere privado.

O dono do estabelecimento, a mulher dele e outra mulher, que possivelmente gerenciava o karaokê, foram presos. Todos também são chineses. Os funcionários do local não foram detidos.

De acordo com o delegado-titular do 2º DP (Bom Retiro), Antônio Sucupira Neto, a polícia chegou ao local por meio de duas denúncias. A primeira, anônima, foi feita há 15 dias.

A outra veio por meio de um primo de uma das moças, de Pequim.

Os presos passarão por audiência de custódia nesta quinta-feira (4). Cabe à juíza corregedora encaminhar ou não o caso à Polícia Federal para apurar o tráfico internacional de mulheres.

Fonte: Folha de S. Paulo

O **outro personalidade**, que é o mais presente nas notícias, é aquele que é resultado da criação do “personagem do papel” pelo jornal. Há um Bolsonaro, um Dória, um Witzel e um Weintraub criados pela narrativa da Folha de S. Paulo. Esse outro é o exemplo perfeito do “personagem de papel” de Motta (2013). A notícia a seguir traz esse exemplo de outro (Imagem 4):

### Imagem 4: Exemplo de notícia sobre o outro personalidade

## Após denúncias de tortura, chefe de força-tarefa no PA é afastado

SÃO PAULO O Ministério Público Federal pediu afastamento do coordenador da força-tarefa enviada pelo ministro da Justiça, Sergio Moro, ao Pará no fim de julho para controlar os presídios.

O relatório aponta uma série de casos de tortura que teriam sido perpetradas pelos agentes federais, como empalação, perfuração dos pés com pregos, espancamentos, uso reiterado de balas de borracha e spray de pimenta e tiros de arma de fogo.

A ação, assinada por 17 dos 28 procuradores da República no estado, tem como alvo o agente penitenciário federal Maycon Cesar Rottava, coordenador da força-tarefa. Na quarta (2), a Justiça Federal no Pará acatou o pedido e

determinou o afastamento cautelar de Rottava. Ele deixou o cargo na sexta (4), diz o Ministério da Justiça.

Os procuradores analisaram fotos e vídeos e se basearam em relatos de detentos, parentes, servidores do sistema prisional, agentes federais, representantes da OAB que visitaram unidades e do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura.

O Depen (Departamento Penitenciário Nacional) afirmou que não reconhece as alegações de tortura. Segundo o Ministério da Justiça, em setembro, 64 presas e 8 presos foram examinados e não foram constatados sinais de tortura ou de maus tratos. O ministério diz investigar as denúncias.

Fonte: Folha de S. Paulo

O **outro vítima** é quem sofre uma ação negativa: seja um acidente, seja um crime. Há três notícias que apresentam dois tipos de sujeitos: criminosos e vítimas. Na notícia "Tiroteio deixa suspeito de assalto morto na marginal Pinheiros" (03/08/2019), sobre um suspeito de assalto morto pela polícia, o sujeito foi enquadrado como vítima por ter morrido. A notícia a seguir é outro exemplo que tem presente um outro vítima (Imagem 5).

**Imagem 5:** Exemplo de notícia sobre o outro vítima

## **Esfaqueado, turista chinês morre em tentativa de assalto no Rio**

**RIO DE JANEIRO** Um turista chinês morreu e outro ficou ferido após tentativa de assalto na orla de Ipanema, área turística na zona sul do Rio de Janeiro, na quarta (28).

No fim da noite, por volta de 22h50, as vítimas, esfaqueadas, foram e socorridas por bombeiros e encaminhadas ao hospital Miguel Couto, no Leblon.

Chen Cang Yang, 31, não resistiu aos ferimentos e morreu na madrugada. O turista ferido foi transferido para um hospital particular.

A ocorrência foi registrada na Delegacia de Apoio ao Turismo. O caso se soma a outros dois recentes no Rio.

No início de agosto, um chileno foi esfaqueado após recusar um produto oferecido por um homem em Copa-

cabana, outra área nobre da cidade. O turista foi atendido também no hospital Miguel Couto e liberado em seguida.

Cinco dias antes, duas pessoas morreram após facadas em tentativa de assalto na região da Lagoa Rodrigo de Freitas. O suspeito foi morto a tiros pela polícia — quatro pessoas ficaram feridas.

Na área que abrange os bairros de Ipanema e Leblon, os roubos de rua apresentaram aumento de 33% de janeiro a julho em comparação com o mesmo período de 2018 — 825 casos contra 621.

O indicador é estratégico para as metas de segurança e é composto por três índices de roubo que tiveram aumento: a transeunte (28%), em transportes coletivos (25%) e de celulares (48%).

Fonte: Folha de S. Paulo

O **outro testemunha** é quem, na história, testemunha a ação, como o exemplo a seguir (Imagem 6).

**Imagem 6:** Exemplo de notícia sobre o outro testemunha

## Pescador diz que aliado de suspeito de assassinar Marielle jogou armas no mar

**RIO DE JANEIRO** Um pescador disse em depoimento à polícia que um aliado do PM reformado Ronnie Lessa, acusado de atirar na vereadora Marielle Franco, contratou seu barco e jogou seis fuzis no mar logo após o policial ter sido preso. A informação foi publicada pelo jornal O Globo.

A Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro, que investiga o caso junto ao Ministério Público estadual, confirmou que uma testemunha declarou que armamentos foram jogados ao mar, mas não informou quem seria essa testemunha nem a quantidade de armas vistas por ela.

A desova teria ocorrido próximo às ilhas Tijuca, a cerca de 2 km da orla da Barra da Tijuca, na zona oeste da cidade. Em março e início de abril, equipes da Marinha e do Corpo de Bombeiros realizaram buscas no local com o auxílio de um sonar, mas até agora nada foi encontrado.

A polícia investiga se uma

dessas armas é a submetralhadora HK MP5 que foi usada para assassinar Marielle e seu motorista, Anderson Gomes, enquanto eles voltavam de um evento no centro do Rio, em março do ano passado. O pescador pode ter se confundido sobre as diferenças entre fuzis e submetralhadoras.

A polícia diz que está apurando a desova como obstrução de investigação de organização criminosa. Quatro suspeitos já foram ouvidos na delegacia nesta semana sobre o descarte das armas, além de várias testemunhas, segundo a corporação.

De acordo com O Globo, eles seriam: 1) Márcio Montavano, o Márcio Gordo, suspeito de ter retirado as armas de dois endereços ligados a Lessa e as jogado no mar; 2) a mulher de Lessa, Eliane de Figueiredo Lessa; 3) o irmão dela, Bruno Figueiredo; 4) um homem chamado Josinaldo Freitas.

A reportagem narra que, segundo o depoimento do pes-

cador, um homem chegou ao Quebra-Mar de táxi no dia 14 ou 15 de março dizendo que queria contratar uma embarcação para fazer pesca submarina perto das ilhas Tijuca — Lessa foi preso no dia 12 daquele mês.

Ao chegar na região das ilhas, o homem teria retirado de uma mala os fuzis e de uma caixa, duas caixas menores, e jogado tudo no mar.

O barqueiro teria dito à polícia ainda que sentiu medo e não cobrou os R\$ 600 acertados pela viagem, mas, na volta, o homem jogou R\$ 300 dentro da embarcação sem dizer nada e foi embora.

Ainda de acordo com o jornal, a operação teria acontecido horas antes de a polícia cumprir um mandado no apartamento onde elas estavam armazenadas. Os integrantes do grupo de Lessa foram gravados pelas câmeras de segurança saindo do local às pressas, 30 minutos antes de a polícia chegar.

Fonte: Folha de S. Paulo

Identificados os personagens, que os definimos como "personalidade", "criminoso", "vítima", "familiar" e "invisível", partimos para analisar as estratégias argumentativas para se contar as histórias.

### 5.3.4 As estratégias argumentativas

Motta (2013) afirma que nenhuma narrativa é ingênua: tudo o que está posto no texto tem um porquê e um objetivo de estar ali. Mesmo que não seja pensado com uma longa reflexão, lembrando que Tuchman (1993) aponta que em *hard news* não há esse espaço de reflexão, as estratégias argumentativas surgem pelo conhecimento que o jornalista possui das regras editoriais e do funcionamento do jornal. A editoria onde a notícia está presente no jornal, a voz ativa ou passiva, a localização da notícia na página e o tom utilizado, mais sério, mais leve, ou, até mesmo, mais cômico, têm justificativas.

Nas estratégias narrativas, lembramos os três planos de análise apresentados por Motta (2013): da expressão, da estória e da metanarrativa. Para fazer a análise narrativa das 183 notícias selecionadas que formaram o *corpus* desta pesquisa, os três pontos foram analisados concomitantemente. Entretanto, em determinadas notícias, um plano se sobressai ao outro, sendo um exemplo a notícia "Garotas de programa fazem anúncio em patinetes" (20/07/2019) (Imagem 7). Nessa notícia, o plano da expressão e da metanarrativa se destacam: da

expressão pelo tom levemente cômico dado à notícia e o da metanarrativa pela questão ética social que define prostituição como algo negativo, que não é moral, que não é certo.

**Imagem 7:** Exemplo de tom cômico na notícia

## Garotas de programa fazem anúncio em patinetes

SÃO PAULO | AGORA Os anúncios de garotas de programas que antes ficavam nos postes e orelhões da cidade de São Paulo agora estão sendo colocados nas patinetes elétricas recém-chegadas à capital.

Nesta sexta (19), em Pinheiros (zona oeste), a reportagem do Agora contou dez patinetes com essas propagandas. Os anúncios são feitos em pequenas etiquetas coladas no guidão dos veículos e incluem nomes, descrições, telefones e endereços de diversas casas.

Segundo uma das garotas que utiliza o espaço para propagandas e preferiu não ser identificada, a ideia de colar as etiquetas nas patinetes surgiu com a intenção de atingir um maior público. “Antes, a gente divulgava nos orelhões, mas como eles estão sendo retirados da cidade, colar nas patinetes é mais efetivo”, diz.

Segundo ela, as etiquetas são a única forma de divulgação da casa. Cada garota do estabelecimento escreve sua própria descrição e pen-

sa em um nome fantasia. As etiquetas também informam o telefone e endereço da casa e completam: “aceita cartão”.

Quando as informações estão prontas, são passadas para um “etiquetador”, responsável por produzir o material. Para ela, a estratégia tem sido bastante eficaz. “A gente percebe que muitas pessoas ligam aqui na casa atrás das garotas depois de ver o anúncio nas patinetes. Por enquanto, tem dado certo.”

**Mariangela Castro**

Fonte: Folha de S. Paulo

Para fazer a análise das estratégias argumentativas, foram examinadas a construção narrativa a partir do tamanho da notícia, o uso do discurso direto ou indireto e o tom dado à notícia. A seguir, apresentamos as estratégias percebidas em cada uma das narrativas.

**Estratégias nas narrativas de acidentes** – No *corpus*, as notícias de acidentes utilizam-se, na maioria das vezes, da voz passiva, ocupam espaços pequenos e próximos a dobra das páginas. É interessante ressaltar os títulos das notícias, que auxiliam no entendimento, inclusive, da construção dos personagens, apresentados anteriormente.

Na notícia “Porsche que atropelou idosa nos Jardins acumula 98 multas” (02/08/2019), há uma impessoalização, colocando o carro como principal e culpado, e não o seu motorista, Fábio Alonso Carvalho, que aparece apenas no desenvolver da notícia. As estratégias narrativas nas notícias de acidentes, apesar de parecerem mais simples, apresentam a visão do jornal e a construção de personagens de diferentes classes sociais.

**Estratégias nas narrativas de crimes** – As estratégias argumentativas utilizadas nessa narrativa dependem de suas subnarrativas. Quando é um crime cometido por, por exemplo, moradores de rua, há um pano de fundo ético de que esses sujeitos não merecem sequer ser ouvidos. Isso ocorre na notícia “Dois morrem a facadas em ataque na zona sul do Rio” (29/07/2019). Apesar de não estar no título que o crime foi cometido por um morador de rua, as vozes presentes são, novamente, institucionais, de informações da polícia. Já na notícia do atropelamento de moradores de rua por um motorista em um carro de luxo, como ocorreu

na notícia “Motorista de carro de luxo atropela moradores de rua e foge” (20/08/2019), o tom é mais leve, a notícia é menor e inteira em discurso indireto – sem comentários diretos nem da polícia.

**Estratégias nas narrativas de diversidade** – Como já apontado anteriormente, nessa narrativa, o tamanho da notícia é menor, com uso do discurso indireto. Encontramos também um tom cômico nessa narrativa, como na já citada a notícia sobre garotas de programa. Na narrativa da diversidade, há vozes presentes, mas, a estratégia é sempre esconder a voz dos personagens e eles nunca serem o foco principal. A voz predominante é a das instituições, como da polícia ou da política.

Quando as notícias envolvem os moradores de rua, há, ao mesmo tempo, um tom de preocupação e de culpabilidade por estarem naquela situação. Percebemos isso, por exemplo, na notícia sobre os cobertores retirados. O jornal escuta um morador de rua, mas a voz institucional da prefeitura tem mais espaço, peso e valor. Esse valor é construído, inclusive, pela editoria, que sempre busca e dá espaço para essas vozes institucionais.

**Estratégias na narrativa de mulheres** – Na narrativa das mulheres, a construção da estratégia depende da sua associação. A notícia “Professora é estuprada dentro de carro em escola municipal na zona leste de SP” (01/10/2019) pode ser associada à temática do crime, porque apesar de possuir como sujeito principal uma mulher e, por isso, entrar nessa narrativa, há, também, um ato criminoso. A notícia “Investigado sob suspeita de abuso, médico tem licença suspensa no CE” (16/07/2019) também está associada ao crime. Essa última ocupa um terço da página do jornal, mas nenhuma vítima é ouvida e suas vozes não aparecem nem de forma indireta.

As mulheres que cometem crimes não aparecem com sua voz nas notícias. E mesmo quando as mulheres são os sujeitos principais da história, como nos dois casos de promoção policial, ou no caso da policial morta em serviço, a notícia tem um espaço maior, como no meio da página e não próximo às bordas, mas as mulheres não têm voz ativa – e quando tem, é apenas uma citação.

**Estratégias utilizadas na narrativa da polícia** – Na narrativa policial, as notícias são maiores e têm um espaço privilegiado no jornal. A instituição polícia tem grande espaço de fala, geralmente com voz ativa. Como já apresentado anteriormente, a disposição das notícias sobre policiais mortos no mesmo dia e mesma página da reportagem sobre a morte da menina Ágatha demonstra bem a estratégia narrativa da polícia na editoria Cotidiano: uma estratégia que visa valorizar e defender a instituição.

**Estratégias utilizadas na narrativa da política** – A narrativa política tem como estratégia a construção de personagens. Para isso, também se utiliza de títulos chamativos e muitas vezes traz citações para o título. Normalmente são opiniões controversas, como a de Bolsonaro sobre a taxaço para visitaço na ilha de Fernando de Noronha, ou de Wilson Witzel, governador do Rio de Janeiro, afirmando que a polícia deve atirar para matar.

As notícias apresentam vários tamanhos, mas geralmente estão em posiçoes privilegiadas do jornal. Também há o uso do discurso direto. O tom da notícia depende do personagem envolvido: no caso do ex-ministro da justiça Sérgio Moro, o tom é polido, respeitoso e sério, como se fosse um herói. Quando a figura é mais controversa, o tom é mais negativo, como do ex-ministro Weintraub. Chega a ser um tom cômico, como acontece na notícia de sua briga com manifestantes no Pará: “Em férias, Weintraub discute com ativistas no PA” (23/07/2019) (Imagem 8).

**Imagem 8:** Exemplo de tom cômico relacionado com um personagem

## Em férias, Weintraub discute com ativistas no PA

Fabiano Maisonnave

**ALTER DO CHÃO (PA)** O ministro Abraham Weintraub (Educação) se envolveu em uma discussão com ativistas em Alter do Chão (PA), onde passa alguns dias com a família.

Weintraub foi abordado por ativistas de um grupo chamado Engajamundo, que entregaram a ele uma kafta, referência ao episódio no qual ele errou a pronúncia do sobrenome do escritor Franz Kafka.

“Devido ao seu mau desempenho promovendo balbúrdia em seus atos contra a educação, cortamos 3 chocolates da sua sobremesa”, dizia o cartaz de uma manifestante, em referência a outras falas do ministro sobre o contingenciamento de verbas para a educação.

Weintraub reagiu. Pegou o

microfone de músicos que faziam uma apresentação no local e disse que estava de férias com a família. Depois, disparou críticas contra o PT.

O ministro pegou a filha no colo para devolver a hostilidade dos ativistas. “Aqui ó, corajoso”, gritava, apontando para a menina em seus braços.

O ativista, um indígena, respondeu: “Eu também tenho filhos”. O ministro retrucou dizendo que não ia “à sua casa, enquanto você está comendo”, mas foi interrompido. “Você está na minha casa.” Weintraub, então, afirmou que “não é porque você está com um cocar que você é mais brasileiro do que eu, seu babaca”, e deixou o local sob gritos de “fazendo balbúrdia” e “fascista”.

Em uma rede social, Weintraub chamou os ativistas de “covardes” e disse não temer.



Abraham Weintraub (à esq.) discute com manifestante em praça em Alter do Chão (PA) Fabiano Maisonnave/Folhapress

Fonte: Folha de S. Paulo

### 5.3.5 – As metanarrativas

O último movimento da análise de narrativa, segundo Motta (2013), é a metanarrativa, o pano de fundo moral em que as narrativas são apresentadas. É na metanarrativa que se entende a história e, no nosso caso, como a política editorial da Folha se apresenta nas notícias. Essa nessa etapa, também, que a construção social da realidade, apresentada por Berger e Luckmann (2004a), fica mais visível.

Como Traquina (2020a) aponta, um dos valores-notícia é a infraçoão, ou seja, transgredir uma regra, uma lei, uma definição moral da sociedade. Para Gadret (2016), a

avaliação moral do jornalista está sempre presente na construção da notícia. E como Motta (2013) afirma, a moral sempre é pano de fundo das notícias, e os acontecimentos normalmente se tornam notícia ao romperem com essa moral.

Ainda para Motta (2013), a metanarrativa é a parte da análise mais subjetiva e com menos clareza, já que é preciso avaliar todo um conjunto, prestar atenção nos detalhes para entender essa moral presente. Na narrativa das *hard news* da editoria Cotidiano do jornal Folha de S. Paulo, são perceptíveis alguns planos de fundo, como a dedicação e a crença na instituição da polícia – amplamente abordada no presente capítulo – e a culpabilização dos sujeitos em certos crimes e a relativização em outros, dependendo de quem o cometeu.

Na cobertura sobre o roubo de ouro no aeroporto de Cumbica, cuja primeira informação sobre o caso está em uma reportagem, mas o seu desenrolar em notícias, principalmente sobre a prisão dos suspeitos, percebe-se um tom de culpa, de que o que fizeram está errado e merece ser punido. Mas, em notícias sobre corrupção, esse tom não é tão forte, apesar de também ser um crime. Em casos em que políticos cometem um crime, há um espaço no jornal para sua defesa. Quando são pessoas de classes sociais mais abastadas, há espaço para seus advogados, mas pessoas de classes econômicas desprivilegiadas não possuem esse espaço para sua voz.

Há uma constante noção de certo e errado, tanto pelas ações, como pelo estilo ou condições de vida de alguns sujeitos específicos. Na notícia sobre as prostitutas, por exemplo, percebemos, ao unir todas as narrativas, um julgamento da profissão. Em relação aos moradores de rua, há um julgamento pela sua condição de vida. Notamos uma metanarrativa comum nas narrativas de mulheres e de diversidade: sujeitos dessas narrativas não têm sua voz presente. Essas pessoas não têm destaque, não são importantes. No caso das mulheres e sua relação com a polícia, a instituição é sempre superior e mais importante do que elas. Na diversidade, o crime e a adversidade são os pontos que fazem a diversidade se tornar notícia.

Finalizados os caminhos apresentados por Motta (2008, 2013), chegamos a algumas conclusões sobre a editoria. Percebemos que, apesar de ter o nome Cotidiano e abordar notícias do dia a dia, ela não possui uma ampla cobertura de *hard news*. Há assuntos preferidos que são pauta constante, como assuntos policiais e de política. Há, também, políticos com mais e menos espaço, construídos de formas diferentes, o que nos leva a principal análise: o outro na editoria.

Podemos refletir, portanto, sobre como o outro é apresentado na editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo, objetivo do presente trabalho. Encontrar os tipos de outros (o outro

criminoso, o outro familiar, o outro invisível, o outro personalidade, o outro vítima e o outro testemunha) foi importante para termos noção de quem está presente nessa editoria. Analisando os outros presentes, questionamos se há outridade presente. Percebemos que a outridade está, sim, presente na editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo, entretanto, há uma diferenciação de cuidado no formato que ela é apresentada para o público. No outro personalidade, há um grande cuidado com a outridade, com buscar escutar e entender esse outro, mesmo que seja um outro relativo, como apresenta Freitas (2017), e um “sujeito do papel”, como cita Motta (2013). Há um cuidado em como ele será apresentado, em como ele será tratado na notícia. Já os outros – criminoso, familiar, invisível, vítima e testemunhas – não têm essa mesma dedicação e cuidado em sua construção, ocorrendo, inclusive, julgamentos. De acordo com a nossa análise, a editoria mantém quem está, historicamente, envolto de estereótipos negativos, com esses mesmos estereótipos, não há espaço para essas vozes e nem para modificar essa realidade.

Ao concluir a análise de narrativa, especialmente a análise da construção dos personagens e da metanarrativa, percebemos que há diferentes outros na editoria e que esses outros são, também, construídos de formas diferentes. Essa construção será abordada nas considerações finais, em que retomamos o problema da pesquisa do presente trabalho.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três capítulos teóricos e o capítulo de análise do presente trabalho serviram de base para respondermos à pergunta inicial, que gerou esta pesquisa: como o outro é construído na narrativa jornalística das *hard news* do jornal Folha de S. Paulo?

Discutir teoricamente o jornalismo nos deu a base para analisar e compreender o jornal escolhido para pesquisa. Ao entendermos que o jornalismo é, sim, uma forma de conhecimento, com base na análise de escritos de Park (2008) e de Genro Filho (1987), e por construir a realidade social que vivemos (BERGER E LUCKMANN, 2004a), compreendemos também a importância do outro estar presente e como é apresentado no texto. O outro, ao estar no jornal, passa a fazer parte da realidade social e passa a ser posicionado na sociedade.

Ao longo do trabalho, trouxemos, também, uma breve discussão sobre o que é considerado um bom jornalismo e quais suas características, de acordo com Kovach e Rosenstiel (2014), abordando temas como verdade, com base em Coutinho (2004) e Cornu (1999 apud COSTA, 2017; 1999, apud ALSINA E SILVA, 2018), e a noção de opinião pública, com Lippmann (2008). A definição de notícia e *hard news* também foi trabalhada no capítulo, com base em Traquina (2004, 2020a, 2020b), Tuchman (1973, 1978, 1993), Correia (2011), Motta (2002, 2003, 2004), McQuillan (2000) e Bird e Dardenne (2011).

No primeiro capítulo, abordamos a noção de estereótipo, trazida por Lippman (2008), Alsina (2009) e Kovach e Rosenstiel (2014). Os estereótipos são padrões de comportamentos, ações, cenas, que se repetem e facilitam a compreensão do mundo:

Esses preconceitos e estereótipos fazem parte do nosso universo referencial, que permite que possamos construir nosso sentido. Também há que considerar que, às vezes, esses preconceitos e estereótipos nos servem como um instrumento que nos ajuda a reduzir a complexidade da realidade, ou dar sentido a realidades das quais temos pouca informação. Por isso, os preconceitos e os estereótipos tranquilizam a nossa incerteza diante da falta de sentido de uma situação. (ALSINA, 2009, p. 274).

Ao abordar os conceitos de notícias, trouxemos Kovach e Rosentiel (2014), que afirmam que os estereótipos devem ser evitados. Lippman (2008) e Alsina (2009) têm uma visão menos restritiva. Os autores entendem a importância dos estereótipos para a compreensão do mundo, do conhecimento de locais e experiências que o leitor não tem como ter individualmente. A presença de estereótipos pode facilitar a compreensão do acontecimento para o leitor, para o situar e contextualizar a situação, mas pode ser negativa na

construção do outro no jornal: preconceitos contra, por exemplo, prostitutas e moradores de rua podem ser mantidos ao se usar estereótipos para abordá-los.

Ao focar nossa atenção na noção de “outros”, passamos para o segundo capítulo teórico, que se refere diretamente ao tema do presente trabalho: a outridade e o jornalismo. Para que tenhamos a base teórica para identificar e entender o outro que está sendo apresentado e construído narrativamente, um caminho precisa ser seguido: deve-se entender o que é a outridade. Já para se entender o que é a outridade, é necessário que se discuta a noção de alteridade enquanto fenômeno da diferença. O segundo capítulo do presente trabalho traz o principal referencial teórico, emprestado da filosofia e trazido para a pesquisa brasileira por Freitas (2017).

Discorreremos sobre o que é a alteridade (RICOEUR, 1991; LEVINAS, 2004; SODRÉ, 2007; MARTINO, 2009, 2015, 2016; MARQUES E MARTINO, 2009, 2015; BENETTI E FREITAS, 2017; FREITAS, 2017) e compreendemos que a alteridade é o estudo do outro enquanto diferente do mesmo e do si mesmo. Estudo esse, como aponta Sodré (2007), que apesar de não ser assim nomeado, surgiu na Grécia Antiga.

A outridade, de acordo com Ricoeur (1991), é uma espécie de braço da alteridade. Alteridade é a noção de que existe um outro diferente de um eu. Portanto, ele se relaciona com o eu. E então, nesse relacionamento, ele se divide em ipseidade, cujo foco é o eu (*self*), a mesmidade, em que o foco são os pontos em comum entre o eu e o outro, e a outridade, em que o outro é o protagonista e objeto de estudo. Foi preciso compreender nesse estudo o que é a outridade para conseguirmos entender como o outro se encaixa e é enquadrado pelo jornalismo. Por essa razão, identificar pela literatura da área o que é outridade era o primeiro objetivo específico deste TCC, resposta dada no segundo capítulo: outridade é o braço da alteridade focada, especificamente, na compreensão do modo de ser outro, que pode ser construído por ele mesmo ou a partir de coerções do meio social e das mídias, dividindo-se em outridade plena e relativa, por exemplo (RICOEUR, 1991; TREANOR, 2006; BENETTI E FREITAS, 2017; FREITAS, 2017).

Buscamos contextualizar, então, a outridade e esse outro relativo no jornalismo, com base em Gerbner (1998), Lippman (2009), Alsina (2009), Allan (2010), Lago (2014), Marques e Martino (2016), Martino (2016b), Benetti e Freitas (2017), Freitas (2017) e Munhoz (2017). Ao entendermos, teoricamente, essa localização, conseguimos, ao ler e analisar as notícias selecionadas para o *corpus* consolidado, identificar o fenômeno da alteridade e como o outro era posicionado e apresentado no texto.

Entendida a outridade, o caminho seguinte foi o da análise, para responder aos objetivos específicos sobre o outro. E o outro está presente na narrativa das *hard news* da editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo, e há mais de um tipo de outro. Para se chegar a essa conclusão, foi preciso seguir uma análise com dois caminhos, o inicial da Análise de Conteúdo, inspirado na teoria de Bardin (1977), para a parte quantitativa, e a Análise de Narrativa de Motta (2013), para a análise qualitativa.

Para a Análise de Conteúdo, utilizamos dois procedimentos, o da pré-análise, que se baseia na organização do material, e o da categorização, que consiste em dividir o material em categorias para conseguir visualizá-lo melhor para a análise. Na organização do material, foram encontradas 298 *hard news* e, ao fazer a análise e identificar quais notícias possuíam sujeitos, integrando o *corpus* consolidado, foram encontradas 183 notícias. Na categorização, identificamos as seguintes categorias: acessibilidade, acidente, cidade (São Paulo), clima, crime, cultura, diversidade, economia, educação, evento, Folha de S. Paulo, LGBTQI+, meio ambiente, moradia, mulheres, polícia, política, racismo, religião, saúde, social, trânsito e xenofobia.

Essa parte da análise foi trabalhada no âmbito quantitativo para entendermos quais histórias são contadas na editoria Cotidiano. Identificar quais histórias estão presentes é um dos sete pontos da Análise de Narrativa que Motta (2013) aponta que precisam ser identificados: entender a história; construir uma narrativa; identificar as subnarrativas presentes; identificar os conflitos; entender a construção dos personagens; entender quais estratégias são utilizadas para construir a narração; e, por último, a parte que o autor considera mais subjetiva, que é entender as metanarrativas da história, sua moral e seu pano de fundo. O próprio autor afirma que as categorias não precisam ser analisadas separadamente, mas, muitas vezes, em conjunto. No presente trabalho, unimos a identificação da narrativa, da subnarrativa e dos conflitos. Ao buscarmos entender a história contada, retomamos as categorias encontradas na Análise de Conteúdo.

Ao compreender quais histórias a editoria conta, entendemos quais são suas narrativas, suas subnarrativas e seus conflitos, tendo, assim, um panorama geral de suas *hard news*. Com esse panorama, nos aprofundamos em seus sujeitos e personagens, ou seja, nos seus outros. Foram identificados seis tipos de outros nesta pesquisa: criminoso, familiar, invisível, personalidade, vítima e testemunha. Com essa identificação, respondemos a mais um objetivo específico: entender quem é o outro na editoria.

Ao reconhecermos que há um outro e, inclusive, mais de um tipo, podemos afirmar

que há alteridade e, especificamente, outridade<sup>57</sup> na editoria pesquisada. Como Freitas (2017) aponta, há duas formas de outridade, a plena e a relativa. A plena seria o outro por completo, com todas as suas nuances e seus detalhes; enquanto a outridade relativa é a que nós e o jornalismo temos acesso: o outro do jornalismo, ou do papel, como Motta (2013) apresenta os sujeitos do jornalismo. Nunca é o outro por completo, ele é uma construção que passa pelo repórter, pelo editor, pela construção de um jornal que é conhecido pelos leitores e pela própria interpretação dos leitores (FREITAS, 2017). A outridade relativa é a que está presente no jornal e, portanto, na editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo.

O outro objetivo específico era entender como o outro é apresentado. Para isso, além da identificação dos personagens, de Motta (2013), também precisamos lembrar das metanarrativas. Destacando o que Berger e Luckmann (2004a) apontam sobre a construção social da realidade, determinadas categorias de outro, como a invisível, acabam se tornando outro, inclusive, por uma omissão do jornal, pois ele tem sua voz e seu lugar pré-estabelecidos socialmente. E o jornal auxilia na manutenção dessa visão e dessa posição, divergindo, inclusive, de um de seus preceitos editoriais: prezar pela diversidade de vozes. Ao analisarmos a metanarrativa, percebemos uma moral presente, uma divisão de certo e errado, como já apresentado, que constrói a realidade social. Essa moral é a que indica quais comportamentos devem ser seguidos e quais não.

A construção do personagem e da metanarrativa nos possibilitou outras reflexões que podem, inclusive, gerar trabalhos futuros sobre o tema. A análise de narrativa, utilizada para possibilitar essa compreensão de quem é o outro no jornal, surgiu, inicialmente, para analisar textos literários. Motta (2008, 2013) compreendeu que o jornalismo poderia se beneficiar dessa análise. Concordando com Berger e Luckmann (2004a) de que o jornalismo possui uma função fundamental na compreensão e construção da sociedade, entendemos que as narrativas contidas no jornal englobam esse papel.

Sendo assim, mesmo que uma notícia sozinha não construa uma narrativa, sua união temática constrói e nos faz compreender tanto as visões do jornal sobre determinado assunto, como sua forma de explicar e construir, de certa forma, o mundo. Levando em consideração essa importância da narrativa e seu surgimento literário, percebemos que o outro é construído de três formas, com teorias vindas diretamente da literatura, da jornada do herói (CAMPBELL, 1989). Gostaríamos de lembrar que *hard news* não se encaixam no jornalismo literário, mas, da mesma forma que o jornalismo pode beneficiar-se de uma metodologia de

---

<sup>57</sup> Lembramos que a outridade relativa não é uma conclusão do presente trabalho, mas um pressuposto dele, surgido no referencial teórico com Freitas (2017).

análise surgida da narrativa, esse formato do herói da construção da narrativa que surge na junção de *hard news* com a mesma temática, pode gerar um bom trabalho de pesquisas futuras.

As construções para os outros encontradas nesta pesquisa, a partir de impressões pessoais, foram: a construção do herói, do vilão (CAMPBELL, 1989) e do outro por omissão. O herói seria o personagem de papel construído de maneira positiva, que faz com que o público entenda e goste dele; o vilão seria o personagem construído para que se tenha repulsa, para que se discorde. Na presente pesquisa, tanto herói como vilão são encontrados na categoria do outro personalidade. O outro construído por omissão seria o outro que não possui espaço ou voz, que no presente trabalho seria o outro invisível. Não houve espaço, no presente trabalho, para aprofundar o assunto, porém é uma ideia para um possível estudo seguinte.

Por fim, nosso foco aqui era responder ao problema de pesquisa: como o outro é construído na narrativa jornalística das *hard news* do jornal Folha de São Paulo? E o outro é construído de formas diferentes, com mais aprofundamento ou menos, tendo sua voz na forma ativa ou na passiva, tendo espaço ou não nas folhas do jornal, e ele é construído a ponto de formar seis categorias de outros: criminoso, familiar, invisível, personalidade, vítima e testemunha.

Concluimos ao longo deste trabalho que há a percepção da alteridade enquanto fenômeno da diferença e há uma busca pela descrição da outridade relativa na narrativa das *hard news* da editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo. Existe a construção e a presença do outro, entretanto, o outro nessa editoria é construído conforme quem ele é, fundamentado, na maioria das vezes, em uma moral baseada nas concepções do que é tido como certo e errado e levando em conta a persistência de alguns estereótipos com teor negativo socialmente disseminados.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, Stuart. **O Jornalismo e a Cultura da Alteridade**. Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 2, p. 26-41, 2010.
- ALSINA, Miquel Rodrigo; DA SILVA, Laerte José Cerqueira. **Ética e Jornalismo: na era da Pós-verdade**. Revista Observatório, v. 4, n. 3, p. 708-725, 2018.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.
- BENETTI, M., & HAGEN, S. (2009). **Jornalismo e vida cotidiana: o comer e o cozinhar contemporâneos nas revistas semanais**. *E-Compós*, 11(2).
- \_\_\_\_\_. & REGINATO, G. D. (2015). **O vínculo emocional do leitor ao jornalismo: estudo da revista Veja no Facebook**. *Revista FAMECOS*, 21(3), 878-896.
- \_\_\_\_\_. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia, núm. 15, junho, 2008, p. 13-28. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- \_\_\_\_\_. **Os leitores como comunidade discursiva**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 17, n. 1, p. 182-193, 2020.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. **Rethinking News as Myth and Storytelling**, p. 205-217. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (Org.) *The Handbook of journalism studies*. Nova York e Londres: Routledge, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- COHN, Amélia; HIRANO, Sedi e MONTALVÃO, Sérgio. **Verbete Folha de São Paulo**. Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo>>.
- CORREIA, João Carlos. **O Admirável Mundo das Notícias - Teorias e Métodos**. Covilha: LabCom Books, 2011.
- COSTA, Siliana Dalla. **Conceito de Verdade como Compromisso Ético Jornalístico**. Apresentado no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul, 2017.

COUTINHO, Iluska. **O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo**. Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo, ano, v. 1, 2004.

FERNANDES, Sarita Gonzáles. **Pressão do tempo no webjornalismo**: Uma análise sobre a identidade do webjornalista na produção de *hard news* em um contexto de convergência. 184 páginas. Comunicação: Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Anatomia da Folha muda a partir de amanhã**. São Paulo, 16 de fevereiro de 1991. Disponível em:  
<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11241&anchor=4074646&origem=busca>>.

\_\_\_\_\_. **Da criação do jornal ao futuro digital**; veja 9,5 marcos da história da Folha, 2016. Disponível em <<https://m.folha.uol.com.br/asmais/2016/02/1744105-da-criacao-do-jornal-ao-futuro-digital-veja-95-marcos-da-historia-da-folha.shtml?mobile>>.

\_\_\_\_\_. **História da Folha**. Disponível em:  
<[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4)>.

FREITAS, Camila. **Alteridade e Jornalismo**: A outridade na editoria Mundo da Folha de São Paulo. 124 páginas. Comunicação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.

GADINI, Sérgio Luiz. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, n. 33, p. 79-88, 2007.

GADRET, Débora Lapa. **A emoção no jornalismo e a organização do enquadramento**. 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Palhoça, 2016.

GAMSON, William A. **Media Images and the Social Construction of Reality**. Annual Review of Sociology, Vol. 18, p. 373-393, 1992.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <[www.Adelmo.com.br](http://www.Adelmo.com.br) »sumário«>.

GERBNER, George. The Stories We Tell. p. 9-15. In: **Peace Review**: A Journal of Social Justice, 11:1, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/10402659908426225>>.

GONÇALVES, Telmo. A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. Caleidoscópio: **Revista de Comunicação e Cultura**, n. 05/06, 2005.

GONZÁLEZ FERNANDES, Sarita. **Pressão do tempo no webjornalismo**: uma análise sobre a identidade do webjornalista na produção de *hard news* em um contexto de convergência. 2017. 184 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The Elements of Journalism**: what newspeople should know and the public should expect. 3. ed. New York: Three Rivers Press, 2014.

LAGO, Claudia. Ensinamentos Antropológicos: a possibilidade de apreensão do “outro” no jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, Brasília: SBPJor, V. 2, N. 2, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: Ensaio sobre a Alteridade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. **Sociologia do Jornalismo**, volume 2, n. 1, 2005,

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá; COELHO, Tamires Ferreira. Alteridade, sofrimento social e potência política em relatos de si no projeto “SP Invisível” no Facebook. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 39, n. 3, p. 55-78, 2016.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá. A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética. **Logos**, v. 22, n. 2, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 3, p. 21-40, 2019.

\_\_\_\_\_. Aproximações e ambivalências epistemológicas da pesquisa que se constitui entre a comunicação e o comunicar. **Lumina**, v. 8, n. 1, 2014.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Comunicação e empatia: explorações na trilha de Husserl e Stein. **Questões Transversais**, v. 7, n. 14, 2020.

\_\_\_\_\_. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**, v. 4, n. 1, p. 40-49, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da alteridade**: entre a erklären (explicar) e a verstehen (compreender) de outrem. *Líbero*, n. 37-A, p. 101-108, 2016b.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias**. TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: Análise e Textos da Teoria do Agendamento*, p. 125-134, 2000

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo Como Forma de Conhecimento**. *Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*. p. 25-38 São Paulo, volume XXI, nº 1, jan/jun, 1998

\_\_\_\_\_. O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento? In: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 1997

\_\_\_\_\_. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação**: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. In: X Encontro da Compós, 2001, Brasília. Anais. Brasília: UnB.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e Construção Social do Conhecimento**. Disponível em: <(27) (DOC) Jornalismo e Construção Social do Acontecimento | Eduardo Meditsch - Academia.edu>. 2010

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, p. 59-76, 2010.

MOLOTCH, Harvey; Marilyn Lester. **News as Purposive Behavior: On the Strategic Use of Routine Events, Accidents, and Scandals**. *American Sociological Review*, Vol. 39, n. 1, p. 101-112, 1974.

MOTTA, L. G. (1). **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. *E-Compós*, 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.8>>.

\_\_\_\_\_. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Portal Intercom, 2008. Disponível em <R2419-1.PDF (intercom.org.br)>

\_\_\_\_\_.; COSTA, Jorge A. Lima (2005): Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol. XXVI, No. 1, São Paulo.

\_\_\_\_\_.; BORGES, G. & LIMA, J. (2004). Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. *Revista brasileira de ciências comunicação*. São Paulo, v. XXVII, nº 2, jul./dez.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Portal Intercom. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

\_\_\_\_\_. **Notícias do fantástico: jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística**. Compós, 2005. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_843.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_843.pdf)>

\_\_\_\_\_. **O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos**. Comunicação e Espaço Público, Brasília. DF, ano 6, n. 1/2, p. 7-38, 2003. Disponível em <[http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003\\_revista.pdf](http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003_revista.pdf)>

\_\_\_\_\_. **O Trabalho Simbólico da Notícia**. XII Reunião Anual da COMPÓS, Recife, junho, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Para uma Antropologia da Notícia**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, volume XXV, nº 2, julho/dezembro, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e Configuração Narrativa da História do Presente**. *Revista Contracampo*, nº 12, 2004.

MUNHOZ, Lysiane Hargreaves. **Jornalismo humanizado e a construção de sentidos da adoção em série de reportagens do Jornal Nacional**. 2017. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177683>.

NEVEAU, Erik. Jornalistas no trabalho; p. 75-106. In: **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PARK, Robert. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo dentro da Sociologia do Conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). **A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa**. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

SEIXAS, L. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. Galaxia. (São Paulo, Online), n. 25, p. 165-179, jun. 2013.

SIQUEIRA, Camila Freitas; BENETTI, Márcia. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, DF. Vol. 13, n. 2 (ago. 2017), p. 10-29, 2017.

SODRÉ, Olga. Percurso filosófico para a concepção de alteridade. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 34, n. 109, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A Tribo Jornalística – uma Comunidade Interpretativa Transnacional**. V.1. Florianópolis: Insular, 2020a, ebook.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. V.1. Florianópolis: Insular, 2020b, ebook.

TREANOR, Brian. **Aspects of Alterity: Lévinas, Marcel, and the contemporary debate**. New York: Fordham University Press, 2006.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, v. 2, p. 74-90, 1993.

TUCHMAN, Gaye. Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected. **American Journal of Sociology**, Vol. 79, No. 1, pg. 110-131, julho, 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2776714>>.

## APÊNDICE A - DIÁLOGO COM A FOLHA DE SÃO PAULO

Trabalho de conclusão de curso sobre a editoria - UFRGS

**Stéfani Fontanive**

para cotidiano.online

qua., 27 de jan. 15:18

Boa tarde,

Sou estudante de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou no último semestre, escrevendo o TCC. O tema do meu projeto é "A outriedade na editoria Cotidiano da Folha de São Paulo". Meu foco são as hard news da versão online da editoria.

Estou entrando em contato pela dificuldade em encontrar todas as matérias publicadas no site. Meu período de pesquisa é de julho de 2019 a dezembro de 2019. Há uma forma de acessar tudo o que foi publicado? Eu consigo fazer isso? Sou assinante do jornal.

Não sei se esse era o canal correto para contato sobre as dúvidas, mas já procurei por outros meios e não encontrei.

Aguardo retorno!

Atenciosamente,

28 de jan. de 2021 15:25

para mim

Oi, Stéfani,

Alguém chegou a responder teu email?

Uma alternativa é filtrar, no perfil de Cotidiano no Twitter, pela data que você quer. [https://twitter.com/folha\\_cotidiano](https://twitter.com/folha_cotidiano)

Abraços

--

Folha de S.Paulo

[Folha.com/checkin](https://folha.com/checkin)

## APÊNDICE B - MODELO DE TABELA DE PRÉ-ANÁLISE

Data
Título
Página
Localização na página
Produção (própria do jornal – e de qual cidade; em parceria; de sites de notícia)
Sujeito
Voz (ativa ou passiva)
Tem suíte?
Resumo
Tema

## APÊNDICE C - TABELAS DE PRÉ-ANÁLISE DO *CORPUS* CONSOLIDADO

DATA	TÍTULO
01/07/2019	Gestão Covas Fecha Centro de Referência da Diversidade
01/07/2019	Polícia Militar de SP tem primeira mulher no comando de aeronaves
01/07/2019	Prefeito diz que explosão será esclarecida
01/07/2019	Paraty deve ser reconhecida como Patrimônio Mundial
01/07/2019	Urbanista Nabil Bonduki estreia coluna nesta segunda no site da Folha
02/07/2019	Números de Bilhetes Únicos cancelados por fraude sobe 61%
02/07/2019	53% das vagas oferecidas pelo FIES são ocupadas no primeiro semestre
02/07/2019	Inverno chega a São Paulo e temperaturas cairão 5°C
02/07/2019	Projeto de evento não previa fogueira, dizem Bombeiros
02/07/2019	Dois são presos em fábrica de arma clandestina em SP
02/07/2019	Gestão de Covas recua de fechamento de Centro de Diversidade
03/07/2019	Após restrições, fretados perdem metade das viagens
03/07/2019	Linha 2 do metrô terá baldeação na estação das clínicas em julho
03/07/2019	Caminhões terão trânsito liberado no entorno da ponte do Jaguaré
03/07/2019	Evento critica ‘comunidade da fé’ que oprime diversidade
03/07/2019	PM que pediu namorado em casamento é ameaçado na internet
03/07/2019	CPMI recomenda indicar 14 por Brumadinho
03/07/2019	Equipe brasileira irá interrogar sargento preso, diz Bolsonaro
03/07/2019	Pescador diz que aliado de suspeito de assassinar Marielle jogou armas no mar
04/07/2019	Governo planeja Enem 100% digital até 2026
04/07/2019	Inclusão de prevenção à violência contra mulher avança
04/07/2019	Covas exclui faltas do cálculo de bônus para professores
04/07/2019	Doria desiste de monotrilho até o ABC, que agora terá sistema de ônibus rápido
04/07/2019	Estudante morreu na Poli ao ter o pescoço quebrado
04/07/2019	Chinesas viviam como escravas em prostíbulo em SP
04/07/2019	Sargento transportou 39kg de cocaína sem disfarçar as embalagens
05/07/2019	Operação prende milicianos ligados a Curicica
05/07/2019	Prefeitura de São Paulo padroniza cobrança por uso de calçada por bares
05/07/2019	Corpo quase intacto é achado em Brumadinho
05/07/2019	Ex-aluno é morto em briga com porteiro em campus da PUC de SP
06/07/2019	Dançarina de forró é morta em ação policial no interior da Bahia
06/07/2019	Justiça liberta porteiro acusado de matar ex-estudante da PUC

06/07/2019	Paraty e Ilha Grande são patrimônio mundial, diz Unesco
06/07/2019	Investigação sobre incêndio em museu acaba sem indiciados
06/07/2019	“Primeira vez com negão não dói” diz promotor a defensora na Bahia
06/07/2019	Por segurança, Doria testa colocar PMs da reserva em escolas da rede estadual
06/07/2019	Saúde amplia vacinação contra sarampo em SP
07/07/2019	Incêndio em marina atinge embarcações de luxo no litoral paulista
07/07/2019	3 moradores de rua morrem em SP em meio à onda de frio
07/07/2019	Prefeitura de SP remove roupas e cobertas de cuidador de praça
08/07/2019	Moradores da Maré pedem volta de restrição à polícia
08/07/2019	Polícia apreende mais de 500 diamantes em MT
09/07/2019	Tradutora brasileira é encontrada morta em quarto de hotel em Santiago, Chile
09/07/2019	Polícia Federal prende suspeitos de integrar máfia italiana em SP
10/07/2019	Família não consegue levar corpo de americana
10/07/2019	Servidores do Paraná ocupam Assembleia
11/07/2019	Churrasqueira em quarto pode ser causa da morte de família
11/07/2019	Promotoria de SP denuncia policiais suspeitos de estuprar jovem em viatura
11/07/2019	Relator do Senado quer exigir exame toxicológico para aquisição de arma
11/07/2019	Procuradoria questiona teste de HIV em concurso da aeronáutica
11/07/2019	General Heleno diz que seu salário de 19 mil líquidos é vergonhoso
11/07/2019	Motorista fica 10h amarrado em morro na zona leste após assalto
11/07/2019	Proibição ao uso de cigarro em estádios passa no Senado
11/07/2019	Governo Bolsonaro estuda mudanças para reintegrar cubanos ao Mais Médicos
11/07/2019	Prefeito e primeira-dama de Osasco recebem alta 12 dias após a explosão
12/07/2019	Falha em barragem na Bahia deixa 350 famílias desalojadas
12/07/2019	Governo planeja implantar 108 escolas militares até 2023
12/07/2019	Covas aceita valor mínimo do TCM e remarca leilão do Anhembi
12/07/2019	Estado de SP pode voltar a fretar ônibus escolares, diz vice de Doria
12/07/2019	Polícia do RJ não conclui causa da morte da americana em Paraty
13/07/2019	Nova barragem em BA e põe cidade em alerta
13/07/2019	CPTM é condenada a indenizar filhas de mulher morta por trem
13/07/2019	Monomotor cai em quintal de casa e mata duas pessoas em SP
14/07/2019	Vítima de queda de avião era acionista da Aché
15/07/2019	Bolsonaro diz que taxa em Noronha é "roubo" e vai revê-la

15/07/2019	Família é achada morta dentro de casa na Grande SP
16/07/2019	Em evento na ONU, Covas critica política ambiental de Bolsonaro
16/07/2019	Médico é acusado de abuso sexual no Ceará
16/07/2019	Dado errado tira 10 mil pessoas de balanço de presídios em 1 ano
17/07/2019	Irmãos são pegos com arma do pai em estação de metrô em SP
17/07/2019	Brasileiro que estudava na China é achado morto
17/07/2019	Investigado sob suspeita de abuso, médico tem licença suspensa no CE
17/07/2019	Saúde suspende contratos para produção de remédios
17/07/2019	Ministro Salles vai a Noronha discutir taxas para turistas
18/07/2019	Bombeiros cassam licença de local de festa junina em Osasco
18/07/2019	Cadeirante sobe escada sentado em posto do INSS
19/07/2019	Religiões afro terão 'atenção especial' afirma Damares
19/07/2019	Barragem no interior de SP com risco elevado ameaça famílias
19/07/2019	Em Noronha, ministro não explica plano para reverter taxa
19/07/2019	Estudante negro é agredido por seguranças em rodoviária na BA
19/07/2019	Homem é condenado a 15 anos por decepar mãos de mulher
20/07/2019	Médico suspeito de abusar de pacientes é preso no Ceará
20/07/2019	Garotas de programa fazem anúncio em patinetes
20/07/2019	Justiça concede a Bruno volta ao regime semiaberto
20/07/2019	Saúde quer rever modelo de parcerias para a produção de medicamentos
20/07/2019	SP vacina jovens de 15 a 29 anos contra o sarampo hoje
22/07/2019	Bombeiros da Bahia têm a 1º tenente-coronel em 124 anos
22/07/2019	Folha faz concurso sobre mobilidade em Instagram
23/07/2019	Famílias de jovens abusados em estação no Rio fecham acordo com empresa
23/07/2019	Em férias, Weintraub discute com ativistas no PA
24/07/2019	Planos de saúde individuais terão alta de até 7,35%
24/07/2019	Mãe perde guarda do filho por 'risco diuturno de morrer' no Rio
25/07/2019	Justiça anula sentença, e dois condenados por chacina terão novo juri
25/07/2019	Witzel quer adaptar investigações de milícias a decisão de Toffoli
25/07/2019	No ABC, mulher morre ao cair de brinquedo na Cidade da Criança
25/07/2019	Morre Rowena, a ursa tristonha que inspirou Rita Lee
25/07/2019	Incêndio atinge hotel em Campos do Jordão
26/07/2019	Bolsonaro autoriza PM da ativa em escola militar
28/07/2019	Questão ambiental é para veganos que só comem vegetal, diz Bolsonaro
29/07/2019	Acidente de trânsito mata turistas em Maragogi
29/07/2019	Jovens morrem após choque de carro com poste

29/07/2019	Motorista invade base da PM para fugir de assalto
29/07/2019	Dois morrem a facadas em ataque na zona sul do Rio
29/07/2019	Superintendente do CET é morto ao chegar em casa
30/07/2019	Moro quer líderes de facções 'para sempre' em presídios federais
30/07/2019	Witzel diz que teria dado tiro na cabeça de homem que esfaqueou dois
30/07/2019	Polícia prende 3º suspeito de roubo em SP
30/07/2019	Motorista acusado de atropelar idosa se entrega a polícia
31/07/2019	Mineradora quer ressarcimento de ouro roubado
31/07/2019	Casos de sarampo na cidade de São Paulo saltam 33% em 11 dias
31/07/2019	Covas adia decisão de tirar cobradores de ônibus de SP
01/08/2019	MEC atrasa decisão, e Bahia tem universidade sem reitor
01/08/2019	Ex-dono da Gol vai à Justiça para cumprir em casa pena por morte
01/08/2019	Suspeito de atropelar idosa com carro de luxo nos Jardins é solto
01/08/2019	Governo quer agência para gerir seleção de novo mais médicos
01/08/2019	Inquérito sobre morte de criança no Metrô é arquivado
02/08/2019	Porshe que atropelou idosa nos Jardins acumula 98 multas
02/08/2019	Bolsonaro escolhe 3º de listra tríplice para reitor na BA
03/08/2019	Justiça determina suspensão de obras no Vale do Anhangabaú
03/08/2019	STF revoga prisão preventiva, mas Elias Maluco permanecerá preso
03/08/2019	Tirroteio deixa suspeito de assalto morto na marginal Pinheiros
04/08/2019	Polícia prende quarto suspeito por roubo de ouro em Cumbica
05/08/2019	Motorista dirige por 70km na contramão na Castello Branco
06/08/2019	Oito meses após o crime, polícia prende suspeito de ataque homofóbico em PE
06/08/2019	Justiça decreta prisão preventiva de 6 suspeitos de roubo de ouro
07/08/2019	Não tem hard, mas tem reportagens que são suíte de hards anteriores - como a do ouro
08/08/2019	Moro diz que homens são violentos por se intimidarem com mulheres e é criticado
08/08/2019	Bandidos quase levaram quase 2 t de ouro, diz polícia
09/08/2019	Dança do pombo' infecção por fungo mata 2 em SP
09/08/2019	Fiocruz é autorizada a divulgar estudo censurado sobre drogas no país
09/08/2019	Alexandre Nardoni deixa penitenciária para dia dos pais
09/08/2019	STF nega por unanimidade pedido para flexibilizar o ECA
09/08/2019	Homens devem abrir porta de fábrica a mulheres, diz Damares
11/08/2019	Decreto em SP veta patinete elétrico na calçada
11/08/2019	Weintraub diz que notícia sobre Inep induz terror
13/08/2019	PT processa Moro e Bolsonaro por criar elo com PCC

14/08/2019	'Reis dos fiscais' é condenado a 54 anos por cobrança de propina em São Paulo
14/08/2019	Sarampo avança em SP na reta final da campanha
15/08/2019	Traficantes do 'Bonde de Jesus' são presos por ataques terroristas
15/08/2019	Abertura da Festa do Peão de Barretos terá Bolsonaro
16/08/2019	Vacinação contra sarampo vai até o dia 31 em São Paulo
16/08/2019	Política de alfabetização ganha cartilha, mas não traz detalhes
16/08/2019	Ministério diz que vai manter apoio ao ensino médio integral
17/08/2019	Portaria libera posse de armas iguais às da Polícia Militar de São Paulo
17/08/2019	Mais 4 universidades de Portugal aceitam o Enem na Seleção
20/08/2019	Estudante reage a assalto e é morto em república na zona oeste de São Paulo
20/08/2019	Motorista de carro de luxo atropela moradores de rua e foge
20/08/2019	Se estiver errado, será punido, diz Covas sobre fiscal suspeito
21/08/2019	Servidor de subprefeitura é preso com R\$ 200 mil
22/08/2019	Alexandre Schneider é novo colunista da Folha
22/08/2019	Câmara ameniza regras para armas no campo
22/08/2019	Adolescente invade escola no RS e ataca estudantes com machado
22/08/2019	Licitação de ônibus é barrada de vez pela justiça
23/08/2019	General da reserva vai ocupar diretoria que cuida do Enem, sem chefe desde maio
24/08/2019	Obras no Santos Dumont, no Rio, tem início nesse sábado
28/08/2019	MEC cancela premiação de professores de escolas de educação básica
29/08/2019	Na capital, 59% dos jovens não foram vacinados
29/08/2019	Governo Bolsonaro tenta acelerar tramitação do Future-se no Congresso
30/08/2019	Empresário foragido é preso por morte em 1998
30/08/2019	Esfagueado, turista chinês morre em tentativa de assalto no Rio
30/08/2019	Bolsonaro promete indulto a policiais presos injustamente
01/09/2019	Prefeitura de SP suspende ciclovias aos domingos
02/09/2019	Grupo atira bomba de gás em restaurante palestino em SP
03/09/2019	Covas assina lei que proíbe fumo em parques de SP
04/09/2019	Universidades são suspeitas de fraude no Fies
04/09/2019	PoliciaI morre após ser atropelada por carro roubado na Grande SP
04/09/2019	RJ terá unidade para investigar policiais envolvidos com milícia
05/09/2019	Justiça decreta prisão de dois suspeitos de torturarem jovem em supermercado
05/09/2019	Motoristas e cobradores fazem protesto em SP hoje
06/09/2019	Holiday é chamado de 'macaco de auditório' por vereador

06/09/2019	Air-France não será julgada por queda de voo Rio-Paris em 2009
07/09/2019	Carro de app sem inspeção não poderá ser multado
07/09/2019	Bolsonaro assina medida que cria carteirinha digital
07/09/2019	País pede 33 mi de doses de vacina sarampo à Opas
08/09/2019	Memorial a mortos na ditadura pega fogo no Rio
08/09/2019	Doria inaugura obra de restauro e ampliação do Museu do Ipiranga
09/09/2019	SP multará empresa sem cadastro de lixo
09/09/2019	Homem morre após cair de patinete em Belo Horizonte
10/09/2019	Doria demite e cassa aposentadoria de ex-chefe de presídios que fez fortuna
10/09/2019	Suspeitos de torturar garoto são indiciados
10/09/2019	Vereador de 57 anos é assassinado a tiros na região dos Lagos, no RJ
11/09/2019	Justiça absolve cunhado de Ana Hickman por morte de homem em MG
11/09/2019	Justiça manda Doria devolver a alunos apostilas recolhidas
11/09/2019	Em dia tenso, cracolândia tem tiro e guarda-civil em megaoperação
11/09/2019	Prefeitura abre cadastramento de blocos para Carnaval de rua
12/09/2019	Casos de sarampo confirmados em São Paulo chegam a 3.591
12/09/2019	MEC recua e descongela 3.182 bolsas de pesquisa
13/09/2019	Prefeitura testa pagamento de ônibus com cartão
13/09/2019	Fogo interdita viaduto do Brás, em São Paulo
13/09/2019	Ministério Público recua e pede que Witzel conclua obra de metrô parada
13/09/2019	Mostra de charges deverá ser reaberta em Porto Alegre
13/09/2019	CPI da Assembleia de Minas acusa cúpula da Vale
14/09/2019	Thiago Amparo passa a escrever às segundas feiras
14/09/2019	Tribunal de Justiça liera serviço de mototáxi na cidade de São Paulo
15/09/2019	Hospitais deveriam ter controle de fumaça e elevador de segurança
17/09/2019	Morre 12ª vítima de incêndio em hospital
18/09/2019	Morrem mais 2 pacientes internadas em hospital que pegou fogo no Rio de Janeiro
18/09/2019	Aeroporto Santos Dumont volta a operar no sábado
18/09/2019	Regras mais brandas para tirar a carteira de motorista entrar em vigor no país
18/09/2019	Relator propõe reincorporar 1800 cubanos aos Mais Médicos por 2 anos
19/09/2019	Gestão Covas suspende fiscal milionário suspeito de cobrar propina
19/09/2019	TCM não baixa valor, e venda de Anhembi volta à estaca zero
19/09/2019	Operação do Alemão deixa 5 mortos no Rio
20/09/2019	Lei que permite a idosos e mulheres descerem fora do ponto é aprovada

20/09/2019	Casos confirmados de sarampo no país chegam a 4476 desde janeiro
20/09/2019	Suspeito de construir prédios que desabaram na Muzema é preso
20/09/2019	Vale terá que pagar R\$ 12 mi para famílias de vítimas de Brumadinho
21/09/2019	Colunista lança livro sobre como criar filhos na era da educação
21/09/2019	Palavra Aberta e Google darão curso de educação didática
22/09/2019	Festival #Agora fala sobre desafios da mulher no poder
23/09/2019	Em menos de 24h, Rio tem dois PMs mortos em serviço
23/09/2019	Estreia na Folha blog sobre saúde pública no país
24/09/2019	Ofício de Weintraub para redes de ensino retoma diretrizes do Escola sem Partido
24/09/2019	PUC de São Paulo anuncia criação de seis novos cursos
25/09/2019	Associação prevê mais poluição com uso de apps de transporte
25/09/2019	Militar da Legião Estrangeira atinge e mata garimpeiro brasileiro na Guiana Francesa
25/09/2019	Mudem essa política de atirar', pedem pais da menina Ágatha
25/09/2019	Polícia prende 5 de 6 suspeitos de torturar homem em supermercado
26/09/2019	Câmara de SP aprova anistia a imóvel irregular
26/09/2019	Bala que matou Ágatha é de fuzil, mas não pode ser comparada a de PMs
26/09/2019	São Paulo confirma mais 2 mortes por sarampo
26/09/2019	Dória anuncia investimento de R\$ 1 bilhão em 60 mil moradias
27/09/2019	PF faz operação no Ceará após uma semana de ataques
28/09/2019	Dória comemora obra adiantada de estação atrasada
29/09/2019	Kombi em que Ágatha estava no Rio, foi lavada antes de perícia
30/09/2019	Galeria do Rock e Sesc 24 de Maio são pichados em festa da Prefeitura de SP
01/10/2019	Menina de 9 anos é encontrada morta em parque de São Paulo
01/10/2019	Professora é estuprada dentro de carro em escola municipal na zona leste de SP
01/10/2019	Premiação celebra 15 anos com 7 finalistas
01/10/2019	Novo parasita infecta mais de cem pessoas no Nordeste
02/10/2019	DF e 15 estados aderem ao projeto de escolas militares de Bolsonaro
02/10/2019	SP tem recorde de blocos inscritos para o Carnaval de rua em 2020
03/10/2019	Justiça derruba liminar que barrava a criação do parque Minhocão
03/10/2019	Mais 4 mortes por sarampo são confirmadas em SP
03/10/2019	Aluna é esfaqueada dentro de escola na Grande São Paulo
04/10/2019	Arquiteta é condenada a 67 anos pela morte dos pais na 113 sul
04/10/2019	MEC libera mais bolsas, SP adere a plano para escolas militares

05/10/2019	Garota de 13 anos atira em homem que entrou em fazenda no MT
05/10/2019	Guerra entre facções deixa ao menos 3 mortos na zona norte do Rio de Janeiro
05/10/2019	Motorista de aplicativo é morto em tentativa de assalto em SP
06/10/2019	Bolsonaro vai suspender campanha de pacote anticrime
07/10/2019	Incêndio atinge sítio arqueológico no Pará
07/10/2019	Bando invade TV Cultura para roubar caixas eletrônicas
07/10/2019	Seis pessoas são baleadas em briga no centro de SP
07/10/2019	Novo podcast da Folha vai acompanhar rotina de grávidas
08/10/2019	Transporte escolar irregular agora é falta gravíssima
08/10/2019	Mais duas estações do metrô têm teste de bilhete digital
09/10/2019	TCU suspende campanha do pacote anticrime de Moro
09/10/2019	MEC quer inscrever mais 1,5m no ensino técnico, mas não define orçamento
09/10/2019	Lei que tira arma de agressor de mulher é sancionada
09/10/2019	Ciclofaixa de Lazer voltam em novembro em SP
09/10/2019	Após denúncias de tortura, chefe de força-tarefa no PA é afastado
10/10/2019	Lei que previa atendimento de psicólogo na rede escolar é barrada por Bolsonaro
10/10/2019	TCU mantém veto a publicidade do pacote anticrime
10/10/2019	Estado de São Paulo tem mais 3 mortes por sarampo confirmadas
10/10/2019	Polícia adia depoimento de militares dos 257 tiros
10/10/2019	Morre 19ª vítima do incêndio no hospital Badim, no Rio de Janeiro
10/10/2019	Só Pirituba terá nova eleição para conselheiros
11/10/2019	Escola em BH anula prova com texto de Duvivier
11/10/2019	Câmara dos deputados aprova em 1º turno PEC que cria polícia penal
12/10/2019	Justiça de SP barra licitação de Doria para ceder prisões
12/10/2019	Polícia acha ponto de distribuição de drogas nos Jardins
15/10/2019	Tribunal de contas também barra licitação de Doria para presídios
16/10/2019	Explosões em empresa de gás deixam quatro mortos em Boa Vista
16/10/2019	Após reveses, Doria suspende concessão de quatro presídios
16/10/2019	Faculdade e ONG lançam virada da consciência
17/10/2019	Ministério libera R\$ 43 mi para obras em federais
17/10/2019	Lei que dá prazos para SUS fazer exames de câncer é aprovada
17/10/2019	Casos de sarampo chegam a 8,6 mil em SP; sábado é Dia D
17/10/2019	Operação interdita sedes de associação de policiais militares após greve na Bahia
17/10/2019	Contra roubo de cargas, Witzel quer fechar acesso a favelas do RJ

18/10/2019	Laudo afirma que Raissa, 9, foi estuprada antes de ser morta
18/10/2019	Justiça revoga prisão domiciliar de Roger Abdelmassih
18/10/2019	Governo de SP cria app para facilitar doações a ONGs
18/10/2019	Promotoria pede 8 anos de prisão domiciliar para militar que levou cocaína em avião da presidência
18/10/2019	Folha estreia blog com narrativas, reflexões e pensamentos sob a perspectiva do negro
20/10/2019	Polícia prende um dos traficantes mais procurados
20/10/2019	Com fuzis, bando invade área de cargas no Galeão
21/10/2019	SP tem só 13,3% da meta de vacinação contra sarampo
21/10/2019	Suspeito de nove estupros é preso preventivamente
21/10/2019	Morre quarto bombeiro ferido em boate do Rio
23/10/2019	Piloto é a quarta vítima de queda de monomotor em rua de Belo Horizonte
24/10/2019	Sem CNH, motorista de 18 anos em carro de luxo mata motociclista em SP
24/10/2019	Homem leva 4 tiros após beijar a namorada na BA
25/10/2019	Proposta para homenagear Damares gera polêmica em SP
25/10/2019	Lei de planos de saúde é restritiva e engessada, afirma ministro da saúde
25/10/2019	Motorista mulher poderá aceitar só passageira com serviço da Uber
26/10/2019	Ladrão invade igrejas, rende padre e rouba fiéis na zona leste de SP
26/10/2019	Internado, Covas recebe diagnóstico de trombose
29/10/2019	Adolescente é espancado por seguranças da CPTM
29/10/2019	Maia diz que debate da FUNDEB trava se for para mundo real
30/10/2019	Chinês é preso com arsenal em boate no centro de SP
30/10/2019	Mãe e parceira vão a júri no DF acusadas de matar o menino Rhuan
30/10/2019	Ciclistas reclamam da falta de aviso para obras em SP
31/10/2019	Criança é morta a facadas a caminho da escola em MG
31/10/2019	Comissão aprova novo marco do saneamento
31/10/2019	Justiça libera concessão do Ibirapuera para iniciativa privada
31/10/2019	Covas reage bem à química, afirma Eduardo Tuma
31/10/2019	Gestoras de 104 creches de SP são descredenciadas